

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Giordana Machado da Luz

**FATORES INTERVENIENTES NO USO DOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS AO AR LIVRE POR CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS**

Florianópolis

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Giordana Machado da Luz

**FATORES INTERVENIENTES NO USO DOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS AO AR LIVRE POR CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS**

Dissertação de mestrado submetida  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da Universidade Federal  
de Santa Catarina para a obtenção  
do Grau de Mestre em Psicologia.  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ariane  
Kuhnen

Florianópolis

2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

L979f Luz, Giordana Machado da  
Fatores intervenientes no uso dos espaços públicos  
ao ar livre por crianças de 6 a 12 anos [dissertação] /  
Giordana Machado da Luz ; orientadora, Ariane Kuhnen. -  
Florianópolis, SC, 2010.

1 v.: il., tabs., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia ambiental. 2. Espaços públicos. 3.  
Crianças - Desenvolvimento. 4. Mapeamento comportamental.  
I. Kuhnen, Ariane. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.  
Título.

CDU 159.9

Giordana Machado da Luz

## **FATORES INTERVENIENTES NO USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS AO AR LIVRE POR CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Psicologia”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Florianópolis, 02 de março de 2010.

---

Dra. Kátia Maheirie  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)

### **Banca Examinadora:**

---

Ariane Kuhnen  
(PPGP/UFSC - Orientadora)

Dr. José Queiroz Pinheiro  
(UFRN - Examinador)

Dr. Mauro Luís Vieira  
(PPGP/UFSC - Examinador)

Dr. Emílio Takase  
(PPGP/UFSC - Examinador)



À Luiz Carlos e Artur.



## AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro Luiz Carlos, pelo amor, força, paciência e ajuda constantes;

Aos meus pais e familiares, pelo apoio, afeto e dedicação;

À minha amiga Andréia, pela contribuição efetiva com este trabalho;

À professora e orientadora Ariane Kuhnen, pela paciência e incentivos;

À equipe do Laboratório de Psicologia Ambiental, pelo esforço em contribuir com este trabalho;

Ao Artur, pela inspiração e tranquilidade no final desta etapa.



A Criança Que Ri na Rua

A CRIANÇA que ri na rua,  
A música que vem no acaso,  
A tela absurda, a estátua nua,  
A bondade que não tem prazo -

Tudo isso excede este rigor  
Que o raciocínio dá a tudo,  
E tem qualquer coisa de amor,  
Ainda que o amor seja mudo

Fernando Pessoa



## RESUMO

O espaço público ao ar livre tem se mostrado importante para o desenvolvimento infantil por oportunizar habilidades físicas, cognitivas, sociais e psicológicas. Mudanças sociais, econômicas e espaciais, contudo, têm interferido no acesso e no comportamento de uso de tais espaços, podendo trazer prejuízos à saúde e ao desenvolvimento das crianças. Esta pesquisa teve como objetivo investigar as características sociofísicas dos espaços públicos ao ar livre que intervêm no comportamento de uso das crianças, e compreender de que forma tais características se relacionam. Para tanto, os dados foram coletados a partir de observações, através da técnica de mapeamento comportamental centrado-na-pessoa, e de entrevistas, com crianças de 6 a 12 anos e seus respectivos responsáveis. Foram analisados, ainda, os espaços públicos ao ar livre destinados à população estudada. Os resultados apontam que características físicas, como a diversidade e conservação dos equipamentos, influenciam no tipo de brincadeira e nível de interação entre as crianças. A presença de vegetação pode estimular também a atividade física, pois aparece como um atributo do espaço importante na opinião dos usuários, assim como a segurança do local e a relação com a vizinhança. O motivo frequentemente referido para o uso das praças é a oportunidade de brincadeira, e os equipamentos preferidos pelas crianças são os que propiciam maior mobilidade e diversidade de atividades. A possibilidade de socialização também é mencionada como importante para os usuários, sendo que os responsáveis pelas crianças percebem a praça como espaço de bem estar coletivo.

**Palavras-chaves:** Psicologia Ambiental, Espaços Públicos ao Ar Livre, Desenvolvimento Infantil, Mapeamento Comportamental.



## ABSTRACT

Outdoor public spaces are important for developing motor, social and affectionate skills. Social, economic and space changes, however, have interfered on the access and on the use of these spaces, with a possibility of bringing harm to children's health and development. This research aims to investigate the socioffisicas characteristics of the outdoor public spaces that interfere in the children's use and comprehend their relations. For both, the data were collected from observations, through the behavioral mapping technique focused-on-the-person and questionnaires with children from 6 to 12 years old and with their responsible. Besides, outdoor public spaces intended for the studied population were also examined. The results suggest that physical characteristics such as diversity and conservation of equipment, influence on the type of joke and level of interaction among children. The presence of vegetation can stimulate also physical activity, because it appears as an attribute of the space is important in view of users, as well as local security and the relationship with neighbourhood. The reason often referred to the use of squares is the opportunity to play, and equipment preferred by children are those who nurture greater mobility and diversity of activities. The possibility of socialization is also mentioned as important for users and the responsible children perceive the square as a space of collective well-being.

**Keywords:** Environmental Psychology, outdoor public spaces, child development, behavioral mapping



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura</b>	<b>Página</b>
1. Esquema do estudo exploratório.....	55
2. Planta baixa da Praça Antônio Assis Gonçalves.....	56
3. Planta baixa da Praça do Congresso.....	57
4. Planta baixa da Praça Florentina de Oliveira Costa	58
5. Planta baixa da Praça Pedro Bratti.....	59
6. Mapa do município de Criciúma subdividido em regiões.....	64
7. Fluxo de registro do mapeamento comportamental centrado-na-pessoa.....	65
8. Equipamentos nos parques das praças pesquisadas..	71
9. Condição de manutenção das praças.....	75
10. Condição de segurança em relação ao tráfego de veículos e proximidade as vias de circulação.....	77
11. Presença de vegetação nas praças pesquisadas.....	78
12. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P1 .....	81
13. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P2 .....	82
14. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P3 .....	83
15. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P4.....	84
16. Planta baixa da P1 modificada.....	124
17. Planta baixa da P2 modificada.....	126
18. Planta baixa da P3 modificada.....	128
19. Planta baixa da P4 modificada a partir do projeto 2	130



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro</b>		<b>Página</b>
1.	Descrição e ilustração dos equipamentos disponibilizados nos contextos de coleta de dados	72



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela</b>	<b>Página</b>
1. Estudos nacionais crianças e espaços.....	42
2. Características do entorno em termos de uso e padrão das edificações.....	60
3. Tipo de equipamentos presentes nos parques.....	60
4. Condição de manutenção das praças pesquisadas....	69
5. Condição de segurança das praças pesquisadas.....	70
6. Intensidade de tráfego e proximidades das vias de circulação em relação aos espaços.....	73
7. Presença de vegetação nas praças pesquisadas.....	75
8. Número de participantes por praça e gênero.....	75
9. Número de participantes por praça e faixa etária....	77
10. Ocupação das praças por dia da semana e turno....	79
11. Número de participantes por tempo de permanência (minutos) e praça.....	79
12. Número de participantes por praça e tipo de ocupação.....	80
13. Número de participantes por praça e atividade principal.....	84
14. Número de participantes por gênero e atividade principal.....	85
15. Número de participantes por idade e atividade principal.....	86
16. Número de participantes por tempo e atividade principal.....	87
17. Número de participantes por praça e setores utilizados.....	88
18. Distância percorrida até a praça.....	89
19. Meio de locomoção até a praça.....	90
20. Companhia até a praça.....	90
21. Frequência de uso por praça.....	91
22. Preferência positiva por praça.....	91
23. Preferência de equipamento por praça.....	92

24. Preferência negativa por praça.....	93
25. Preferência de equipamento por praça.....	93
26. Motivos de uso do espaço por praça.....	94
27. Opinião sobre o espaço por praça.....	94
28. Opinião quanto a mudanças no espaço por praça.....	95
29. Número de responsáveis entrevistados por faixa etária e gênero.....	96
30. Número de responsáveis entrevistados por praça e gênero.....	96
31. Número de responsáveis e crianças entrevistados por praça.....	96
32. Número de responsáveis entrevistados por praça e escolaridade.....	97
33. Número de responsáveis entrevistados por praça e renda familiar.....	97
34. Número de responsáveis entrevistados por praça e ocupação profissional.....	98
35. Tempo de residência por praça.....	98
36. Atributos do lugar por praça.....	99
37. Opinião sobre a vizinhança por praça.....	99
38. Segurança por praça.....	100
39. Freqüência de roubos e assaltos por praça.....	100
40. Freqüência de acidentes e atropelamentos por praça	101
41. Opinião sobre a praça.....	102
42. Motivos de importância da praça para o desenvolvimento das crianças.....	102
43. Habilidades que as crianças podem desenvolver na praça.....	103
44. Riscos na praça.....	104
45. Opinião quanto a mudanças na praça.....	104

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>2.OBJETIVOS.....</b>	<b>31</b>
2.1 Objetivo Geral.....	31
2.2Objetivos Específicos.....	31
<b>3.REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>33</b>
3.1 A Psicologia Ambiental e o Desenvolvimento Infantil.....	33
3.1.1 Perspectivas históricas e epistemológicas da Psicologia Ambiental.....	33
3.1.2 Interfaces de estudo entre a Psicologia Ambiental e a Psicologia do Desenvolvimento.....	36
3.2 Os espaços públicos ao ar livre.....	39
3.2.1 A importância dos espaços públicos ao ar livre para o desenvolvimento infantil.....	39
3.2.2 Espaços públicos ao ar livre: disponíveis?.....	42
3.3 Fatores intervenientes no comportamento de uso dos espaços públicos ao ar livre pelas crianças.....	47
3.3.1 Qualidade do projeto: estrutura e manutenção.....	48
3.3.2 Condições psicossociais: percepção e relação dos usuários com a vizinhança.....	50
3.3.3 Condições físicas: a presença de áreas verdes.....	52
<b>4. MÉTODO.....</b>	<b>55</b>
4.1 Caracterização da pesquisa.....	55
4.2 Contextos de coleta de dados.....	55
4.2.1 Escolha dos contextos.....	55
4.2.2 Caracterização dos contextos.....	56
4.3 Participantes.....	59
4.4 Instrumentos.....	61
4.4.1 Planilha de avaliação dos espaços públicos ao ar livre.....	61
4.4.2 Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa.....	62
4.4.3 Entrevista individual a partir de roteiro.....	62
4.4.4 Diário de campo.....	63

4.5 Procedimentos de coleta de dados.....	63
4.5.1 Estudo preliminar.....	63
4.5.2 Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa.....	65
4.5.3 Entrevista a partir de roteiro.....	66
4.5.4 Diário de campo.....	67
4.5.5 Teste piloto e de concordância.....	67
4.6 Análise de dados.....	67
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>69</b>
5.1 Estudo Preliminar: conhecendo os espaços.....	69
5.1.1 O entorno das praças.....	69
5.1.2 Qualidade do projeto.....	69
5.1.3 Condições de segurança.....	75
5.1.4 Condições físicas.....	77
5.2 Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa e diário de campo.....	78
5.2.1 Conhecendo os modos de ocupação dos espaços.....	78
5.2.2 Mapeando o uso dos espaços pelas crianças.....	80
5.3 Entrevistas.....	89
5.3.1 Conhecendo a opinião das crianças sobre os espaços públicos ao ar livre.....	89
5.3.2 Conhecendo a opinião dos responsáveis sobre os espaços públicos ao ar livre.....	95
<b>6.DISSCUSSÃO.....</b>	<b>107</b>
6.1 O uso dos espaços públicos ao ar livre a partir das características das pessoas.....	107
6.2 O uso dos espaços públicos ao ar livre a partir das características do ambiente.....	113
6.2.1 Qualidade do projeto.....	113
6.2.2 A presença de áreas verdes.....	116
6.3 Contribuições do estudo do ambiente ao desenvolvimento infantil.....	117
<b>7.RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>121</b>
7.1 Recomendações à Praça Antônio Assis Gonçalves.....	121
7.2 Recomendações à Praça do Congresso.....	124
7.3 Recomendações à Praça Florentina de Oliveira Costa.....	126

7.4 Recomendações à Praça Pedro Bratti.....	128
7.5 Finalizando.....	130
<b>8.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
8.1 Conclusões.....	137
<b>9.REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>
<b>10.ANEXOS.....</b>	<b>147</b>
<b>11.APÊNDICES.....</b>	<b>149</b>



# 1. INTRODUÇÃO

Até o século XIX a rua era o espaço de socialização e brincadeira por excelência, tanto de crianças como de adultos. Com o crescimento das cidades e a conseqüente inibição da brincadeira na rua, tornou-se necessária a criação de espaços exclusivos de lazer infantil. Os parques públicos infantis foram criados no fim do século XIX, pós-revolução industrial, tornando-se a praça pública o espaço urbano de lazer da família da classe trabalhadora. A princípio, os parques infantis possuíam um “coordenador” que tinha a função de mediar as atividades desenvolvidas e evitar riscos físicos para as crianças usuárias do espaço, em sua maioria pré-escolares (Oliveira, 2004).

Nos últimos 50 anos, mudanças sociais e econômicas vêm restringindo o acesso das pessoas aos ambientes públicos ao ar livre. Os centros urbanos são os que mais sofrem com o adensamento populacional e de veículos, com a redução das áreas verdes e com o aumento da criminalidade. A rua, outrora lugar de socialização e lazer, tornou-se via de circulação e lugar de perigo, sobretudo para as crianças. As praças públicas e parques infantis também sofrem com o abandono do poder público e, muitas vezes, são utilizados para fins ilícitos como o tráfico de drogas e o vandalismo.

Os parques infantis, assim como a rua, foram perdendo lugar na vida das crianças, sendo que as creches e escolas passaram a ser o espaço de interação infantil por excelência, principalmente após a entrada da mulher no mercado de trabalho. O ambiente escolar, contudo, nem sempre está preparado para suprir a demanda infantil no que se refere à qualidade e quantidade de espaços livres disponíveis. As escolas, geralmente, não possuem pátio, vegetação e playgrounds, dificultando o brincar livremente e, às vezes, criando situações de conflito devido às colisões e disputas por espaço. Há casos em que o espaço existe, mas é subutilizado por ser pouco atrativo ou sugerir algum risco à segurança das crianças. Em ambientes fechados a atividade física é limitada, dificultando o desenvolvimento motor amplo, a agilidade, a destreza, a força, assim como o desenvolvimento lúdico, a descoberta, o desconhecido, a imaginação.

O parque infantil pode ser um dos primeiros espaços onde a criança tem oportunidade de se relacionar com outras crianças e adultos não integrantes de sua família, estimulando o contato com a diversidade

cultural, étnica e social e ajudando a construir o sentido de cidadania. Além disso, propicia o contato com a natureza e a variedade de materiais, cores, texturas e relevos. Os espaços ao ar livre promovem o desenvolvimento físico, cognitivo, social e psicológico, através da atividade do brincar.

O brincar pode ser considerado como um comportamento livre, espontâneo, sem fim em si mesmo, exercido pelo simples prazer em praticar tal atividade. Todavia, este comportamento possibilita a aprendizagem de várias atividades importantes ao desenvolvimento integral da criança. O comportamento do brincar foi selecionado pela espécie, mas sofre influência de fatores culturais, sociais, econômicos e espaciais. Os espaços de brincadeira também foram se modificando a partir de mudanças no modelo social e familiar. Assim o comportamento foi-se modificando no tempo e espaço, alterando-se o conteúdo do brincar e os tipos de brincadeira realizados pelas crianças.

Acredita-se que não apenas o comportamento do brincar, mas o uso dos espaços públicos ao ar livre vem se modificando, a partir da relação com os demais ambientes de desenvolvimento, sejam eles diretos (família, escola, vizinhos) ou indiretos (violência urbana, descaso do poder público). Além disso, as pessoas não investem afetivamente em todo ou qualquer lugar, mas nos que apresentam características/oportunidades de satisfazer suas necessidades pessoais. Desta forma o apego a um dado lugar pode se modificar dependendo da fase do desenvolvimento em que a pessoa se encontra (características pessoais) e do quanto o espaço pode ser atrativo à pessoa (características espaciais).

Estudos nacionais e internacionais vêm apontando as dificuldades de acesso das crianças aos espaços públicos ao ar livre. Pesquisas sobre o comportamento de uso das crianças em tais espaços, porém são escassos, principalmente na literatura nacional. O aumento da violência urbana, a falta de manutenção dos parques infantis e a percepção negativa dos pais em relação aos espaços públicos, são levantados como os principais inibidores de acesso e uso. Os resultados são pouco conclusivos, uma vez que cada estudo investiga um fator interveniente isolado do outro e, geralmente, fora do contexto em que a criança está inserida. A relação criança e espaço faz parte de um sistema maior que inclui as condições de vida, o padrão de comportamento familiar, o ambiente físico e a relação das pessoas que compõem o contexto de

desenvolvimento.

Sabendo da importância que os espaços desempenham no desenvolvimento físico, cognitivo, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso e uso dos espaços públicos ao ar livre tem sido apontada como prejudicial à saúde e maturação infantil, sobretudo por diminuir a mobilidade e a atividade física das crianças (Bell, Wilson & Liu, 2008; Holt, Spence, Sehn & Cutumisu, 2008; Hume, Jorna, Arundell, Saunders, Crawford & Salmon, 2008; Weir, Etelson & Brand, 2006). O acesso e uso dos espaços públicos ao ar livre pelas crianças tornam-se não apenas um problema espacial, mas um problema de saúde física e psicológica.

A partir da relevância social em se compreender como se dá a relação entre crianças e espaços públicos ao ar livre, principalmente por que a falta de acesso e uso dos mesmos vem trazendo prejuízo à saúde e ao desenvolvimento das crianças e, devido aos resultados poucos conclusivos e, às vezes, insuficientes, à compreensão de tal relação, faz-se necessário investigar e compreender **“que características sociofísicas dos espaços públicos ao ar livre intervêm no comportamento de uso das crianças?”**



## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Investigar as características sociofísicas dos espaços públicos ao ar livre que intervêm no comportamento de uso das crianças em um município do sul de Santa Catarina.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Caracterizar os espaços públicos ao ar livre quanto às condições de uso dos mesmos;
- Descrever os comportamentos e atividades desenvolvidas pelas crianças nos espaços;
- Conhecer a opinião dos usuários, crianças e seus responsáveis, sobre as condições de acesso e uso dos espaços;
- Identificar de que maneira as características dos espaços e a avaliação dos usuários influenciam no uso dos mesmos.



### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 A Psicologia Ambiental e o Desenvolvimento Infantil**

O presente capítulo teórico foi dividido em três partes a fim de facilitar a compreensão dos temas relacionados à revisão de literatura e aos pressupostos teóricos que nortearam o estudo do fenômeno em questão. A primeira parte introduz o leitor, de forma breve, à Psicologia Ambiental, que será tratada a partir de suas especificidades e sua relação com o desenvolvimento infantil. A segunda e terceira partes compreendem a revisão de literatura propriamente dita e pretendem apresentar resultados atuais, de estudos nacionais e internacionais, que envolvam a problemática crianças e espaços públicos ao ar livre, a forma como o tema vem sendo abordado e o papel do ambiente físico no desenvolvimento infantil.

##### **3.1.1 Perspectivas históricas e epistemológicas da Psicologia Ambiental**

A relação humana com o ambiente é visualizada pela ciência psicológica desde o seu nascimento, contudo, o meio físico nem sempre foi estudado específica e suficientemente de forma a demonstrar o papel que cumpre junto ao comportamento. Além disso, esta relação tem sido vista e compreendida de forma parcelada, sendo que algumas abordagens enfatizam os aspectos do ambiente e outras os aspectos da pessoa, acompanhando o recorte metodológico ou o referencial teórico adotado. Tem havido recomendações, em diferentes áreas da psicologia, para que “os modelos teóricos utilizados apreendam o sistema complexo formado pelo indivíduo em interação com seu ambiente, explicitando que não se devem estudar as pessoas à parte dos contextos em que estão inseridas.” (Günther, & Cunha, 2004, p. 147). A tentativa de ampliar o entendimento sobre o contexto físico e sua interligação com as pessoas tem sido umas das principais preocupações da Psicologia Ambiental.

Mesmo compreendendo suas especificidades em relação às demais subdisciplinas da psicologia, uma vez que tem tal identidade, é difícil ter uma definição precisa (ou única) do que seja a Psicologia Ambiental (Pinheiro, 2003). Este problema de definição tem algumas explicações advindas da própria subdisciplina como também da

disciplina maior, ou seja, questões ligadas ao próprio surgimento da psicologia como ciência. Ambas, disciplina e subdisciplina têm dificuldade de deixar clara sua delimitação em relação a outras áreas de conhecimento, dado à complexidade do objeto estudado. Além disso, a Psicologia Ambiental é uma área recente, com nascimento na década de 60, e sendo eminentemente aplicada, está aberta a resolução de novas questões advindas da demanda social (Valera, 1996). O que parece correto observar é que as definições estão relacionadas a determinadas épocas e ao enfoque teórico-metodológico adotado.

A noção de homem e de ambiente presente nos estudos de Psicologia Ambiental deriva de suas vertentes históricas e epistemológicas. Esta área teve duas origens formadoras, uma externa e outra interna à psicologia, de acordo com sua dupla natureza: o ambiente e o humano. Na vertente externa teve influência, principalmente, da arquitetura e urbanismo, geografia e ciências bioecológicas. Na vertente interna, os aportes da psicologia da percepção e da psicologia social foram os que mais contribuíram na busca de compreender os processos psicológicos presentes na inter-relação das pessoas com seus ambientes.

A psicologia da percepção define o ambiente principalmente em termos físicos e perceptuais e utiliza uma perspectiva mais individual e biofisiológica. A psicologia social caracteriza o meio ambiente como sócio-físico numa perspectiva mais interacionista e molar (Pinheiro, 2003). Para Pinheiro (2003), a abordagem teórica que manteve uma relação mais estreita com a Psicologia Ambiental, desde seu surgimento, foi a psicologia social, isto graças à ênfase dada aos processos de interação. Pode-se dizer, então, que é uma área que buscou referências teóricas e metodológicas na psicologia social, mas que tem especificidade no objeto: o meio ambiente, ou melhor, a relação humano-ambiental.

Atualmente as abordagens psicológicas não negam que exista interação entre a pessoa e o ambiente, contudo cada perspectiva pressupõe uma definição e tem uma epistemologia própria. Há duas vertentes principais: a de ênfase na pessoa, que segue o *paradigma estrutura-oportunidade* e a de ênfase no ambiente que segue o *paradigma sociocultural* (Valera, 1996). Tendo em vista a falta de métodos que abranjam a complexidade do fenômeno psíquico, os pesquisadores precisam fazer recortes no seu estudo para alcançar a

objetividade e o rigor necessário a um estudo de caráter científico. Em muitos casos, um aspecto acaba sendo mais enfatizado que o outro, ou seja, ora o humano, ora o ambiente, num jogo de avanços e retrocessos. O olhar do pesquisador sobre o objeto avança, no sentido de contextualizar o fenômeno e sua rede de inter-relações complexas, contudo os métodos utilizados nem sempre se mostram eficientes para captar tal realidade.

A saída encontrada pela Psicologia Ambiental para tentar abranger o máximo possível de aspectos do fenômeno vem sendo a utilização de multi-métodos ou multi-técnicas; alguns específicos para avaliar o comportamento humano, sua percepção e avaliação do ambiente (questionário, entrevistas, observação) e outros para avaliar a interação deste com o ambiente (*walk-through*, vestígios de comportamento, mapeamento comportamental, mapeamento cognitivo), mesmo sabendo da impossibilidade de esgotar a compreensão do fenômeno de interesse. Alguns métodos são utilizados visando encontrar saídas práticas a problemas da demanda social, devido ao caráter aplicado da área (Günther, Elali & Pinheiro, 2008).

A estreita relação com a demanda social crescente e seu caráter interdisciplinar vem dando a Psicologia Ambiental *status* de disciplina autônoma dentro da ciência psicológica, uma vez que possui objeto e métodos próprios. O advento da revolução tecnológica impulsionou estudos sobre bem estar, qualidade de vida, estresse ambiental e satisfação com os ambientes de trabalho e de residência. As investigações tinham por objetivo central estudar como as características do ambiente interagem com as características psicológicas dos sujeitos na determinação de suas representações e de seus comportamentos (Kuhnen, 2008), Este contexto deu origem a muitos estudos que podem ser enquadrados na vertente da Psicologia Ambiental Arquitetural.

Com o desenfreado uso dos recursos naturais, pós-revolução tecnológica, deu-se início à crise ambiental. O novo cenário preconizava que as questões ambientais devem ser encaradas como questões humano-ambientais e dão ênfase às investigações sobre a sustentabilidade no planeta. Seria o advento da Psicologia Ambiental Verde, vertente que se preocupa, entre outras coisas, com o manejo dos recursos naturais, conservação de energia, comportamento ecológico responsável. De Psicologia Ambiental Arquitetural a subdisciplina avança para a Psicologia Ambiental Verde (Pol, 1993). Uma constatação

disto é que a pesquisa da interação humana com ambientes naturais vem progredindo no decorrer dos anos, sendo que os últimos cinco anos concentram 50% dos estudos com este tema (Alves & Betrabet, 2008).

O crescente interesse pelos ambientes naturais não significa, porém, que a Psicologia Ambiental Verde vem se sobrepondo à Psicologia Ambiental Arquitetural, mas que as pesquisas tem se preocupado, principalmente, com a qualidade de vida das pessoas e em formas de transformar a relação “humanidade-planeta” mais sustentável/saudável. Estas preocupações envolvem questões do micro-contexto ou contexto imediato (tempo destinado ao lazer e convívio familiar, economia de recursos naturais, etc.) até o macro-ambiente (políticas públicas de conscientização, modelos culturais, etc.) e vêm demonstrar a necessidade, cada vez mais urgente, de integrar áreas de conhecimento na busca de compreensão acerca dos fenômenos e soluções para problemas de ordem prática.

Neste sentido, a dissertação em questão molda-se ao modelo teórico e metodológico da Psicologia Ambiental, contudo, por se tratar de uma caracterização de aspectos relacionados ao desenvolvimento humano e ao planejamento de espaços públicos ao ar livre, pretende dialogar com outras subdisciplinas psicológicas, principalmente a Psicologia do Desenvolvimento e com temáticas voltadas ao planejamento urbano. Entende-se que para se compreender a função que o espaço exerce sobre o comportamento humano faz-se necessário pensar em ambientes de desenvolvimento mais saudáveis.

### **3.1.2 Interfaces de estudo entre a Psicologia Ambiental e Psicologia do Desenvolvimento**

A revisão de literatura em periódicos e livros de Psicologia Ambiental, realizada por Günther e Cunha (2004), sobre a presença de crianças e adolescentes nesses estudos, concluiu que pesquisas sobre o desenvolvimento humano, sobretudo infantil, são frequentes desde o surgimento da área. Por outro lado, observa-se que a maioria dos temas da chamada ciência do desenvolvimento humano (inclusive a psicologia) ainda hoje mantém o espaço físico em suas entrelinhas. Os aspectos intrapsíquicos têm sido primordialmente focalizados, enquanto os aspectos contextuais, sejam sociais ou físicos, são abordados de modo indireto. Grandes exceções são as contribuições da Psicologia

Ecológica de Barker (1968) e da Ecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1979) que, centradas nas relações pessoa-ambiente, “se distanciam consideravelmente das teorias convencionais de desenvolvimento focadas exclusivamente no indivíduo” (Elali, 2003, p.310).

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner tem sido utilizada tanto por teóricos do desenvolvimento quanto por psicólogos ambientais interessados em compreender os processos do desenvolvimento psicológico. O novo modelo introduz uma maior ênfase não somente na interação da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas, mas com objetos e símbolos presentes no ambiente em que a pessoa atua. Estas interações, entre organismo e ambiente, operam ao longo do tempo e compreendem os “principais motores do desenvolvimento humano” (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Para Bronfenbrenner o desenvolvimento infantil ocorre conforme a pessoa se envolve ativamente com o ambiente físico e social, o compreende e o interpreta. Nas interações recíprocas os objetos e símbolos no ambiente imediato devem ser convidativos, de um modo que atraiam a atenção para a sua exploração, manipulação, elaboração e imaginação, pois “diferentes tipos de ambientes dão origem a padrões distintivos de papéis, atividades e relações para as pessoas que se tornam participantes nestes ambientes” (Bronfenbrenner, 1999, p.17).

Bronfenbrenner (1979/1996; 1994) propõe um modelo baseado na noção de ambientes de desenvolvimento, onde cada um atua de forma direta (estrutura física, interações face a face) ou indireta (política, cultura) sobre a inter-relação pessoa-ambiente. Desta forma, a relação da criança com os espaços sofre influência tanto do contexto imediato como, por exemplo, a permissão ou não dos pais para os filhos utilizarem os espaços públicos ao ar livre; quanto de contextos mais distantes como regulamentação e manutenção de espaços públicos por órgãos competentes. Os diversos sistemas – do micro ao macro, atuam de forma a regular o contato da criança com os espaços, uma vez que podem inibir ou instigar o acesso e a mobilidade das mesmas.

Copetti e Krebs (2004), em estudo sobre competências pessoais a partir do modelo bioecológico de Bronfenbrenner, apontam que cada pessoa possui um conjunto de atributos pessoais que “a capacitam a atuar com maior ou menor grau de eficiência nos contextos em que

participa” (p.80). Fazem parte destes atributos o temperamento, a capacidade de auto-regulação, as características físicas, as demandas e as experiências vivenciadas por cada pessoa. Neste sentido, a diversidade de contextos é importante para o desenvolvimento uma vez que possibilita a pessoa engajar-se em atividades, papéis e relações interpessoais e simbólicas, ampliando/sofisticando os recursos de que dispõem.

O desenvolvimento psicológico preconizado por Bronfenbrenner em seu modelo bioecológico é bastante presente nos estudos de Psicologia Ambiental. Isso se deve à semelhança na abordagem do desenvolvimento psicológico que vê no ser humano a participação multideterminada de aspectos psíquicos, sociais e ambientais. A especificidade da Psicologia Ambiental em relação às demais disciplinas psicológicas, e sua interface com a teoria bioecológica, está em considerar não apenas o social e psicológico, mas também o físico. Sendo que, as características físicas e construídas do ambiente adquirem, com o tempo, significado afetivo para as pessoas.

Ao se falar de ambiente, a psicologia ambiental adota a palavra espaço para distinguir o ambiente físico do social. Ou seja, o ambiente físico é nomeado como espaço e também como lugar. O espaço, entendido como características e delimitações físicas de um dado local onde ocorre a mobilidade humana, possui dimensões físicas, funcionais, temporais e das relações que, de acordo com sua disposição, podem promover segurança/medo, conforto/desprazer, identidade pessoal, estimular o interesse nas atividades, promover competência e autonomia, oportunizar contato social e privacidade (Günther, 2003); Legendre, 1997; 1999). Contatos positivos com os lugares produzem sentimento de apego e pertencimento ao mesmo, contribuindo de forma direta no processo identitário (Higuchi, 1999; 2004; Kuhnen, 2001; 2002; Kuhnen, Luz & Drews, 2004).

O espaço passa a ter um significado social e afetivo com delimitações não somente físicas, mas também simbólicas que lhe garantem o status de *lugar* (Bernardo & Palmas, 2005; Proshansky, 1978; Proshansky, Fabian, & Karminof, 1983). O vínculo afetivo com o espaço físico, através do apego e identificação, pode contribuir para a construção de valores como participação popular, consciência ecológica, respeito pela diversidade e cidadania (Kuhnen, 2002; 2009; Elali, 2003; Mekideche, 2004; Spencer & Woolley, 2000; Tuan, 1983).

## **3.2 Os espaços públicos ao ar livre**

### **3.2.1 A importância dos espaços públicos ao ar livre para o desenvolvimento infantil**

O espaço público sempre esteve presente na vida das pessoas, sendo a rua e as praças públicas, os ambientes de socialização e lazer de crianças e adultos. Através do convívio coletivo com a diversidade cultural, étnica, de gênero e classe social, a criança tem a oportunidade de vivenciar valores como a solidariedade, a cidadania, o respeito pelo outro. A socialização também permite a criança enfrentar situações de conflito e resolver problemas.

O acesso aos espaços públicos ao ar livre possibilita que a criança seja mais ativa fisicamente, prevenindo a obesidade infantil (Bell & et al., 2008). O contato com áreas livres e naturais também melhora a coordenação motora ampla e a concentração (Wells, 2000). O circular pela rua, pela vizinhança, estimula, ainda, a socialização e interação, tanto entre pares como atividades em grupo. Os espaços amplos e livres aumentam o nível de interação entre as crianças, pois possibilitam atividades mais variadas, sendo que diferentes ambientes atuam de forma distinta no comportamento das crianças (Fernandes, 2006; Fjørtoft & Sageie, 2000; Herrington & Studtmann, 1998). Assim, sendo a estrutura física do espaço um componente ativo do ambiente, o mesmo deve ser planejado de forma a auxiliar no desenvolvimento de habilidades específicas: socialização, atenção, autonomia, cooperação.

Além da função de socialização e promoção na melhoria da qualidade de vida das crianças, o uso dos espaços públicos ao ar livre é considerado uma etapa importante para a aquisição da autonomia (Chawla, 1997; Jutras, 2003; Spencer & Woodley, 2000; Tsoukala, 1995). A autonomia é aqui entendida como uma tarefa evolutiva que se inicia na primeira infância e se estende de forma gradual ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Sua presença é marcante na fase da adolescência, na qual muitas vezes é compreendida como uma necessidade de separação dos pais (Reichert & Wagner, 2007). Contudo, o processo de se tornar autônomo inicia desde a primeira infância e segue sob a orientação e regulação dos pais, visto que são eles que instigam ou inibem o contato e a mobilidade das crianças, assim como, os ajudam a definir metas, lidar com problemas, fazer escolhas.

Tornar-se autônomo, então, é um processo ativo do indivíduo em interação com o ambiente imediato, onde ocorrem suas experiências e sobre a influência de aspectos de contextos mais distantes como a política e o modelo cultural onde está inserido. Assim, para compreender o processo desenvolvimental do indivíduo é necessário conhecer o contexto no qual está inserido, principalmente seu ambiente imediato (Bronfenbrenner, 1996).

Para Keller (1998), a exploração do ambiente é importante por capacitar a pessoa a adquirir informação e construir sistemas de conhecimento para posteriores competências no meio físico. A exploração ativa do ambiente favorece a regulação pelo outro (quando a mobilidade é orientada pelos pais) e a auto-regulação (quando direcionada pela própria criança) e depende das práticas parentais que vão sofrer influência da cultura e do contexto local.

A mobilidade permite que a criança se aproprie do espaço e o internalize formando sua representação do mesmo. Ao mover-se pelo espaço a criança aprende a diferenciar, inicialmente através de sensações corporais, o Eu do mundo que a rodeia, para mais tarde deixar o ambiente protetor da família e “ganhar o mundo”. Ao locomover-se pelo espaço o indivíduo adquire experiência e se relaciona com o ambiente de forma cada vez mais complexa.

A criança precisa mover-se para conhecer e se apropriar do espaço da casa, do bairro e da cidade. O contato com cada espaço acontece de forma gradativa e serve a diferentes funções no processo de maturação humana. A mobilidade no espaço é o modo pelo qual a criança desenvolve naturalmente sua maturação física, cognitiva, social e psicológica. A criança precisa de tempo e espaço para se desenvolver; seu corpo precisa de tempo para firmar-se e espaço para mover-se. A mobilidade é produto da relação recíproca entre o aparato biológico do indivíduo e as condições sócio-físicas do ambiente. Movendo-se a criança constrói os mapas cognitivos dos lugares percorridos, sendo que esses vão se tornando mais complexos à medida que a distância percorrida vai aumentando e se diversificando (Malho & Neto, 2004).

Para Rabinovich (2004), a violência urbana não é o único aspecto relacionado à falta de mobilidade das crianças nos espaços públicos ao ar livre, sendo a falta de disponibilidade e participação dos pais um dos grandes inibidores do processo de autonomia das crianças. A autoridade parental está sendo substituída pela autoridade institucional que controla

o corpo do indivíduo através do espaço e tempo disponibilizado para suas atividades. O medo da violência levou a um controle do uso da rua. A liberdade da criança no espaço público, antes cerceada pelos pais e vizinhos, foi sendo substituída pelo abandono e falta de responsabilização pelo mesmo. Hoje as crianças têm liberdade (falta de limite moral) devido à diminuição da autoridade, porém a inacessibilidade (excesso de limite físico) os impede de usufruir do espaço.

Na realidade brasileira, sobretudo em zonas urbanas, o contato com os espaços públicos ao ar livre se apresenta de forma cada vez mais restrita. A criança, ao longo das décadas, tem seus direitos cada vez mais consolidados, como o direito de brincar e o de ir e vir. O direito ao mover-se, contudo, é garantido de forma parcial devido à falta de acesso a alguns espaços. Vários segmentos, entre eles a ciência, têm alertado para a importância de adaptar os ambientes privados às reais necessidades da criança, no sentido de compensar a falta de ambientes públicos ao ar livre e o contato com a natureza (Campos-de-Carvalho, 2003; Elali, 2003; Sodré, 2005).

Neste sentido, melhorar a qualidade dos espaços infantis vai além de especializar os espaços privados, como a escola e as residências. Faz-se necessário ampliar os espaços de convívio e socialização através da recuperação do papel do espaço urbano na vida das pessoas e da rua como lugar de experiência e de encontro (Fusari, 2001; Mekideche, 2004; Mendonça, 2007; Oliveira, 2004; Rabinovich, 2004). Os espaços privados como a casa e a escola têm sua função no desenvolvimento da criança, porém não substituem o espaço público. Na verdade, estes espaços se complementam uma vez que cada um serve como contexto de estímulo para habilidades específicas, sendo que a privação e/ou restrição aos espaços pode modificar negativamente o ritmo de maturação.

A falta de acesso e uso dos espaços públicos pelas crianças, neste sentido, não é apenas um problema espacial e social, mas de saúde física e psicológica e depende de práticas sociais e políticas públicas. O aumento da violência, o tráfego intenso de veículos e a falta de manutenção dos parques infantis têm sido apontados como os principais dificultadores do acesso das crianças aos espaços ao ar livre, como apontam Borges (2008), Oliveira (2004) e Rabinovich (2004), em estudos em capitais brasileiras. Contudo, esta relação não é tão simples

e direta. O acesso e uso dos espaços dependem de aspectos múltiplos e inter-relacionados que incluem as condições de vida, o padrão de comportamento familiar, os sistemas sócio-histórico-culturais, o ambiente físico e as pessoas que compõem o cenário no qual se insere o sistema pessoa-ambiente em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996; 1994; 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Polonia, Dessen, & Silva, 2005).

### 3.2.2 Espaços públicos ao ar livre: levantamento em base de dados *online*

Na tentativa de obter um panorama geral sobre os estudos de Psicologia Ambiental envolvendo a temática “crianças e espaços públicos ao ar livre” e os resultados apontados, foram realizadas buscas em base de dados *online* nacionais (Indexpsi) e internacionais (Science Direct). A busca em base nacional, utilizando-se as palavras chaves “criança e ambiente”, computou um total de 35 resumos, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. *Estudos nacionais crianças e espaços.*

<i>Ambiente</i>	<i>Institucional</i>	<i>Não-institucional</i>	<i>Quant. artigos</i>
Escolar	X		21
Hospitalar	X		3
Familiar	X		3
Abrigo	X		2
Creche penitenciária	X		1
Pátio escolar	X		2
Comunidade indígena		X	1
Comunidade de imigrantes		X	1
Rua		X	1
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>3</b>	<b>35</b>

Após análise, constatou-se que mais de 90% tratavam de ambientes institucionais (casa, escola, hospitais), com prevalência para o ambiente escolar (Carvalho & Begnis, 2006; Sodré, 2005; Campos-de-Carvalho & Meneghini, 2003; Elali, 2003; Sager, Sperb, Roazzi, & Martins, 2003; Guareschi, Oliveira, Giannechini, Communello, & Nardini 2002; Pires & Mejias, 1998; Galvão, 1996; Tiriba & Barradas,

1993; Zannon, 1991). O resultado obtido com a busca “crianças e ambientes” evidencia os dados encontrados por Günther e Cunha (2004), a revisão de literatura aponta que a maioria dos estudos referentes à análise da interação pessoa-ambiente é realizada a partir de ambiente do tipo construído e privado.

Com o intuito de refinar os resultados, as buscas seguintes foram feitas utilizando-se palavras relacionadas a espaços públicos ao ar livre destinados à população infantil. A partir das palavras “criança e rua”, foram encontrados 28 resumos, em apenas 1 (um), contudo, a rua era compreendida como ambiente de socialização e brincadeira, através do qual a criança busca autonomia e desenvolvimento de habilidades psicomotoras (Guareschi & et al., 2002). Nos demais resumos analisados a rua era sinônimo de situação de risco físico e social. Os sujeitos investigados eram meninos e meninas moradores de rua, que a habitam ou que por ela transitam.

As publicações nacionais fazem pouca referência aos estudos da relação crianças e ambientes naturais. Ao utilizar as palavras “criança e natureza” foi encontrado apenas 1 (um) artigo. Este fazia referência à importância de elementos naturais no ambiente escolar (Elali, 2003).

Diferente da realidade brasileira, os estudos da relação pessoa e ambientes naturais vêm crescendo na literatura internacional, como apontado pelas autoras Alves e Betrabet (2008) ao revisarem os artigos publicados, de 1972 a 2002, no mais antigo periódico da área *Environment & Behavior*. As autoras constataram que os estudos de 1998 a 2002 concentravam 50% dos estudos com este tema, contudo, mesmo nos estudos internacionais as crianças pouco aparecem como participantes das pesquisas e são escassos os estudos de comportamentos em grupo e em interação social em ambientes naturais e ao ar livre.

Outro ponto presente nos estudos é a preocupação com a qualidade do espaço oferecido às crianças e se estes oferecem possibilidades adequadas às necessidades desenvolvimentais das mesmas. Esta preocupação é compartilhada por profissionais de diversas áreas (arquitetos, sociólogos, agrônomos, psicólogos). O estudo de Sodré (2005), sobre a percepção de crianças de 4 a 6 anos, sobre a qualidade do ambiente escolar que freqüentam, conclui que elas sentem necessidade de ambiente ao ar livre que propicie contato com animais, brinquedos e brincadeiras. Além disso, demonstra que mesmo crianças

menores são capazes de discriminar aspectos relevantes para o seu processo de desenvolvimento.

O trabalho de Elali (2003), sobre a avaliação do espaço das escolas para educação infantil em Natal (RN), mostra que o mesmo não tem sido adequadamente planejado de acordo com as normas previstas pelos órgãos competentes. As áreas construídas oferecem pouco conforto e as áreas livres são escassas e faltam recursos naturais, interferindo na qualidade de vida das crianças. Neste sentido, os estudos de Elali (2003) e Sodré (2005), apontam que o espaço ao ar livre de instituições infantis está aquém das necessidades e também das expectativas das crianças.

Cabe ressaltar ainda que 34% (n=12) dos resumos obtidos faziam menção aos aspectos físicos e construídos do ambiente, sendo que, nos demais o ambiente era sinônimo de ambiente social. Dentre os artigos voltados à relação pessoa-ambiente a questão de pesquisa mais freqüente referia-se as mudanças na estrutura construída do espaço e se essas alteram os modos de socialização da criança, são exemplos os estudos de Carvalho e Begnis (2006), Campos-de-Carvalho e Meneguini (2003), e Sager et al. (2003). Apenas o último tratava do espaço ao ar livre, pois compara pátios escolares em função do tamanho e nível de interação, através da observação de crianças de 5 a 6 anos. Os resultados apontam que espaços amplos e livres aumentam o nível de interação entre as crianças, pois possibilitam atividades mais variadas.

A dissertação de mestrado de Fernandes (2006) também trata da utilização do pátio escolar por crianças de 3 a 6 anos. Através da técnica de mapeamento comportamental, a autora conclui que a ocupação do espaço, assim como as atividades desenvolvidas em cada setor, não ocorre de forma uniforme pelas crianças. As diferenças de ocupação de uma área a outra sofrem a influência da estrutura disponibilizada e de características pessoais como idade e gênero, necessitando de uma maior participação da criança na organização do lugar.

O estudo de Borges (2008), sobre a avaliação de parques infantis de Florianópolis, constatou que os parques nem sempre são projetados de acordo com a demanda infantil ou mesmo a partir das normas de segurança. A maioria deles fica próximo às vias de tráfego, não possuem manutenção dos equipamentos, nem adequação para faixas etárias distintas, além disso, possuem pouca vegetação e espaço amplo para que a criança possa se movimentar livremente. A Associação

Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 1999) estabelece normas de segurança para brinquedos de parques infantis, assim como recomendações quanto à manutenção periódica. Observa-se, porém, que estas normas são pouco respeitadas ou mesmo desconhecidas (Harada, Pedreira & Andreotti, 2003), potencializando os riscos físicos nestes locais.

Assim como os parques infantis, outrora criados especialmente para promover o lazer infantil, a rua também vem perdendo ao longo dos anos sua importância na vida das crianças. Em estudo realizado em Santa Maria (RS), sobre a percepção ambiental de crianças acerca do entorno urbano, Filho, Rigon e Tabarelli (s/d) concluíram que a percepção e a representação urbana da criança estão limitadas a casa e ao lote onde mora, portanto, restringem-se apenas a sua área de domínio, não reconhecendo o espaço extra-lote como pertencente a ela.

Resultado semelhante foi encontrado por Kuhnen et al. (2004), em estudo com crianças e adolescentes, de 6 a 14 anos, em Florianópolis (SC), sobre a interação sócio-espacial e desenvolvimento da identidade de lugar do local de moradia. As condições econômicas dessas crianças não favoreciam seu acesso aos espaços naturais e de lazer da cidade. Assim, viviam em uma cidade na qual não conheciam, nem se sentiam pertencentes. A limitação espacial e social em relação ao entorno urbano, não permitia que ampliassem sua percepção quanto ao ser cidadãos da cidade onde moram e como pessoas capazes de participar e resolver os problemas sociais.

Além de possuírem atributos ambientais de sua preferência como: possibilidade de brincadeira e presença de pessoas familiares, os espaços públicos ao ar livre permitem à criança poder criar seus próprios jogos, regras, relações e deparar-se com situações e sentimentos inesperados, compartilhar sentimentos de amizade e cooperação. Nestes espaços a criança pode ser mais espontânea nas suas relações com o ambiente, diferentemente dos espaços privados de lazer nos quais as regras, o tempo de permanência, os pares e os jogos estão colocados a priori pelo adulto (Oliveira, 2004).

Araújo, Vasconcelos, Nunes e Valdetaroutor (1998), em estudo no Distrito Federal, compararam os espaços de lazer de crianças que moravam em condomínios fechados das que moravam em outro tipo de residência. Os autores constataram que crianças que moram em condomínio fechado brincam mais na rua, enquanto que crianças que

moram em outro tipo de residência brincam mais dentro de casa. Dentre as crianças que brincam mais em casa, 56% responderam que gostariam de brincar mais na rua por ser mais divertido. Das crianças que brincam mais na rua, 46% relataram que gostariam de passar mais tempo dentro da residência, pois os pais não gostam que brinquem na rua e, geralmente, não tem quem as leve para brincar fora. Estes resultados, por mais que não possam ser comparados a outros estudos brasileiros, indicam que também a falta de tempo e a percepção dos pais, em relação à importância dos espaços ao ar livre para o desenvolvimento, podem estar restringindo o acesso das crianças aos mesmos.

Castro (1998, p.148), também afirma que “poucos estudos exploram os deslocamentos das crianças na espacialidade urbana e o significado que estes operam quanto às suas possibilidades de identificação e sociabilidades”, sendo o deslocamento realizado um aspecto preditivo da autonomia das crianças no contexto urbano. Neste sentido, resultado pertinente é encontrado por Gaster (1991, apud Rabinovich, 2004), de que crianças e jovens nas cidades de todo o mundo estão crescentemente impedidos de usarem os arredores de sua moradia. Os fatores inibidores são a criminalidade e tráfego aumentado, depredação e deteriorização de parques, *playgrounds* e escolas, por vandalismo ou negligência municipal. Além disso, hoje a cidade oferece poucos atrativos públicos para crianças e jovens.

A partir deste levantamento inicial, pode-se concluir que a relação crianças e espaços públicos ao ar livre têm sido pouco estudada pelos pesquisadores brasileiros. O foco de estudo concentra-se sobre o ambiente escolar e em formas de melhorar a qualidade destes espaços, pois os resultados apontam que a escola não está preparada para suprir todas as demandas e expectativas da criança. Sendo o enfoque sobre o ambiente escolar, a prevalência dos estudos é sobre o espaço privado e construído. As poucas pesquisas que tratam da relação crianças e espaços públicos ao ar livre e/ou naturais são realizadas a partir de questionário e avaliação dos locais pelo pesquisador, não sendo observado o comportamento dos usuários *in lócus*.

O enfoque dado pelas pesquisas brasileiras alerta para a necessidade de mais trabalhos, na área de psicologia ambiental e desenvolvimento, sobre a temática crianças e espaços públicos ao ar livre. A preocupação em ampliar e melhorar a qualidade do espaço oferecido pela escola, talvez tenha surgido da necessidade de querer

compensar a falta de contato das crianças com os ambientes ao ar livre e com a natureza. Por outro lado, o desenvolvimento integral da criança, por mais que delegado à escola, é responsabilidade de todos que com ela convivem e também do Estado, cabendo ao poder público garantir o acesso dessa população aos espaços de lazer e ao convívio com a coletividade, tão necessários ao seu desenvolvimento e bem estar.

### **3.3 Fatores intervenientes no comportamento de uso dos espaços públicos ao ar livre pelas crianças**

Por possuir uma gama maior de artigos científicos sobre o tema, a busca de artigos internacionais foi feita especificamente sobre a temática abordada na pesquisa. A busca aos periódicos internacionais utilizando-se as palavras “children & outdoor” contabilizou um total de 214 artigos, desses 15 foram selecionados para análise por tratarem de forma específica da temática abordada pela dissertação. Os fatores que interferem no acesso das crianças aos espaços públicos ao ar livre foi um dos temas mais presente nos artigos internacionais. Outra questão de relevância entre os artigos encontrados foi tentar responder quais e de que forma os aspectos físicos e construídos do ambiente influenciam nas atividades e habilidades infantis, assim como, nos modos de interação.

Dentre os artigos, as perguntas de pesquisa mais frequentes foram relacionadas: 1) à estrutura dos parques infantis e às características do ambiente da vizinhança como facilitadores ou não do acesso e do desenvolvimento infantil (Holt et al., 2008; Ellaway, Kirk, Macintyre & Mutrie, 2007; Ridgers, Stratton, Fairclough & Twisk, 2007; Barbou, 1999); 2) à percepção de pais e crianças como fator interveniente na atividade de crianças nos espaços públicos ao ar livre (Carver, Timperio & Crawford, 2008; Hume et al, 2008; Weir et al., 2006; Prezza, Alparone, Cristallo & Luigi, 2005; Valentine & Mckendrick, 1997); 3) à presença de áreas verdes como fator de estimulação de habilidades cognitivas e da prática de atividades física ao ar livre (Bell, et al., 2008; Fjørtoft & Sageie, 2000; Wells, 2000; Herrington & Studtmann, 1998) e por fim; 4) à preferência de crianças por espaços a partir de características e atributos do mesmo (Castonguay & Jutras, 2008; Min & Lee, 2006).

Para facilitar a leitura e compreensão dos resultados encontrados na busca *online*, os mesmos serão subdivididos em tópicos. Cada tópico

irá abordar um grupo de características, do espaço ou das pessoas, que interferem no comportamento de uso dos espaços públicos ao ar livre pelas crianças.

### **3.3.1 Qualidade do projeto: estrutura e manutenção**

A falta de planejamento e manutenção da estrutura de áreas públicas ao ar livre, principalmente parques, tem sido apontada como um fator que inibe o acesso das crianças nestes espaços, assim como pode apresentar risco físico à saúde das mesmas, como mencionado anteriormente nos estudos de Borges (2008) e Harada et al. (2003). Este tema também tem sido explorado por pesquisadores da literatura internacional, contudo com enfoque diferente na problemática. Os estudos internacionais procuram investigar a influência das condições de planejamento dos ambientes ao ar livre, como *playgrounds* e pátios escolares, no comportamento e nível de atividade física das crianças. Neste sentido, assemelham-se com os estudos de Sager et al. (2003) e Fernandes (2006), sobre o comportamento de crianças em pátios escolares.

Barbou (1999), em estudo com crianças de segunda série, investigou o impacto do ambiente ao ar livre no comportamento de brincadeira e relação de pares. Através de observação e entrevista pode constatar que o contato com áreas livres tem impacto no desenvolvimento da aprendizagem de crianças e interação entre os pares. Os resultados encontrados indicam que o *design* de parques infantis influencia no desenvolvimento de habilidades sociais, assim como habilidades físicas, por facilitarem o manejo de estratégias utilizadas pelas crianças nas brincadeiras com os pares. Ou seja, a estrutura dos parques e sua disposição podem facilitar a socialização das crianças e sua capacidade de resolver situações de conflitos que possam surgir.

Resultado semelhante foi encontrado por Fernandes (2006), ao estudar o comportamento de crianças de 3 a 6 anos, no pátio escolar. A autora constatou que os equipamentos multifuncionais permitem maior atividade física por possibilitarem maior número de oportunidade de brincadeira entre as crianças. Assim, a organização dos espaços pode facilitar ou não a interação e atividade física das crianças. O estudo de Sager et al. (2003), comparou pátios escolares, em termos do tamanho, e

seu impacto na atividade de brincadeira de crianças de 5 a 6 anos. Os resultados sugerem que o tamanho da área e a estrutura disponibilizada interferem no comportamento de brincadeira e interação entre as crianças.

Resultados semelhantes foram encontrados por Ridgers et al. (2007), em estudo com 50 escolas localizadas em áreas de privação na Inglaterra. O nível de atividade física de crianças foi avaliado durante o recreio, através da medição de ritmo cardíaco, antes e depois de intervenção na estrutura dos *playgrounds*. Os autores verificaram que modificações na estrutura construída dos parques podem torná-los mais atrativos, aumentando o nível de atividade física das crianças durante o recreio.

Ellaway et al. (2007) investigaram a distribuição de áreas destinadas a brincadeiras ao ar livre comparando localidades de alto e baixo poder aquisitivo. Os autores acreditavam que o fácil acesso às áreas poderia melhorar o índice de atividade física entre as crianças, principalmente de vizinhanças pobres, e diminuir a obesidade infantil. Os resultados encontrados indicam que mesmo em vizinhanças que possuem um número significativo de áreas de brincadeira (1 a cada 1000 crianças) estas não são utilizadas pelas crianças. Os autores sugerem que apesar da aparente vantagem em termos de número, a qualidade de conservação das áreas de brincadeira em vizinhanças pobres pode estar prejudicando o seu uso e reforçam a necessidade de mais pesquisas.

A dimensão dos ambientes também influencia na forma de percepção e apropriação do mesmo. Bonaiuto e Bonnes (1996) compararam a experiência de moradia em cidades pequenas e grandes e constataram que aqueles que vivem em lugares menores têm mais tendência a integrar experiências nas escalas da casa, da vizinhança e da cidade como um todo. Os estudos de Bechtel (1997, apud Günther & Cunha, 2004) apóiam os resultados ao demonstrarem que crianças de cidades pequenas (menos de 1000 habitantes) conheciam mais e em maiores detalhes o ambiente e os aspectos da vida das pessoas que crianças de cidades maiores (30.000 habitantes).

A preocupação com a atividade física das crianças tem sido foco de estudos atuais na área da saúde e do desenvolvimento, tendo em vista que seu decréscimo está relacionado ao aumento da obesidade infantil. As pesquisas têm procurado responder que aspectos dificultam a prática de atividades infantis em espaços públicos ao ar livre, sejam essas

físicas, lúdicas e/ou de socialização (Bell et al., 2008; Ellaway et al. 2007; Weir et al., 2006). Percebem-se pelos resultados, que as condições de planejamento dos espaços ao ar livre, sejam públicos ou privados, interfere no acesso e uso dos mesmos. Torna-se difícil quantificar esta interferência tendo em vista os poucos trabalhos sobre o tema e a forma particularizada com a qual são realizados, ou seja, cada estudo trata de um fator isoladamente: manutenção ou equipamentos disponíveis ou características dos entornos das áreas.

### **3.3.2 Condições psicossociais: percepção e relação dos usuários com a vizinhança**

Além da má qualidade das áreas destinadas ao lazer infantil e falta de estrutura urbana, as pesquisas indicam que a percepção de crianças e pais sobre a ambiente da vizinhança é fator importante no acesso e uso dos espaços ao ar livre pelas crianças, como mencionado anteriormente em estudo de Araújo et al. (1998). Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Valentine e Mckendrick (1997), ao explorarem a opinião de pais acerca das oportunidades de brincadeira na vizinhança. Os resultados indicam que a ansiedade parental quanto à segurança das crianças, interfere no acesso aos espaços públicos de brincadeira, contudo o sentimento de insegurança dos pais parece estar relacionado à insatisfação dos mesmos com a estrutura urbana oferecida como espaço de lazer. Neste mesmo estudo, os pais identificam que houve uma mudança nas brincadeiras escolhidas pelas crianças se comparados aos jogos de sua própria infância. Esta modificação na forma de brincar, contudo é percebida pelos pais como uma mudança natural da infância e não como produto de modificações espaço-temporais ou sociais.

No entanto este aspecto não deve ser analisado separadamente de outros fatores que compõem o ambiente no qual a criança está inserida como apontado no estudo de Prezza et al. (2005). Desenvolvido em seis cidades do interior da Itália, a pesquisa teve como intuito validar três escalas de percepção de pais, de crianças de 8 a 10 anos, sobre o risco social e de tráfego da vizinhança, assim como, a percepção sobre o potencial positivo das áreas ao ar livre para a autonomia das crianças. Para os autores a percepção de risco social depende fortemente do tamanho do contexto urbano. Em grandes cidades a percepção de risco é

maior, contudo ela é diminuída inversamente ao aumento de senso de comunidade. Desta forma, o senso de comunidade e a boa relação com a vizinhança podem ser fatores de proteção ao sentimento de insegurança e, conseqüentemente, de eventos de estresse. De fato, o risco social é mais presente quando as pessoas são pouco integradas à sua vizinhança, uma vez que o medo reduz o uso do espaço público. Por outro lado, a relação entre vizinhança e diminuição da percepção de risco não foi completamente verificada no estudo dos autores, somente quando comparado ao tamanho do contexto.

Weir e cols. (2006) compararam o local de residência e o nível de atividade física de crianças de 5 a 10 anos, residentes na cidade de Nova York e comunidades adjacentes, a partir de entrevistas com pais. Os dados apontaram que crianças de cidade do interior de Nova York se engajam em menos atividade física do que crianças do subúrbio. Os pais de cidade de interior expressaram maior ansiedade sobre a segurança do bairro que os pais suburbanos. O nível de atividade física das crianças do interior apareceu de forma negativamente correlacionada com a ansiedade parental sobre a segurança da vizinhança, indicando ser esta um fator de inibição do acesso aos espaços além da residência. Cabe ressaltar que a comunidade do interior possui baixo poder aquisitivo, enquanto que a população do subúrbio é de classe média. Os autores reforçam que a preocupação parental não pode explicar inteiramente a discrepância nos níveis de atividade entre as crianças do interior e do subúrbio, mas um ambiente seguro é fundamental para o aumento das oportunidades de atividade física.

A percepção ambiental não somente dos pais, mas das próprias crianças interfere na forma como elas se relacionam com os espaços públicos ao ar livre. Hume et al. (2008), concluíram, em estudo com mais de 900 crianças na Austrália, que as crianças que tem percepção e contato positivo com a vizinhança tendem a ser mais ativos fisicamente e caminharem com mais freqüência pelo espaço do bairro.

Castonguay e Jutras (2008), a partir de estudos com crianças de 7-12 anos, identificaram que áreas de brincadeira são os lugares que crianças mais e menos gostam e os espaços próximos e casa de pessoas conhecidas (familiares) como sendo os seus favoritos. As crianças percebem negativamente os lugares que são centros de risco a segurança e tem capacidade de distinguir lugares favoritos somente pelo maior número de características positivas e atividades que eles oferecem. Os

lugares de que gostam podem variar, ainda, em função da idade da criança e grau de vegetação. Os lugares que proporcionam contato com elementos naturais e animais são os preferidos, principalmente, por crianças de 4 a 6 anos. Na adolescência, porém os atributos sociais do espaço são os preferidos, pois permitem maior socialização entre os pares.

Min e Lee (2006) constataram que as crianças desenvolvem a maioria de suas funções psicológicas em espaços ao ar livre da vizinhança, como as áreas designadas para brincadeira e parques urbanos. Eles elegem os lugares porque cada um oferece algum atributo ambiental – espacial, físico e social – que dá suporte ao comportamento que crianças querem para se engajar. Os cenários que as crianças mencionam ser importantes são usados mais frequentemente e apresentam uma variedade de comportamentos, sobretudo em grupo, além de proporcionar as crianças um senso mais apurado da dimensão do seu próprio território. Os resultados apontam que o contato com espaços públicos ao ar livre, como a vizinhança e os parques infantis, emergem como lugar de importância para as crianças.

Os pais percebem o contato com áreas livres como importantes para o desenvolvimento saudável da criança (Elali, 2003; Sodré, 2005), porém a sensação de insegurança e o pouco tempo que passam com os filhos os impede de interagirem com os mesmos nestes locais. O risco social é presente, contudo, sofre influência não somente do espaço real, mas do sentimento de insegurança coletivo que, mais tarde, é transmitido às crianças. Neste sentido, como apontado por Prezza et al. (2005), os espaços públicos devem ser planejados para envolverem crianças e pais em atividades comunitárias, uma vez que as trocas sociais com vizinhos e conexão com a comunidade levam as mães a perceberem a vizinhança como ambiente mais favorável a maturação da criança. A falta de estudos sobre o potencial positivo do espaço público ao ar livre na autonomia de crianças, contudo dificulta prever como o espaço e as características parentais estão relacionadas.

### **3.3.3 Condições físicas: a presença de áreas verdes**

O estudo da relação pessoa e ambientes naturais não é um tema novo em PA. Em 1986, Moore investigou a influência dos mesmos no comportamento infantil e demonstrou que os espaços verdes permitem

que as crianças se engajem em atividades da sua vizinhança, experimentem e lidem com sentimentos intensos, bem como tenham o contato com uma diversidade de materiais e pessoas. Neste sentido, a presença de áreas verdes junto à boa relação com a vizinhança tem sido apontada como fatores facilitadores no acesso das crianças aos espaços públicos ao ar livre, pois diminuem a percepção negativa dos pais em relação ao risco nestes espaços e estimulam a mobilidade das crianças.

Alguns estudos ainda ressaltam que a presença de áreas verdes estimula o desenvolvimento de habilidades infantis. Herrington e Studtmann (1998) investigaram o impacto da instalação de elementos naturais em *playgrounds* de pátios escolares. Através de vídeos e diário de campo, os autores concluíram que a instalação de plantas e outros tipos de vegetação proporcionaram um aumento no nível de interação e diversidade nos tipos de brincadeira. Resultado semelhante é apontado por Fjørtoft e Sageie (2000), em estudo num pátio escolar, com crianças de 5 a 7 anos. Os autores investigaram o impacto de ambientes naturais na aprendizagem e desenvolvimento das crianças e concluíram que a paisagem natural proporciona oportunidades variadas de brincadeira entre as crianças, sendo também verificada uma forte relação entre estrutura da paisagem e função das brincadeiras.

No estudo experimental de Wells (2000), com crianças de 7 a 12 anos, o papel do ambiente natural de brincadeira no bem-estar de crianças residentes em ambientes urbanos pobres também foi explorado. Os resultados apontam que crianças cuja casa teve melhorias em termos de verde tendem a melhorar a função cognitiva, em termos de nível de atenção, além de serem mais ativas. Os espaços verdes estimulam a atividade lúdica, a criatividade e a interação infantil, além de melhorarem a atenção e diminuírem os efeitos negativos dos eventos de estresse.

Bell et al. (2008) investigaram a associação entre a presença de áreas verdes, densidade residencial e escores de IMC (Índice de Massa Corporal) de crianças de 3 a 16 anos. O estudo experimental demonstrou que o aumento de vegetação foi significativamente associado com baixa nos escores de IMC, apesar das características de densidade residencial. Os autores acreditam que a presença de vegetação auxilia no contato com o espaço ao ar livre, aumentando o nível de atividade física e prevenindo a obesidade infantil.

A presença de áreas verdes é ainda associada à percepção positiva da vizinhança, uma vez que em locais de tráfego intenso a percepção de risco dos pais diminui com a presença de vegetação (Prezza et al., 2005). Esta relação é explicada pelo fato da presença de áreas verdes suscitar sentimento de proteção, sendo considerada por mães e educadores como uma característica importante em contextos adaptados para crianças. Na verdade, onde há tráfego sem área verde a criança está duplamente a mercê de riscos físicos, através de acidentes e doenças adquiridas pela poluição do ar.

A forma como a qualidade do projeto e as condições físicas e psicossociais estão relacionadas ao comportamento de uso das crianças não tem sido suficientemente discutida na literatura. Vários fatores são mencionados como intervenientes na relação crianças e espaços: a falta de estrutura urbana, a má qualidade no planejamento e manutenção de áreas de brincadeira, o tráfego de veículos, a violência e a percepção negativa dos pais sobre os espaços. Contudo os estudos acabam privilegiando um aspecto em detrimento do outro. Além disso, mesmo nos estudos internacionais o ambiente ao ar livre mais estudado são os pátios escolares, sendo poucos os dados relacionados aos ambientes públicos.

Assim, a dissertação em questão pretendeu caracterizar os espaços públicos ao ar livre destinados às crianças do município de Criciúma, em termos de acesso, estrutura, manutenção e segurança, além de observar e entrevistar os usuários de tais espaços. Para tanto, a pesquisa fez uso de multi-métodos e ocorreu nos contextos em que os participantes estavam inseridos. Acredita-se que este estudo possa vir a sugerir a elaboração de diretrizes para programas de qualificação dos espaços urbanos e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida das crianças e dos jovens dentro da cidade.

Por conhecer a cidade onde foi realizado o estudo, a pesquisadora supôs que os espaços disponibilizados para a população infantil fossem pouco numerosos, comparados ao número de habitantes de 0 a 12 anos, e que estivessem em más condições de manutenção. Esperava-se ainda que tais espaços nem sempre estivessem de acordo com a demanda dos usuários em termos de faixa etária e atratividade e, assim, que muitos deles não estivessem ocupados nos momentos da coleta.

## 4. MÉTODO

### 4.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa teve caráter descritivo e exploratório e pretendeu caracterizar algumas dimensões envolvidas na relação crianças e espaços públicos ao ar livre. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, as dimensões (espaciais e pessoais) foram descritas visando compreendê-las e estabelecer relações entre elas (Kude, 1997). O presente estudo configurou-se também como transversal, uma vez que analisou um momento específico, no espaço e no tempo atual da trajetória de vida dos participantes. A metodologia de pesquisa pressupôs modelos explicativos integrados e envolveu uso de múltiplos métodos (Günther, Elali & Pinheiro, 2008).

### 4.2 Contextos de coleta de dados

#### 4.2.1 Escolha dos contextos

Os contextos de coleta de dados foram selecionados a partir de um estudo preliminar. Neste foram visitadas 48 praças do município com o intuito de conhecer quais possuíam espaços de lazer infantil (parque, quadra, pista de *skate*). Dentre as praças visitadas 22 continham tais espaços, sendo que os mesmos foram avaliados e 4 selecionados a partir de dois critérios principais: 1) conterem espaço de lazer infantil e 2) estarem ocupados/em uso no momento da visita. Um esquema do estudo exploratório é apresentado na Figura 1, abaixo:

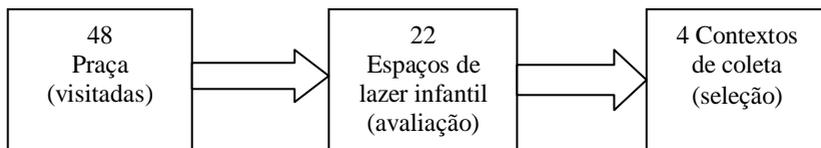


Figura 1. *Esquema do estudo exploratório.*

Cada contexto selecionado pertence a uma região distinta do município, sendo que a seleção ficou assim definida:

- Praça 1 – Praça Antônio Assis Gonçalves

- Praça 2 – Praça do Congresso
- Praça 3 – Praça Florentina de Oliveira Costa
- Praça 4 – Praça Pedro Bratti

#### 4.2.2 Caracterização dos contextos

Praça 1:

A inauguração da Praça Antônio Assis Gonçalves data do ano de 2000. A praça foi construída numa faixa de terra de 2.768,50m<sup>2</sup>, entre três ruas de circulação intensa de veículos – um grande trevo. As edificações do entorno são residenciais e comerciais e de padrão socioeconômico baixo. O espaço possui um parque infantil medindo cerca de 300m<sup>2</sup>. Os equipamentos disponibilizados são: dois escorregadores, dois balanços triplos e dois jogos de gangorras, tendo piso de grama, como mostra a planta baixa da praça na Figura 2:

Praça Antônio Assis Gonçalves  
Bairro Pinheirinho - regional Boa Vista,  
Área 2.768,50m<sup>2</sup>.



Figura 2. *Planta baixa da Praça Antônio Assis Gonçalves.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As fotos das praças P1, P2, P3 e P4 serão apresentadas no tópico resultados.

## Praça 2:

Localizada na região central de Criciúma, a Praça do Congresso é a mais antiga do município, sendo que sua construção data de 1953. A praça é cercada por edifícios de porte médio e padrão socioeconômico alto. As ruas do entorno possuem tráfego intenso em dias úteis. A área total é de 13.819,99m<sup>2</sup>, sendo distribuída em: local para ginástica, lago, parque infantil e vasto gramado. O parque infantil mede aproximadamente 2.000m<sup>2</sup> e possui equipamentos de ferro com madeira sendo: dois escorregadores, um gira-gira, um vai-e-vem, dois jogos de gangorras, um balanço de cadeirinha quádruplo e um equipamento misto (escorregador/ponte). O piso é de areia grossa e a área é cercada por árvores, gramado e bancos fixos de madeira, como mostra a planta baixa da praça na Figura 3:

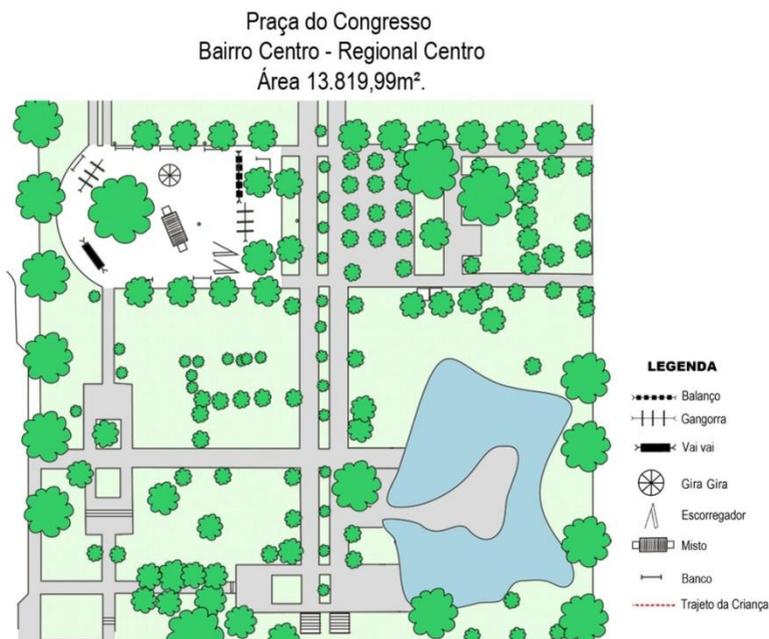


Figura 3. Planta baixa da Praça do Congresso.

### Praça 3:

A Praça Florentina de Oliveira Costa foi construída em 2002, em anexo a uma Escola Municipal, tendo extensão de 1.629,88m<sup>2</sup>. A praça é cercada por terrenos baldios e residências de padrão socioeconômico médio. Quase toda a extensão da praça é ocupada pelo parque infantil, pista de skate e quadra poliesportiva (futebol, vôlei e basquete). O parque é composto por um escorregador, um jogo de gangorras, um gira-gira e um balanço triplo. O piso do parque é de grama e da pista de skate e da quadra esportiva de concreto, como mostra a planta baixa da praça na Figura 4.

Praça Florentina de Oliveira Costa  
Bairro Ceará - Regional Próspera  
Área 1.629,88m<sup>2</sup>

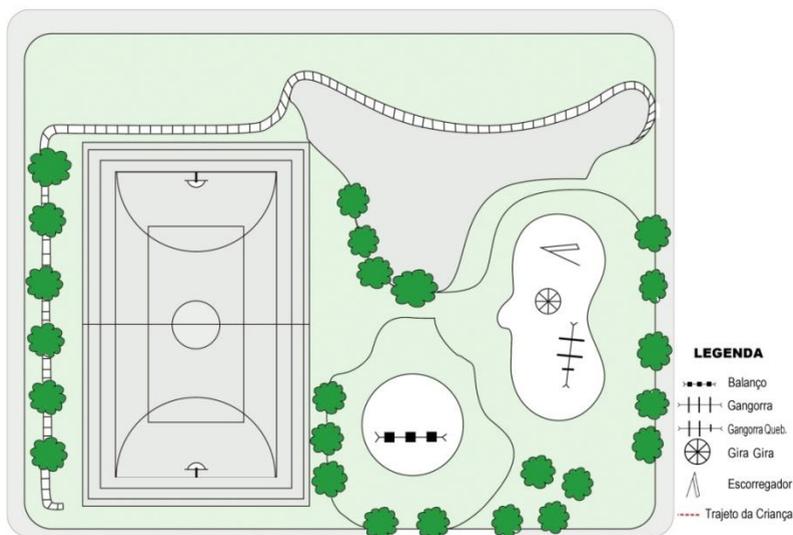


Figura 4. Planta baixa da Praça Florentina de Oliveira Costa.

### Praça 4:

Localizada na periferia do Distrito de Rio Maina, a Praça Pedro Bratti foi fundada em 1980. O local é cercado por residências de padrão

socioeconômico baixo e ruas de circulação de veículos pouco intensa. A área total é de 1.946,51m<sup>2</sup>, sendo que o parque infantil mede próximo de 400m<sup>2</sup> e apresenta um escorregador, um jogo de gangorras e dois balanços triplos, tendo piso de areia fina, de acordo com a planta baixa da praça na Figura 5:

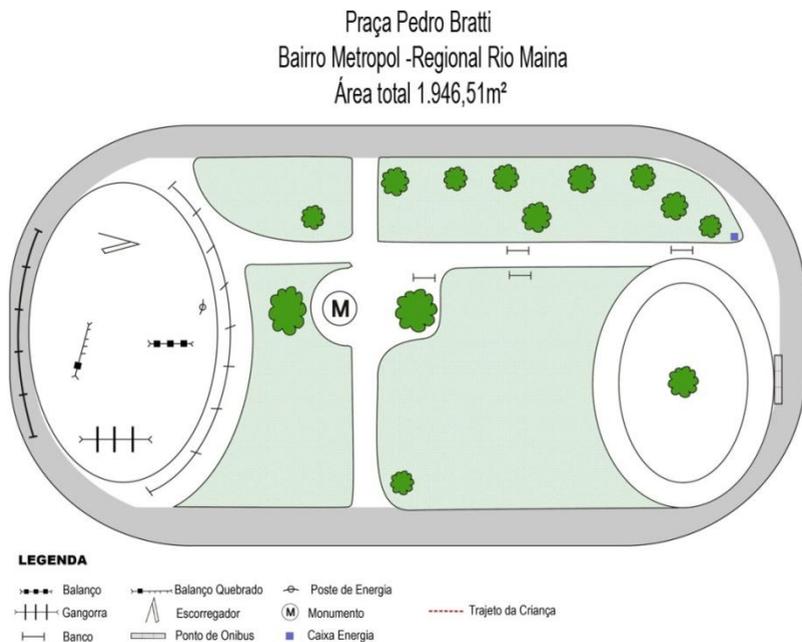


Figura 5. *Planta baixa da Praça Pedro Bratti.*

No decorrer do texto a seguir as praças serão denominadas por siglas, então a Praça 1 será P1; a Praça 2 será P2; a Praça 3 será P3, e a Praça 4 será P4.

### 4.3 Participantes

Participaram da pesquisa 40 crianças, sendo 20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, com idades entre 6 e 12 anos, com média de idade de 8 anos e 8 meses, e seus respectivos responsáveis no momento da coleta. A P1, P2 e P4 apresentam maior número de participantes do sexo feminino e a P3, ao contrário, possui número

maior de participantes do sexo masculino, como mostra a Tabela 2:

Tabela 2. *Número de participantes por praça e gênero.*

<b>Gênero</b>	<b>Praça</b>				<b>Total</b>
	P1	P2	P3	P4	
Masculino	4	4	9	3	20(50%)
Feminino	6	6	1	7	20(50%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Dentre os participantes, foi superior a presença de crianças na faixa etária de 6 a 9 anos (60%) em relação as faixa de 10 a 12 anos (40%). Na P2 e P4 a presença de crianças 6 a 9 anos foi maior ( 90% e 70% do total, respectivamente). Na P1 a participação das faixas etárias foi idêntica, totalizando 50% de 6 a 9 anos e 50% de 10 a 12 anos. Na P3, ao contrário, a faixa etária mais freqüente foi de 10 a 12 anos (70% do total). Observa-se tais dados detalhadamente na Tabela 3:

Tabela 3. *Número de participantes por praça e faixa etária.*

<b>Idade</b>	<b>Praça</b>				<b>Total</b>
	P1	P2	P3	P4	
6-9anos	5	9	3	7	24(60%)
10-12anos	5	1	7	3	16(40%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Foram entrevistados também 24 responsáveis, sendo 18 (75%) do sexo feminino e 6 (25%) do sexo masculino, com idades entre 15 e 50 anos e média de idade de 32 anos e 3 meses. Na P1 foram entrevistados 6 responsáveis (25%), todos do sexo feminino. A P2 contou com a participação 10 responsáveis (41,7%), sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Na P3 participaram da coleta 3 mães (12,5%) e na P4 foram entrevistados 5 responsáveis (20,8%), sendo 4 do sexo feminino e 1 do sexo masculino.

As crianças pesquisadas correspondem à população usuária dos espaços públicos ao ar livre durante as visitas da pesquisadora, sendo este um dos critérios de inclusão. Outro critério foi a faixa etária de 6 a 12 anos, devido a um dos métodos (entrevista) necessitar de um repertório verbal mais sofisticado/desenvolvido para expressar e comunicar a opinião dos participantes. Assim, optou-se por crianças com idade igual ou superior a seis anos. Adolescentes com idade superior a 12 anos não foram pesquisados por acreditar que nesta fase

possuem motivações e interesses mais voltados ao grupo e à sexualidade e menos aos espaços de brincadeira. Quanto aos responsáveis, o único critério de inclusão foi que estivessem acompanhando a criança no local e momento da coleta de dados. A presença do responsável, em alguns casos, se deu apenas no momento de buscar a criança no local de coleta e não durante todo o tempo de permanência na praça.

O grau de instrução dos pais ou responsáveis variou de ensino fundamental incompleto (45,8% dos participantes) à pós-graduação (4,2%). Alguns dos responsáveis acompanhavam mais de uma criança e, dentre as crianças que foram pesquisadas, 19 (41,3%) brincavam sozinhas no local da coleta.

#### **4.4 Instrumentos**

Os estudos multi-métodos têm sido utilizados por oferecerem uma representação holística da experiência com os ambientes. Além disso, possibilitam diminuir os vieses metodológicos, uma vez que não ressaltam apenas um aspecto do problema/objeto, mas tentam integrar os vários aspectos envolvidos na relação humano-ambiental (Gunther, Elali, & Pinheiro, 2008). Neste estudo optou-se por utilizar instrumentos distintos para avaliar as diferentes dimensões presentes na inter-relação pessoa-espaço, neste caso, crianças e espaços públicos ao ar livre. As técnicas buscaram abranger as instâncias envolvidas na pesquisa e, assim, algumas são centradas nos espaços físicos e outras nas pessoas usuárias desses espaços.

1. Instrumentos centrados nos espaços:
  - Planilha de avaliação dos espaços públicos ao ar livre;
  - Diário de campo.
2. Instrumentos centrados nas pessoas:
  - Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa;
  - Entrevista a partir de roteiro (crianças e responsáveis);
  - Diário de campo.

A seguir cada instrumento utilizado será definido e descrito a partir de sua função na presente pesquisa.

##### **4.4.1 Planilha de avaliação dos espaços públicos ao ar livre**

A dimensão física e funcional dos espaços foi analisada a partir

de uma planilha de avaliação de parques infantis e seu entorno (Apêndice 1). Esta planilha foi adaptada da proposta por Borges (2008) em sua pesquisa sobre projetos arquitetônicos de parques infantis no município de Florianópolis – SC. A planilha de avaliação dos espaços públicos ao ar livre elaborada para a pesquisa aqui apresentada, foi construída a partir de categorias pré-determinadas que permitissem levantar alguns indicadores referentes ao acesso e uso das praças. Desta forma, foi construída com 17 tópicos, sendo 2 relacionados ao entorno; 7 à estrutura arquitetônica; 3 à estrutura física; 3 à segurança, e 2 sobre o uso. Além do registro das informações na planilha as praças também foram fotografadas pela pesquisadora.

#### **4.4.2 Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa**

Foram realizados 40 mapeamentos, 10 em cada praça, com o intuito de caracterizar os comportamentos e as atividades desenvolvidas nos espaços públicos ao ar livre. O mapeamento comportamental centrado-na-pessoa vem sendo utilizado em estudos na área de psicologia ambiental para descrever a influência do ambiente no comportamento. O mapa comportamental possibilita representar graficamente as localizações e comportamentos das pessoas no espaço e, assim, analisar e comparar a usabilidade real com a planejada anteriormente para o local. Neste sentido, a técnica presta-se a análises tanto de cunho social quanto comportamental (Correa, 2006; Fernandes, 2006; Min & Lee, 2006; Pinheiro, Elali & Fernandes, 2008).

Tendo em vista, as várias dimensões a serem documentadas (espaço, pessoa, comportamento, tempo), antes de ir a campo a pesquisadora elaborou um esquema de registro dos dados que incluiu: a planta baixa de cada praça e um formulário para registro dos comportamentos/atividades a serem observados. O procedimento de coleta com tais instrumentos será detalhado no tópico 4.5.2.

#### **4.4.3 Roteiro de entrevista individual**

Com o objetivo de conhecer a opinião dos usuários em relação aos espaços públicos ao ar livre disponíveis, foram elaborados dois roteiros, um para a criança e outro para o responsável. Abaixo seguem mais informações sobre cada um dos instrumentos:

1. Entrevista responsável: roteiro estruturado referente à variáveis sócio-demográficas: idade, sexo, escolaridade, renda, local e tipo de residência e 15 questões relativas à relação com a vizinhança, segurança do bairro, estrutura física e social do local e comportamento dos filhos no local (Apêndice 2).

2. Entrevista criança: roteiro estruturado composto por questões de identificação (sexo, idade, local e tipo de residência) e 9 questões referentes à estrutura do local e aos comportamentos/atividades desenvolvidas no mesmo (Apêndice 3).

A primeira página deste instrumento continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que permitiu atestar o consentimento dos responsáveis quanto à sua participação e da criança(s) na pesquisa (Apêndice 4).

#### **4.4.4 Diário de Campo**

Neste estudo a técnica foi utilizada com o intuito de registrar informações/observações relevantes e que os demais instrumentos não pudessem captar. O diário de campo esteve presente em todo o processo de obtenção de dados.

### **4.5 Procedimentos de coleta de dados**

#### **4.5.1 Estudo preliminar**

Nos meses de março e abril de 2009 foi realizado o estudo exploratório com o intuito de conhecer os locais e ter um panorama geral dos espaços públicos ao ar livre destinados a população infantil na cidade em estudo. Assim, junto à Secretaria de Divisão Física e Territorial (SDFT) obteve-se uma listagem (anexo 1), com o nome de 45 praças públicas do município. Após, foi realizada busca no site da Câmara Municipal de Criciúma (<http://camara.virtualiza.net/>) a fim de atualizar a listagem e obter informações quanto à localização das praças. Com a busca eletrônica elaborou-se a lista final contendo 51 praças públicas no município (Apêndice 5). Por falta de dados quanto à localização, três não foram visitadas. Ao todo foram visitadas 48 praças públicas.

As 48 praças públicas visitadas pertencem às cinco regiões

conforme é dividido o município, como mostra a Figura 6:

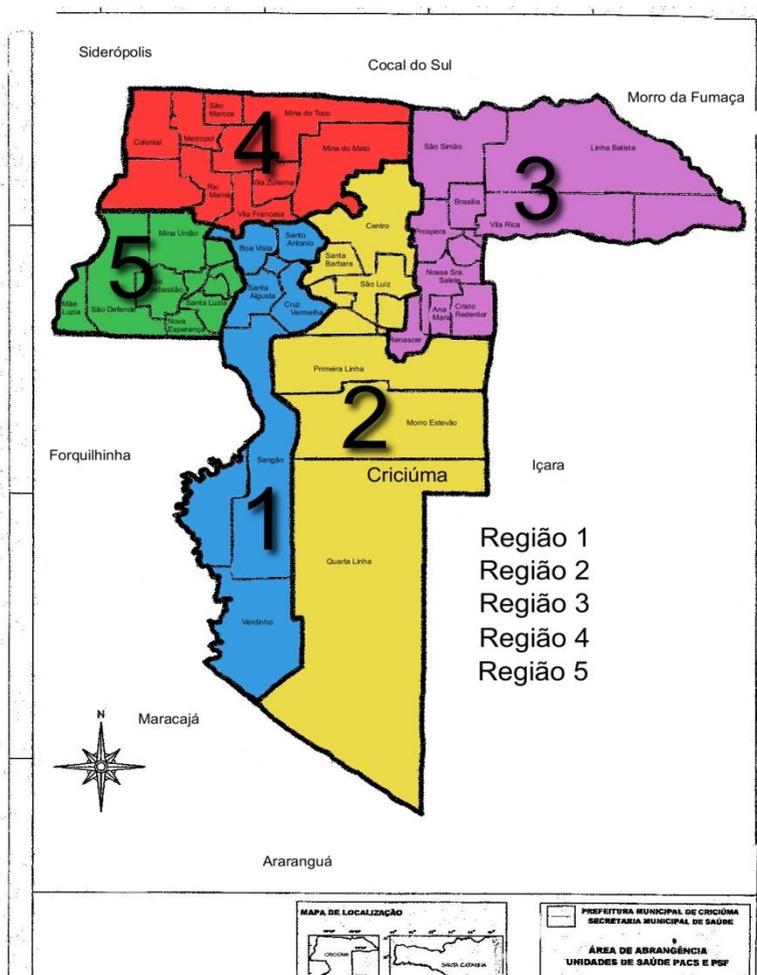


Figura 6. Mapa do município de Criciúma subdividido em regiões.

#### 4.5.2 Mapeamento comportamental centrado-na-pessoa

O processo iniciou com a preparação dos instrumentos de coleta necessários ao mapeamento comportamental: croquis e formulário. As plantas baixas da P2 e P3 foram cedidas pela Secretaria de Planejamento Urbano e as plantas baixas da P1 e P4 foram desenhadas pela pesquisadora, a partir da medição *in locus* dos espaços. Durante as visitas para medição e desenho dos espaços, fizeram-se observações livres e registros em diário de campo acerca da idade dos usuários, do tempo de permanência, tipo de atividades desenvolvidas, tipo de locomoção até o local e a presença ou não de acompanhante ao usuário principal do local. O contato foi importante para que se pensasse nos comportamentos/atividades a serem observados e, conseqüentemente, na elaboração do formulário de registro (Apêndice 6). Tendo finalizado as plantas baixas e o formulário, desenvolveu-se um fluxo de registro das informações, de acordo com a Figura 7. O fluxo de registro foi pensado para tornar o mapeamento mais sistemático e para poder ser aplicado por outra pessoa.

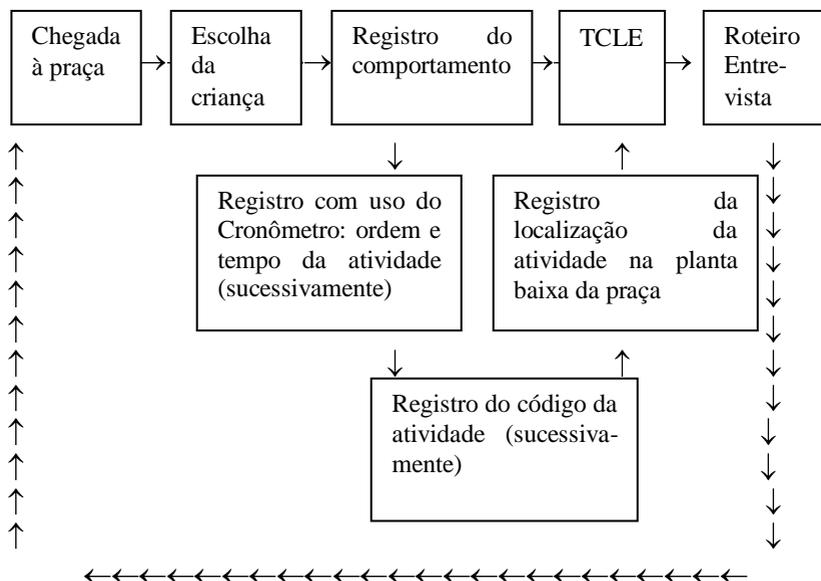


Figura 7. Fluxo de registro do mapeamento comportamental centrado-na-pessoa

A coleta de dados com os participantes ocorreu desde a chegada ao local até o término de suas atividades, o que levou de alguns minutos a mais de uma hora, dependendo da criança estudada. Em seguida, se dava a aproximação da pesquisadora para a entrevista e apresentação do TCLE. Os mapeamentos foram realizados nos meses de maio, junho e julho de 2009 (Apêndice 7). Fatores como o tempo disponível para a pesquisa e imprevisibilidade das condições climáticas fizeram com que se uniformizasse a coleta de dados, estabelecendo o número de dez observações para cada praça. Essa parte do trabalho de campo contou com a participação de uma pesquisadora-colaboradora<sup>2</sup>.

### **4.5.3 Roteiro de entrevista**

Os roteiros foram elaborados e, posteriormente, enviados a uma especialista para validação de conteúdo<sup>3</sup>. Após a validação, realizou-se um estudo piloto com os participantes. A versão final dos roteiros foi realizada em seguida, possibilitando a continuidade da pesquisa.

A aplicação dos roteiros foi realizada pela pesquisadora principal e uma pesquisadora-colaboradora nas quatro praças escolhidas. Após cada mapeamento, uma das pesquisadoras se aproximava do responsável pela criança e explicava os objetivos e métodos da pesquisa. Havendo concordância na participação, era solicitada a assinatura do TCLE, sendo que uma das cópias ficava com a pesquisadora e a outra era entregue ao responsável. Em seguida aos esclarecimentos e assinaturas, os participantes eram entrevistados individualmente, primeiro o responsável e depois a criança.

Quando a criança estava desacompanhada, a pesquisadora apresentava os objetivos da pesquisa e o TCLE. Obtendo o consentimento da criança, era solicitado seu nome e de um dos pais ou responsável. A pesquisadora ficava com a cópia assinada pela criança e lhe entregava outra cópia, a fim de que o responsável pudesse entrar em contato se julgasse necessário. A criança era entrevistada a seguir. As entrevistas duraram de 5 a 10 minutos, não havendo dificuldade de

---

<sup>2</sup> Andréia Sharon Salomão Netto, Psicóloga. Especialista em Gestão de Pessoas. Atua em grupos-terapia na rede pública de Saúde do Município de Criciúma.

<sup>3</sup> Susana Alves, Doutora em Psicologia e pesquisadora do Instituto OpenSpace, Edinburgh – Escócia.

compreensão por parte dos entrevistados.

#### **4.5.4 Diário de campo**

Foram feitos registros no diário de campo em momentos anteriores ou posteriores aos mapeamentos comportamentais e entrevistas com os participantes, ou quando a pesquisadora julgou necessário. As anotações são impressões da pesquisadora quanto à estrutura física disponibilizada nos espaços e vestígios de uso dos mesmos (desgaste no terreno e nos equipamentos, modificações realizadas na estrutura pelos usuários, horários e faixa etária que mais utiliza, entre outros), assim como condições do entorno (formas de locomoção, tráfego de veículos, policiamento, entre outros). Os dados coletados com este instrumento serviram para enriquecer/aprofundar os dados coletados pelas demais técnicas utilizadas.

#### **4.5.5 Teste piloto e de concordância**

Os instrumentos do mapeamento comportamental centrado-na-pessoa e os roteiros de entrevista passaram por teste piloto. Julgou-se necessário verificar se os roteiros estavam organizados de forma compreensível aos participantes, principalmente as crianças. O mapeamento comportamental centrado-na-pessoa passou também por teste de concordância, a fim de garantir maior fidedignidade nos dados coletados. Foram realizados 2 testes de concordância, em 2 praças distintas, com resultados de 71,4% e 80% (Apêndices 8 e 9).

#### **4.6 Análise dos dados**

Os dados coletados sobre os espaços públicos ao ar livre e registrados na planilha de avaliação foram analisados a partir da frequência de cada categoria de análise, visando-se obter um panorama geral das condições de planejamento, segurança e condições físicas de cada local.

Os trajetos produzidos pelas 40 crianças, a partir do mapeamento comportamental centrado-na-pessoa, foram documentados graficamente nas plantas baixas das quatro praças e, após, digitalizados através do programa *Adobe Photoshop Image* versão 9.0, elegendo-se o uso de uma

cor distinta para cada criança em estudo. As variáveis como sexo, idade, tipo de atividade, tempo de permanência e ocupação, foram tratados e tabulados através do programa *Excel*.

Em relação às entrevistas a partir dos roteiros, os dados referentes ao perfil dos participantes como idade, sexo e grau de instrução, assim como o perfil sócio-econômico e os dados categóricos, quanto à opinião dos participantes (crianças e responsáveis), foram codificados e tabulados através do programa *Excel*.

## 5. RESULTADOS

### 5.1 Estudo preliminar: conhecendo os espaços

Como mencionado anteriormente, o estudo preliminar foi realizado com o intuito de conhecer os espaços públicos destinados à população infantil do município de Criciúma para, posteriormente, proceder a escolha dos contextos de coleta de dados. Serão apresentados apenas os dados da avaliação das quatro praças selecionadas, objetivando visualizar melhor cada espaço pesquisado.

#### 5.1.1 O entorno das praças

As quatro praças pesquisadas estão localizadas em áreas residenciais, institucionais e comerciais, sendo que a P2 pertence a região central do município e as demais fazem parte da periferia da cidade. Em termos de qualidade do entorno (padrão sócio-econômico das edificações que circundam as praças) tem-se que a P2 apresenta padrão alto, a P3 padrão médio e a P1 e P4 padrão baixo. Um resumo das informações foi organizado na Tabela 4:

Tabela 4. *Características do entorno em termos de uso e padrão das edificações.*

Entorno		Praça			
		P1	P2	P3	P4
Uso	Residencial	X	X	X	X
	Comercial	X			
Padrão	institucional		X	X	
	Alto		X		
	Médio			X	
	Baixo	X			X

#### 5.1.2 Qualidade do projeto

As categorias indicadas quanto a qualidade do projeto se referem aos equipamentos disponíveis, ao material utilizado para fabricação e à manutenção. Em termos de equipamentos no parque, a P2 difere quantitativa e qualitativamente das demais praças, pois possui um número maior de equipamentos e esses são mais diversificados. As P1 e

P4 dispõem de uma estrutura mais tradicional, composta por balanço, gangorra e escorregador. A P3 é um espaço multiatrativo que apresenta parque infantil, quadra poliesportiva e pista de *skate* de uso simultâneo, ampliando as possibilidades de atividades pelas crianças. O parque infantil é uma estrutura planejada e presente em todas as praças pesquisadas, sendo que os equipamentos disponibilizados em cada uma podem ser observados na Tabela 5:

Tabela 5. *Tipo de equipamentos presentes nos parques.*

Tipo de equipamento	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Balanço	2	1	1	2	6(27,3%)
Escorregador	2	2	1	1	6(27,3%)
Gangorra	2	2	1	1	6(27,3%)
Gira-gira	0	1	1	0	2(9,1%)
Vai-e-vem	0	1	0	0	1(4,5%)
Ponte	0	1	0	0	1(4,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>22(100%)</b>

Os equipamentos tradicionais, balanço, gangorra e escorregador, são os mais freqüentes nos parques, estando presentes em todas as praças pesquisadas. Os demais equipamentos são disponibilizados apenas nos parques da P2 e P3, principalmente na primeira. O material utilizado na fabricação dos equipamentos dos quatro parques é madeira e ferro, com cores verde e vermelha e tendo piso de areia ou grama. A quadra esportiva e a pista de *skate* da P3 possuem piso de concreto. Os parques e equipamentos presentes nas praças podem ser identificados na Figura 8:



Figura 8. Equipamentos nos parques das praças pesquisadas.<sup>4</sup>

O Quadro 1, abaixo, apresenta a descrição e ilustração dos equipamentos encontrados nos parques pesquisados:

---

<sup>4</sup> Da esquerda para a direita – acima P1 e P2, abaixo P3 e P4.

Quadro 1. Descrição e ilustração dos equipamentos disponibilizados nos contextos de coleta de dados (ABNT, 1999).

Equipamento	
Ilustração	Descrição
	<p><b>Balço:</b> propicia o desenvolvimento do equilíbrio e da autoconfiança.</p>
	<p><b>Gangorra:</b> favorece as atividades físicas, desenvolvendo habilidades motoras, sociais, integração, autonomia e cooperação.</p>
	<p><b>Escorregador:</b> estimula o exercício físico, o aprimoramento de habilidades motoras e auxilia o desenvolvimento da autoconfiança.</p>

	<p><b>Gira-gira:</b> estimula atividades físicas, desenvolvendo habilidades motoras, sociais, integração, autonomia e cooperação.</p>
	<p><b>Vai-e-vem:</b> propicia o desenvolvimento do equilíbrio e da autoconfiança, além de estimular o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais, integração, autonomia e cooperação.</p>
	<p><b>Ponte:</b> estimula o exercício físico, o aprimoramento de habilidades motoras. Também oferece diversos desafios, propiciando a criação de diferentes brincadeiras de faz-de-conta, além de auxiliar o desenvolvimento da autoconfiança, integração e cooperação.</p>

Arquivo pessoal

Em termos de manutenção da estrutura dos espaços, os tópicos avaliados foram condição da pintura, do piso, da marcação territorial por cercas, da limpeza, da poda e corte da grama, peças quebradas e/ou ausentes, como observado na Tabela 6.

Tabela 6. *Condição de manutenção das praças pesquisadas.*

Manutenção	Praça			
	P1	P2	P3	P4
Pintura descascada		X		X
Piso desgastado	X			
Cercamento quebrado			X	
Local sujo	X		X	X
Vegetação alta			X	
Peças ausentes	X	X		X
Peças quebradas	X	X	X	X
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>4</b>

Neste sentido, foram considerados como manutenção boa os espaços que pontuaram em até um item; como razoável os que pontuaram de 2 a 3 itens e como manutenção ruim os que foram pontuados de 4 a 7 itens. Os dados demonstram que a P2 estava em condição de manutenção razoável, enquanto que nas demais o resultado de manutenção era ruim.

A Figura 9 apresenta alguns exemplos do estado de manutenção das praças pesquisadas:



Figura 9. *Condição de manutenção das praças.*<sup>5</sup>

### 5.1.3 Condições de segurança

Além da manutenção foi avaliada a segurança dos espaços públicos de lazer. Os tópicos avaliados quanto à segurança foram: equipamentos quebrados (pontas), proximidade dos equipamentos e irregularidade do terreno. Foram avaliados como condição de segurança boa os que pontuaram em até um item; em razoável os que pontuaram em dois itens e; ruim os que pontuaram em três itens. Observa-se, na Tabela 7, que as P2 e P3 apresentam boa condição de segurança e as P1 e P4 condição razoável.

---

<sup>5</sup> Da esquerda para a direita – acima P1 e P2, abaixo P3 e P4.

Tabela 7. *Condição de segurança das praças pesquisadas.*

Segurança	Praça			
	P1	P2	P3	P4
Equipamentos quebrados	X	X	X	X
Proximidade dos equipamentos	X			X
Terreno irregular				
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>4</b>

A partir dos dados sobre a condição de manutenção e condição de segurança percebe-se que a P2 apresenta melhores condições de uso ou menos riscos físicos as crianças que as demais praças. Ainda em termos de segurança foi avaliado o tráfego de veículos e a proximidade das vias que circundam as praças. Os dados são visualizados na Tabela 8.

Tabela 8. *Intensidade de tráfego e proximidades das vias de circulação em relação aos espaços.*

Segurança em relação aos veículos		Praça			
		P1	P2	P3	P4
Tráfego	Muito intenso	X			
	Intenso		X		
	Pouco intenso			X	X
Proximidade das vias	Muito próxima	X	X	X	X
	Próxima				
	Pouco próxima				

A circulação de veículos foi considerada muito intensa no entorno da P1 e intenso na P2. As P3 e P4 possuem tráfego pouco intenso no entorno. Em relação à proximidade das vias, todos os espaços de lazer estão muito próximos às vias de circulação de veículos. A proximidade das vias de tráfego torna-as pouco seguras, situação particularmente presente na P1 e na P2 que possuem tráfego mais intenso como pode ser visto na Figura 10.



Figura 10. *Condição de segurança em relação ao tráfego de veículos e proximidade as vias de circulação*<sup>6</sup>.

#### 5.1.4 Condições físicas

A estrutura física foi outra categoria avaliada nas visitas as praças, sendo avaliada a presença de vegetação (árvores, arbustos, flores) e a quantidade de sombra. A P2 e P4 apresentaram muita vegetação, enquanto que a P1 e P3 possuíam pouca vegetação, de acordo com a Tabela 9.

Tabela 9. *Presença de vegetação nas praças pesquisadas.*

Vegetação	Praça			
	P1	P2	P3	P4
Muita		X		X
Média				
Pouca	X		X	

<sup>6</sup> Da esquerda para a direita – acima P1 e P2, abaixo P3 e P4.

A avaliação da presença de vegetação no local foi realizada a partir da quantidade de árvores e arbustos no local, assim como, sombra produzida na área total da praça. A Figura 11 exemplifica a presença de vegetação nas praças.



Figura 11. *Presença de vegetação nas praças pesquisadas*<sup>7</sup>.

## **5.2 Mapeamento Comportamental Centrado-na-pessoa e Diário de Campo**

### **5.2.1 Conhecendo os modos de ocupação dos espaços**

Através do mapeamento comportamental centrado-na-pessoa e das anotações do diário de campo, foi possível levantar e tratar dados sobre os modos de ocupação dos espaços pelos usuários. A Tabela 10 demonstra os dias da semana e os turnos, matutino (M) e vespertino (V),

---

<sup>7</sup> Da esquerda para a direita – acima P1 e P2, abaixo P3 e P4.

em que as crianças foram observadas através do mapeamento comportamental. Os horários de coleta foram de 9h00 às 11h30 no período matutino e 14h30 às 17h30 no período vespertino.

Tabela 10. *Ocupação das praças por dia da semana e turno.*

Dia da semana	Praça/turno								Total
	P1		P2		P3		P4		
	M	V	M	V	M	V	M	V	
Quinta	0	0	0	2	0	1	0	0	3(7,5%)
Sexta	0	0	0	3	0	1	0	0	4(10%)
Sábado	0	2	2	1	0	6	0	0	11(27,5%)
Domingo	0	8	2	0	0	2	1	9	22(55%)
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>9</b>	<b>40(100%)</b>

A P2 e P3 são mais freqüentemente ocupadas durante a semana que a P1 e P4, que estavam ocupadas em finais de semana. O domingo, de uma forma geral, foi o dia da semana em que as praças se mostraram mais ocupadas, exceto pela P3 em que a ocupação foi superior aos sábados. O turno vespertino foi predominantemente mais ocupado, apresentando o índice de 87,5% do total das situações observadas.

O tempo de permanência, em termos gerais, é maior na faixa de 16 a 30 minutos (37,5% do total do tempo observado). A P3 é a única em que a maior parte dos usuários permaneceu um pouco acima da média, ou seja, na faixa de 31 a 45 minutos durante o período de observação. Na P4 algumas pessoas permaneceram mais de 60 minutos, contudo a maioria ficou dentro da média das demais praças, como se observa na Tabela 11.

Tabela 11. *Número de participantes por tempo de permanência e praça.*

Tempo de permanência/minutos	Praça				Total/crianças
	P1	P2	P3	P4	
0-15	2	2	2	2	8(20%)
16-30	4	6	2	3	15(37,5)
31-45	3	0	4	1	8(20%)
46-60	1	2	2	1	6(15%)
Mais de 60	0	0	0	3	3(7,5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Quanto ao tipo de ocupação das praças, observa-se que 60% das crianças estavam acompanhadas de um responsável no momento da coleta. A P2 foi ocupada em 100% por crianças e adultos, sendo um território misto. A P4 e P1 também são consideradas territórios mistos, pois a ocupação por crianças e adultos foi de 70% e 60% do total, respectivamente. A P3 foi a única que apresentou resultado diferente, sendo que 90% das crianças estavam sozinhas no local de coleta, caracterizando a mesma como território infantil, como apresenta a Tabela 12.

Tabela 12. *Número de participantes por praça e tipo de ocupação.*

Território	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Misto	6	10	1	7	24(60%)
Infantil	4	0	9	3	16(40%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Os dados ainda puderam ser analisados em relação ao gênero e idade das crianças presentes em cada praça. Na P1 e P4 a prevalência de meninas foi maior que de meninos, ao contrário da P3, onde prevaleceram os meninos. A P2 fica distante das residências, sendo um indicativo de que as crianças precisam ir acompanhadas de responsáveis. Os dados relativos á distância percorrida serão apresentados na análise dos questionários.

### 5.2.2 Mapeando o uso dos espaços pelas crianças

O mapeamento comportamental das crianças permitiu levantar dados sobre o uso das praças como os trajetos realizados, os setores utilizados, as atividades mais desenvolvidas e o tempo. Os resultados dos trajetos serão apresentados não individualmente, mas por grupo de crianças em cada praça. Em relação aos setores, cada praça foi dividida em área de brincar (área do parque e área da quadra), área verde (árvores, gramado); área de estar (bancos) e área livre. As atividades consideradas como principais são aquelas que cada criança desenvolveu por mais tempo em cada praça. Cabe ressaltar que os trajetos registrados expressam as atividades desenvolvidas pelas crianças e, conseqüentemente, os setores mais utilizados pelas mesmas.

Analisando os trajetos realizados pelas crianças nas praças,

verifica-se que diferentes espaços são explorados. A Figura 12 mostra que praticamente toda a extensão da P1 foi explorada, principalmente o parque e a área livre. O parque é pequeno em relação à praça, o que pode estimular as crianças a explorarem o restante da praça; além disso, possui uma estrutura planejada dispõe de poucos equipamentos. A área livre foi utilizada pelas crianças quando queriam desenvolver atividades que necessitavam de um espaço mais amplo como andar de bicicleta, correr.

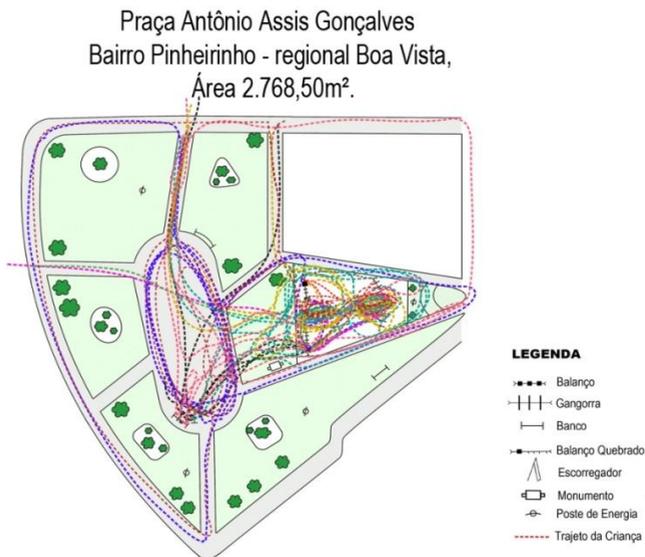


Figura 12. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P1.

Na P2 a área mais explorada foi o parque infantil, sendo que algumas crianças também costumam ir até o lago a fim de observar os peixes, como observado na Figura 13. Apesar da extensão espacial, as áreas livres são pouco exploradas, indicando que o contexto foi utilizado quase que exclusivamente para a atividade de brincadeira nos equipamentos. O resultado pode ser explicado pela estrutura planejada disponível nesta praça que, como apresentado na avaliação dos espaços, é melhor em termos de diversidade de equipamentos e manutenção. Além disso, a área do parque da P2 é equivalente a área total das demais

praças.

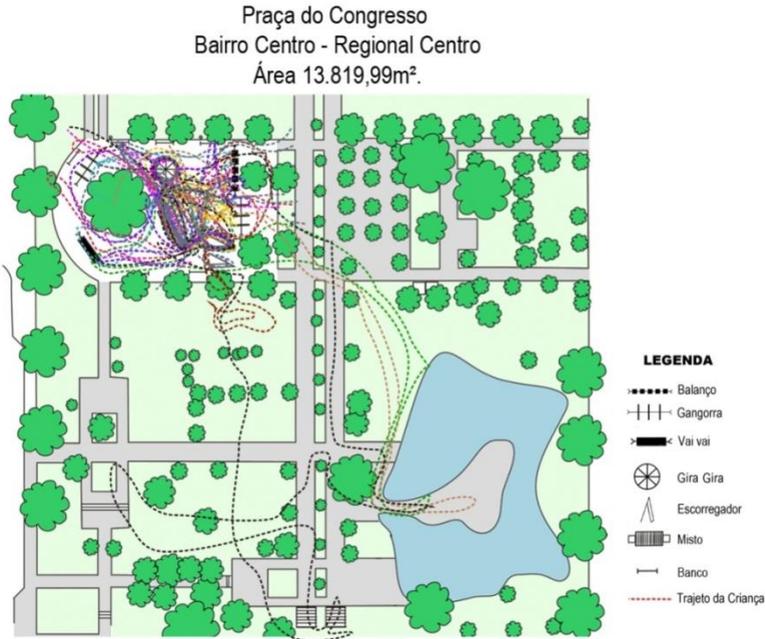


Figura 13. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P2.

Os trajetos na P3 se concentram na quadra poliesportiva, área mais explorada em relação ao parque e a pista de skate, de acordo com Figura 14. Acredita-se que o gênero e a idade dos participantes influenciem neste resultado, uma vez que a amostra foi composta de 90% de integrantes do sexo masculino, com faixa etária predominante de 10 a 12 anos. O espaço foi utilizado quase que exclusivamente para o jogo de futebol. A única menina que utilizou a praça se concentrou no parque infantil. Pode-se pensar que a característica desta praça seja pouco atrativo para estimular o uso entre as meninas.

Praça Florentina de Oliveira Costa  
Bairro Ceará - Regional Próspera  
Área 1.629,88m<sup>2</sup>

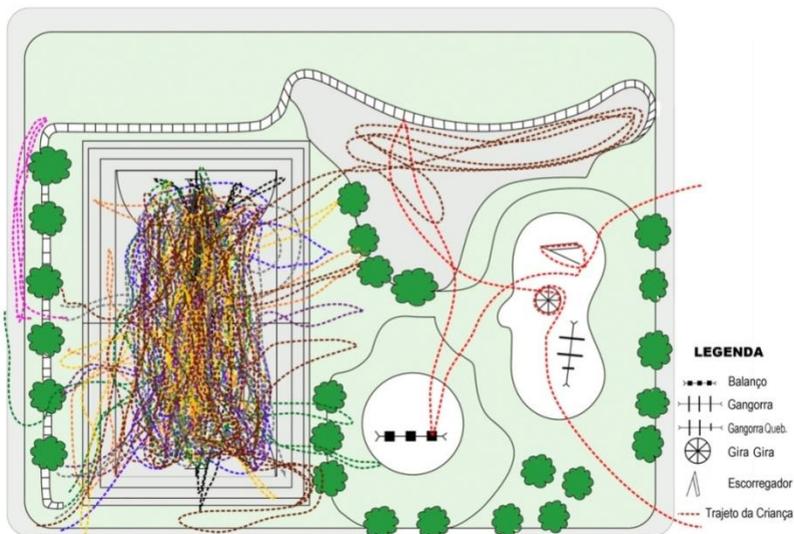


Figura 14. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P3.

Na P4 a Figura 15 demonstra que o espaço mais explorado pelas crianças foi o parque infantil, contudo as áreas próximas também são utilizadas com frequência, como uma grande árvore da espécie figueira localizada ao lado. A figueira serve como local de descanso e conversação, mas, principalmente, como equipamento de brincadeira onde as crianças costumam ficar penduradas. O parque infantil possui poucos equipamentos e alguns estão quebrados, o que faz com que as crianças, às vezes, precisem esperar que o equipamento fique vago. Isto pode explicar o porquê algumas crianças preferam utilizar a figueira para brincar. Os arredores do parque parecem uma extensão do mesmo, como se o local de brincadeira ficasse localizada nesta área.

Praça Pedro Bratti  
 Bairro Metropol -Regional Rio Maina  
 Área total 1.946,51m<sup>2</sup>

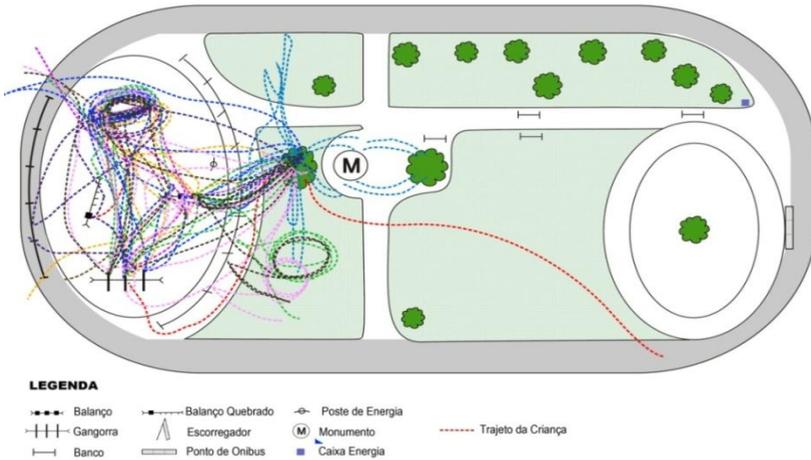


Figura 15. Mapa dos trajetos de todas as crianças da P4

Além dos trajetos de cada criança, foram realizados registros de todas as atividades desenvolvidas pelos participantes durante o mapeamento comportamental, assim como o tempo de permanência em cada atividade, gerando a Tabela 13.

Tabela 13. Número de participantes por praça e atividade principal.

Atividades principais	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Equipamentos	5	9	1	5	20(50%)
Olhar	0	0	1	0	1(2,5%)
Conversar	2	0	0	0	2(5%)
Elementos naturais	0	0	0	2	2(5%)
Brinquedo próprio	3	0	0	0	3(7,5%)
Brincar em grupo	0	0	0	3	3(7,5%)
Brincar com bola	0	1	8	0	9(22,5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

De forma geral, a atividade principal realizada pelas crianças foi o brincar nos equipamentos do parque, com 50% do total das atividades

observadas, seguido do brincar com bola, com 22,5% do total. Comparando cada praça, observa-se que a P1 e P4 apresentaram o mesmo índice no uso dos equipamentos (50% do total). Na P1 a segunda atividade mais presente foi o brincar com brinquedo próprio, este dado pode sugerir que, por falta de uma estrutura planejada mais diversificada, as crianças acabem levando opções brinquedos de suas casas. Além disso, a condição de conservação dos equipamentos disponibilizados nesta praça é muito ruim, como avaliada no estudo exploratório. Na P4 a segunda atividade mais frequente foi o brincar em grupo, o que, neste caso, além de demonstrar a demanda de socialização das crianças pode indicar que também a estrutura do parque não é tão atrativa.

Os dados da P2 apresentam que 90% das crianças passaram a maior parte do tempo brincando nos equipamentos do parque, o que, como já mencionado anteriormente, pode ser explicado pela idade dos participantes e pela estrutura arquitetônica mais diversificada. Ao contrário das demais praças, na P3 a principal atividade foi brincar com bola.

Os dados da atividade principal foram agrupados por gênero a fim de aprofundar a análise, gerando a Tabela 14:

Tabela 14. *Número de participantes por gênero e atividade principal.*

Atividades principais	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
Equipamentos	7	13	20(50%)
Olhar	1	0	1(2,5%)
Conversar	0	2	2(5%)
Elementos naturais	1	1	2(5%)
Brinquedo próprio	2	1	3(7,5%)
Brincar em grupo	0	3	3(7,5%)
Brincar com bola	9	0	9(22,5%)
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>40(100%)</b>

Observa-se que a atividade mais desenvolvida pelas meninas foi o brincar com equipamentos, totalizando 65% em relação aos meninos. Entre os meninos a atividade principal foi o brincar com bola (45%), logo seguido do brincar com equipamentos (35%). Pode-se pensar que a atividade de brincar com bola seria mais frequente se as demais praças

também dispusessem de quadra esportiva. Além disso, os dados indicam que as meninas não brincam com bola nas praças, mesmo quando há uma estrutura planejada para esta atividade. Por outro lado, diferente dos meninos, os dados demonstram que as meninas conversam e brincam em grupo nas praças.

A atividade principal foi comparada ainda com as faixas etárias observadas entre as crianças usuárias das praças, independente do contexto de coleta, como mostra a Tabela 15.

Tabela 15. *Número de participantes por idade e atividade principal.*

Atividades principais	Idade/anos		Total
	6-9	10-12	
Equipamentos	15	5	20(50%)
Olhar	1	0	1(2,5%)
Conversar	0	2	2(5%)
Elementos naturais	0	2	2(5%)
Brinquedo próprio	2	1	3(7,5%)
Brincar em grupo	3	0	3(7,5%)
Brincar com bola	3	6	9(22,5%)
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>40(100%)</b>

As crianças da faixa etária de 6 a 9 anos brincam três vezes mais nos equipamentos que as crianças na faixa etária de 10 a 12 anos, totalizando 75% e 25%, respectivamente. A faixa etária de 10 a 12 anos, contudo, brinca de bola duas vezes mais que a faixa etária de 6 a 9 anos, tendo índices de 66% e 33%, respectivamente. A atividade de brincar em grupo aparece apenas entre as crianças da faixa etária de 6 a 9 anos, enquanto que as atividades de conversar e brincar com elementos naturais ocorrem somente na faixa etária de 10 a 12 anos.

Cabe ressaltar que as crianças de 10 a 12 anos são mais freqüentes na P3, como demonstrado na apresentação do perfil dos participantes, e nesta praça a atividade principal foi o brincar com bola, o que pode estar influenciando no resultado. O brincar com elementos naturais apareceu apenas na P4, onde as crianças costumam se pendurar e balançar numa grande figueira ao lado do parque. Ocorre que crianças menores de 10 anos não apresentam tanta força para se balançar em uma árvore como crianças de 10 a 12 anos, o que pode também explicar o resultado.

Em relação ao tempo de permanência na atividade principal, os dados expressam que foi curto (5 a 15 minutos) para a maioria das crianças, totalizando 45%. Embora o brincar com equipamentos seja a atividade mais freqüente, o tempo nessa atividade foi curto, sendo que 65% das crianças permanecem de 5 a 15 minutos. Na segunda atividade mais freqüente, o brincar com bola, o tempo de permanência foi de 16 a 35 minutos para 66,7% das crianças; como mostra a Tabela 16.

Tabela 16. *Número de participantes por tempo e atividade principal.*

Atividades principais	Tempo/minutos					Total
	5-15	16-25	26-35	36-45	Mais 45	
Equipamentos	13	5	1	1	0	20
Olhar	1	0	0	0	0	1
Conversar	1	0	1	0	0	2
Elementos naturais	1	0	0	0	1	2
Brinquedo próprio	1	2	0	0	0	3
Brincar em grupo	0	0	2	1	0	3
Brincar com bola	1	3	3	2	0	9
<b>Total</b>	<b>18(45%)</b>	<b>10(25%)</b>	<b>7(17,5%)</b>	<b>4(10%)</b>	<b>1(2,5%)</b>	<b>40(100%)</b>

Os dados sobre os setores<sup>8</sup> utilizados foram tratados e demonstram que a área de brincar foi a mais utilizada em todas as praças, concentrando um índice de 56,5%. A área verde foi a segunda mais utilizada, logo seguida pela área livre, com índices de 20,3% e 18,8%, respectivamente. Contudo, observa-se que as áreas verdes foram utilizadas apenas na P2 e P4, enquanto que a área livre foi cenário das atividades das crianças em todas as praças, de acordo com a Tabela 17:

<sup>8</sup> Área de brincar: espaço projetado para brincadeira - parque, quadra e pista de skate; Área verde: espaço com elementos naturais – árvores, lago; Área de estar: mobiliário – bancos, mesas; Área livre: espaço restante.

Tabela 17. Número de participantes por praça e setores utilizados.

Setores	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Área de brincar	10	10	9	10	39(56,5%)
Área verde	0	5	0	9	14(20,3%)
Área livre	4	3	2	4	13(18,8%)
Área estar	2	0	0	1	3(4,4%)
<b>Total</b>	<b>16(23,2%)</b>	<b>18(26,1%)</b>	<b>11(15,9%)</b>	<b>24(34,8%)</b>	<b>69(100%)</b>

As áreas de brincar, verde e livre foram, geralmente, utilizadas para a atividade de brincadeira, com as diferenças de que na área de brincar havia uma estrutura planejada, enquanto que nas áreas verde e livre os espaços eram improvisados de acordo com as demandas da criança. Na P4, por exemplo, onde a estrutura planejada é pobre em diversidade de equipamentos e os disponíveis, em sua maioria, estão danificados, uma grande figueira se transforma em equipamento de brincadeira onde as crianças podem se pendurar e balançar. Assim, nesta praça a área verde é tão utilizada quanto à área de brincar, como sendo uma extensão da última. Cabe ressaltar ainda que, a área verde foi utilizada apenas nas praças em que a presença de vegetação é mais abundante.

A P1 e P3 são praças pequenas, uma tendo uma pequena área planejada para atividades de lazer e a outra tendo toda a sua extensão planejada para tais atividades. Na primeira, por falta de uma estrutura que possibilite diversidade de atividades, as crianças exploram toda a extensão da praça; na segunda, que possui uma estrutura planejada para diversos tipos de atividades, as crianças tendem a se concentrar numa única atividade. Na P2, também com estrutura planejada, diversificada e ampla, as crianças também tendem a se concentrar num mesmo setor e atividade. Na P4, com estrutura pouco planejada, as crianças tendem a explorar outros setores. Os resultados apontam que em estruturas mais planejadas as crianças tendem a se concentrar nos setores e a permanecer por mais tempo nas atividades, enquanto que, em estruturas pouco planejadas as crianças tendem a explorar o espaço e a permanecer

menos tempo nas atividades.

### 5.3 Entrevistas

#### 5.3.1 Conhecendo a opinião das crianças sobre os espaços públicos ao ar livre

##### 5.3.1.1 Fatores relacionados ao acesso

Os fatores relacionados ao acesso das crianças aos espaços públicos ao ar livre foram: distância percorrida, meio de locomoção e companhia até a praça. A Tabela 18 mostra os dados sobre a distância percorrida:

Tabela 18. *Distância percorrida até a praça.*

Distância	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
100-1000	8	2	9	9	28(70%)
1100-2000	2	0	0	1	3(7,5%)
Mais 2000	0	8	1	0	9(22,5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

A distância aqui analisada refere-se à distância percebida pelas crianças e/ou responsáveis no percurso da residência até a praça. As crianças da P1, P3 e P4, pertencentes aos bairros da periferia, percorrem distâncias no mínimo quatro vezes menores em relação as que utilizam a P2, pertencente à região central. Este fato parece indicar que as crianças que utilizam a P2 são provenientes de outros bairros. A distância percorrida parece se relacionar ao meio de locomoção utilizado, uma vez que o número de crianças que caminhou até os locais de brincadeira foi duas vezes maior que as que utilizam algum meio de transporte, de acordo com a Tabela 19:

Tabela 19. *Meio de locomoção até a praça.*

Meio de locomoção	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
A pé	8	2	8	10	28(70%)
Carro	1	6	1	0	8(20%)
Ônibus	0	2	0	0	2(5%)
Bicicleta	1	0	1	0	2(5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

As crianças que utilizam a P4, ao contrário das demais praças, costumam se locomover a pé até o espaço de brincadeira, mesmo que precisem percorrer distâncias superiores a 1.100m. Este dado pode indicar o baixo poder aquisitivo destas crianças, assim como, a falta de outros espaços de brincadeiras próximos a suas residências. Quando questionadas sobre os outros espaços onde costumam brincar: 41 crianças (85,4% do total) responderam em casa; quatro (7,3%) na escola, e três (6,3%) na casa de vizinhos. Os dados reforçam a idéia de que as crianças entrevistadas possuem pouca disponibilidade de espaços de brincadeira, principalmente ao ar livre.

Outro aspecto que se relaciona ao acesso das crianças aos espaços públicos ao ar livre foi o tipo de companhia até os locais. Os dados tratados podem ser visualizados na Tabela 20:

Tabela 20. *Companhia até a praça.*

Companhia	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Sozinho	0	0	6	3	9(22,5%)
Amigo/irmão	3	0	3	3	9(22,5%)
Pai/mãe	7	10	1	1	19(47,5%)
Outro adulto	0	0	0	3	3(7,5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

As crianças entrevistadas na P1 e P2 costumam ir aos espaços públicos ao ar livre acompanhadas dos pais, as crianças da P3 e P4 vão mais freqüentemente sozinhas ou na companhia de outra criança. Na P2 o resultado parece estar relacionado à distância percorrida pela criança até o local. Na P3 e P4 a relação parece ser contrária, ou seja, as crianças costumam ir sozinhas porque as distâncias percorridas são menores. Outro aspecto que pode estar relacionado é a segurança dos locais, pois na P1 as crianças vão mais freqüentemente acompanhadas de um adulto,

apesar de residirem próximo aos espaços públicos.

### 5.3.1.2 Fatores relacionados ao uso

Os dados referentes à utilização dos espaços públicos pelas crianças entrevistadas foram: frequência de uso, preferências e opiniões sobre a estrutura disponibilizada em cada praça. Os dados sobre a frequência de uso são apresentados na Tabela 21:

Tabela 21. *Frequência de uso por praça.*

Frequência	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Sempre	0	0	3	0	3(7,5%)
Freqüentemente	5	0	2	3	10(25%)
Às vezes	4	7	4	6	21(52,5%)
Raramente	1	3	1	1	6(15%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

No geral, grande parte das crianças entrevistadas refere ir às vezes à pracinha, totalizando 52,5% do total das opções. A P3 parece ser o local no qual as crianças vão com maior frequência, em relação às demais. Os índices (sempre, freqüentemente e às vezes) não diferem significativamente, contudo foi a única praça em que algumas crianças vão sempre, ou seja, todos os dias. Na P2, ao contrário, as crianças vão com menor frequência que as demais, sendo que a maioria respondeu ir às vezes e os demais, raramente. Os resultados da frequência de uso parecem estar relacionados à distância percorrida pelas crianças, principalmente em relação a P2.

A preferência positiva das crianças, outro aspecto analisado em relação ao uso das praças, pode ser visualizada na Tabela 22:

Tabela 22. *Preferência positiva por praça.*

O que mais gosta na pracinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Equipamentos	8	10	1	8	27(67,5%)
Quadra	0	0	9	0	9(22,5%)
Elementos naturais	0	0	0	2	2(5%)
Encontrar amigos	2	0	0	0	2(5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Na P1, P2 e P4 a preferência das crianças foi pela estrutura dos parques, ou seja, os equipamentos disponíveis para brincadeira. Este resultado foi de 100% para a P2, o que pode ser explicada pela maior diversidade de equipamentos e manutenção. As crianças da P4 escolheram os elementos naturais como segunda opção de preferência, o que deve estar relacionado à estrutura pobre em equipamentos e à abundante vegetação do local. A P3 teve resultado diferente das demais, sendo que a quadra foi a preferência positiva das crianças. Como mencionado anteriormente, o resultado pode ser explicado pela frequência superior de meninos neste local, além da faixa etária.

Como a preferência pela estrutura dos parques foi mais frequente em três das quatro praças pesquisadas, serão apresentados os resultados gerais relativos aos equipamentos disponíveis de acordo com a Tabela 23:

Tabela 23. *Preferência de equipamento por praça.*

Equipamento	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Balanço	4	3	0	4	11(40,7%)
Escorregador	3	1	0	2	6(22,2%)
Gangorra	1	0	0	2	3(11,1%)
Gira-gira	0	1	1	0	2(7,4%)
Ponte	0	5	0	0	5(18,5%)
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>27(100%)</b>

No geral, o balanço foi o equipamento preferido pelas crianças entrevistadas. Quando analisamos as praças em separado, contudo, percebe-se que na P2 o equipamento mais referido foi a ponte (escorregador em conjunto com a ponte móvel), para 50% das crianças no total. Este dado pode indicar que, em parques com menor diversidade de equipamentos (geralmente balanço, escorregador e gangorra), o balanço costuma ser o preferido pelas crianças. Esta preferência tende a diminuir em praças com maior oportunidade de brincadeira. O segundo equipamento de preferência das crianças foi o escorregador.

Quando tratamos os dados referentes à preferência negativa das crianças, ou seja, o que menos gostam em cada pracinha, os equipamentos do parque também foram os mais referidos, obtendo-se os resultados apresentados na Tabela 24:

Tabela 24. *Preferência negativa por praça.*

O que menos gosta na pracinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Equipamentos	6	9	3	8	26(65%)
Falta de manutenção	3	1	5	2	11(27,5%)
Não respondeu	1	0	2	0	3(7,5%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Principalmente na P1, P2 e P4. Na P3 a falta de manutenção foi indicada como fator de menos preferência, principalmente em relação à quadra, item preferido positivamente. O resultado da P3 pode ser explicado pela faixa etária das crianças, que nesta praça é maior, dos 10 aos 12 anos, indicando maior senso crítico. Para melhor compreender o resultado vamos apresentar os dados relativos aos equipamentos do parque de forma mais específica na Tabela 25:

Tabela 25. *Preferência de equipamento por praça.*

Equipamento	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Balanço	2	3	0	1	6(23,1%)
Escorregador	2	2	1	5	10(38,5%)
Gangorra	2	2	1	2	7(26,9%)
Gira-gira	0	1	1	0	2(7,7%)
Vai-e-vem	0	1	0	0	1(3,8%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>26(100%)</b>

As crianças entrevistadas referiram que o escorregador é o menos preferido por “ser chato”, “sem graça”, “só escorrega”. Estes comentários podem estar indicando que o equipamento escorregador (ao contrário do balanço e ponte) possibilita menos oportunidade de brincadeira/mobilidade. Também é um equipamento de pouco engajamento físico e social, ou seja, a criança não costuma manter contato com outras crianças durante a atividade.

Além da preferência, as crianças foram questionadas quanto aos motivos que as levam ir à praça. Esta questão era aberta e houve maior número de respostas que o total de participantes. Posteriormente as mesmas foram agrupadas em cinco categorias: brincadeira; socialização; elementos naturais; sentimentos positivos (o local traz bem estar,

alegria), e espaço atrativo (“em casa não tem ninguém para brincar”, “em casa só tem game e TV”, “para não ficar em casa”), como exposto na Tabela 26:

Tabela 26. *Motivos de uso do espaço por praça.*

Motivos de uso	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Brincadeira	9	10	10	9	38(47,5%)
Socialização	6	3	5	6	20(25%)
Elementos naturais	1	1	0	2	4(5%)
Sentimentos positivos	0	2	3	1	6(7,5%)
Espaço atrativo	6	1	3	2	12(15%)
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>17</b>	<b>21</b>	<b>20</b>	<b>80(100%)</b>

Nas quatro praças a categoria brincadeira foi o principal motivo indicado pelas crianças para freqüentarem os espaços públicos ao ar livre, totalizando 47,5% do total dos participantes. Em seguida está a categoria socialização. A categoria espaço atrativo foi indicada em terceiro lugar, sendo que neste item estão agrupadas as respostas relativas à comparação do espaço público com a casa em termos de atratividade. Este resultado vem reforçar os dados sobre a pouca disponibilidade de espaços de brincadeira para as crianças entrevistadas, principalmente as que residem próximo a P1.

Outro dado tratado se refere a avaliação das crianças sobre os espaços públicos ao ar livre, “a pracinha”, como demonstra a Tabela 27:

Tabela 27. *Opinião sobre o espaço por praça.*

Pracinha é:	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Muito boa	3	3	3	1	10(25%)
Boa	2	6	0	1	9(22,5%)
Razoável	5	1	5	6	17(42,5%)
Ruim	0	0	2	2	4(10%)
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>40(100%)</b>

Na P2 a avaliação apareceu como mais positiva, sendo predominantemente boa. Na P1, P3 e P4, a avaliação foi mais negativa, sendo predominantemente razoável. O resultado, apesar de mais favorável, corrobora com o encontrado no estudo exploratório em que a

P2 foi avaliada como estando em melhor condição de manutenção que as demais praças. No sentido de complementar a opinião dos entrevistados sobre os espaços utilizados, foi questionado a cada um “o que gostaria que tivesse na praçinha”. Os dados tratados resultaram na Tabela 28:

Tabela 28. *Opinião quanto as mudanças no espaço por praça.*

Praçinha precisa	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Ampliar estrutura	10	9	7	10	36(48,6%)
Manter estrutura	3	2	5	2	12(16,2%)
Elementos naturais	5	2	5	4	16(21,6%)
Comércio	0	1	1	0	2(2,7%)
Segurança	5	0	0	3	8(10,8%)
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>14</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>74(100%)</b>

Na P1, P2 e P4 a categoria equipamentos novos foi a mais levantada entre as crianças. Esta categoria, nas três praças, foi seguida pelas categorias elementos naturais e manutenção, indicando que há uma ordem de prioridades nestes locais: estrutura planejada, estrutura física e manutenção de tais estruturas. Na P3 as categorias mencionadas acima foram indicadas de forma homogênea pelas crianças, sugerindo que a ordem de importância das estruturas é igual. A categoria segurança foi mencionada na P1 e P4, podendo indicar que estes locais sofrem mais com a falta de segurança.

### **5.3.2 Conhecendo a opinião dos responsáveis sobre os espaços públicos ao ar livre**

#### **5.3.2.1 Perfil dos entrevistados**

Os dados tratados através do programa *Excel* informaram o perfil da amostra quanto ao sexo, idade, escolaridade, ocupação, renda, participação masculina e feminina, de acordo com cada praça em que os dados foram coletados, conforme Tabela 29 e 30:

Tabela 29. Número de responsáveis entrevistados por faixa etária e gênero.

Faixa etária	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
15-24	4	0	4(16,7%)
25-34	10	1	11(45,8%)
35-44	4	3	7(29,2%)
45-54	0	2	2(8,3%)
<b>Total</b>	<b>18(75%)</b>	<b>6(25%)</b>	<b>24(100%)</b>

Tabela 30. Número de responsáveis entrevistados por praça e gênero.

Praça	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
P1	6	0	6(25%)
P2	5	5	10(41,7%)
P3	3	0	3(12,5%)
P4	4	1	5(20,8%)
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>6</b>	<b>24(100%)</b>

De forma geral, a participação feminina foi três vezes maior que a masculina, sendo que, entre as mulheres a faixa etária mais presente foi entre 25 a 34 anos (55,6%) e, entre os homens foi de 35 a 44 anos (50%). Comparando as praças percebeu-se especificidades quanto à participação de cada gênero. Na P1 e P3 a participação feminina correspondeu a 100% da amostra entrevistada. Na P2 e P4 a participação foi mista, sendo que na P2 o índice foi de 50% para ambos os gêneros e na P4 os índices foram de 80% feminino e 20% masculino.

Ainda em relação à presença de responsáveis nas praças, a Tabela 31 mostra que somente na P2 as crianças estavam 100% acompanhadas. Na P1, P3 e P4 o índice de crianças acompanhadas por responsáveis foi de 42,8%, 27,3% e 38,5%, respectivamente.

Tabela 31. Número de responsáveis e crianças entrevistadas por praça.

Participantes	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Crianças	10	10	10	10	40(66,7%)
Adultos	6	10	3	5	24(33,3%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>64(100%)</b>

Quanto à escolaridade, a Tabela 32 mostra que variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação. Os índices de ensino

fundamental incompleto e completo chegam a quase 50% dos entrevistados, demonstrando baixa escolaridade. A P1, P3 e P4 possuem menores índices de escolaridade que variaram de ensino fundamental incompleto a médio. Na P2 o nível de escolaridade foi mais amplo e alto, sendo que 50% dos entrevistados responderam ter concluído o ensino superior e pós-graduação.

Tabela 32. *Número de adultos entrevistados por praça e escolaridade.*

Escolaridade	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Ens. fund. Incomp.	3	1	1	2	7(29,2%)
Ens. fundamental	1	2	1	1	5(20,8%)
Ens. médio	2	2	1	2	7(29,2%)
Ens. superior	0	4	0	0	4(16,7%)
Pós-graduação	0	1	0	0	1(4,2%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

A renda familiar variou de menos de 1 salário a mais de 5 salários mínimos, sendo que a faixa mais presente foi de 2 a 3 salários, seguida de mais de 5 salários mínimos. Como era de se esperar, devido aos dados de escolaridade, os participantes da P2 apresentaram índice de renda familiar superior aos participantes das demais praças, de acordo com a Tabela 33.

Tabela 33. *Número de adultos entrevistados por praça e renda familiar.*

Renda familiar	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Até 1 salário	0	0	1	2	3(12,5%)
1-2 salários	2	0	0	0	2(8,3%)
2-3- salários	3	4	1	0	8(33,3%)
3-4 salários	0	1	0	2	3(12,5%)
4-5 salários	1	1	0	0	2(8,3%)
Acima de 5 salários	0	4	1	1	6(25%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

Quanto à ocupação profissional, de uma forma geral, o número de pessoas que trabalham foi superior, ou seja, 58,3% contra 41,7% do total das pessoas entrevistadas, de acordo com a Tabela 34.

Tabela 34. *Número de adultos entrevistados por praça e ocupação profissional.*

Trabalha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Sim	3	8	1	2	14(58,3%)
Não	3	2	2	3	10(41,7%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

Quando analisados os dados separadamente, contudo, percebe-se que na P1, P3 e P4 o número de pessoas que não trabalham foi superior ao das que trabalham. Todos os entrevistados que responderam não trabalhar eram donas de casa e, talvez por isso, estavam acompanhando os filhos à praça.

### 5.3.2.2 Avaliação dos entrevistados sobre o entorno dos espaços públicos ao ar livre

Como mostra a Tabela 35, quase metade da amostra reside a mais de 10 anos no mesmo bairro. Por outro lado, o número de pessoas que tem tempo de residência menor de um ano também foi significativo, principalmente na P1.

Tabela 35. *Tempo de residência por praça.*

Tempo de residência	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Menos de 1 ano	4	1	1	1	7(29,2%)
1-5 anos	0	1	1	1	3(12,5%)
5-10 anos	0	3	0	0	3(12,5%)
Mais de 10 anos	2	5	1	3	11(45,8%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

Quando perguntado aos entrevistados se “gostam de morar no bairro”, o índice de aprovação foi de 87,5%. Quanto aos motivos para tal índice, as respostas evocadas foram agrupadas em quatro categorias de análise que representam os atributos do lugar, como aponta a Tabela 36.

Tabela 36. *Atributos do lugar por praça.*

Atributos do lugar	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Atributos sociais	3	0	1	0	4(16,7%)
Atributos físicos	1	2	0	0	3(12,5%)
Segurança	2	5	2	3	12(50%)
Costume	0	1	0	1	2(8,3%)
Não respondeu	0	2	0	1	3(12,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

A categoria evocada com maior frequência foi a segurança. Esta categoria se apresentou forte em todas as praças, demonstrando preocupação dos responsáveis sobre a questão. A categoria atributos sociais esteve presente na P1 e P3, mas com maior incidência apenas na primeira. O dado pode demonstrar que neste bairro a relação com a vizinhança pode ser mais forte. Quando indagados sobre “você aconselharia um amigo a morar neste bairro?”, o índice positivo foi de 79,2%, inferior ao índice de satisfação (87,5%). Pode-se pensar que, os entrevistados percebem que o seu local de residência possui problemas e, talvez por isso, fiquem em dúvida em aconselhar algum a residir no local. Por outro lado, os atributos nele presentes fazem com que o índice de satisfação seja positivo.

A vizinhança foi classificada como muito boa ou boa por mais de 60% dos entrevistados, como mostra a Tabela 37. Além disso, ninguém a classificou como ruim ou muito ruim, o que demonstra que a opinião sobre a vizinhança foi positiva.

Tabela 37. *Opinião sobre a vizinhança por praça.*

Opinião vizinhança	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Muito boa	1	1	0	0	2(8,3%)
Boa	4	4	2	3	13(54,2%)
Razoável	1	3	0	2	6(25%)
Ruim	0	0	0	0	0
Muito ruim	0	0	0	0	0
Não respondeu	0	2	1	0	3(12,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

A opinião sobre a segurança do bairro não se apresentou de forma tão positiva, sendo que o valor “segurança boa” foi o evocado com

maior frequência, contudo vem logo seguido de razoável. Além disso, o número de entrevistados que considera a segurança ruim e muito ruim foi de 25%. A P1 foi a que apresentou índice maior de insatisfação com a segurança do bairro, como mostra a Tabela 38:

Tabela 38. *Segurança por praça.*

Segurança vizinhança	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Muito boa	0	1	0	1	2(8,3%)
Boa	1	3	2	1	7(29,2%)
Razoável	1	3	0	2	6(25%)
Ruim	1	1	0	0	2(8,3%)
Muito ruim	3	0	0	1	4(16,7%)
Não respondeu	0	2	1	0	3(12,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

O resultado da opinião sobre a vizinhança corrobora com o resultado sobre os atributos do lugar (Tabela 38), na qual esta mesma praça (P1) foi a que atribuiu menor valor a categoria segurança como atributo do lugar. A segurança do entorno também foi avaliada a partir da opinião dos entrevistados sobre a frequência de roubos/assaltos e acidentes/atropelamentos.

De modo geral, quase metade dos entrevistados respondeu que a frequência de roubos e assaltos é rara. Quando se analisa as praças em separado, contudo, percebe-se que 83,3% dos participantes da P1 responderam que estes eventos ocorrem frequentemente, reforçando o resultado sobre a segurança da vizinhança, como mostra a Tabela 39.

Tabela 39. *Frequência de roubos e assaltos por praça.*

Frequência roubos/assaltos	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Sempre	0	0	0	0	0
Frequentemente	5	0	0	0	5(20,8%)
Às vezes	0	1	0	1	2(8,3%)
Raramente	0	7	1	3	11(45,8%)
Nunca	1	0	1	1	3(12,5%)
Não respondeu	0	2	1	0	3(12,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

A opinião dos entrevistados sobre a frequência de acidentes e atropelamentos aparece de forma mais dividida, sendo que os valores nunca, raramente e às vezes não têm diferença significativa de um modo geral. Novamente, porém, quando se observa as praças separadamente pode-se ver que na P1 os índices são superiores as demais praças, sendo que 66,7% da amostra referem que os eventos ocorrem frequentemente ou às vezes. Realmente, esta praça fica em meio a três avenidas, sendo duas de tráfego intenso e uma de tráfego muito intenso. Os dados são apresentados abaixo na Tabela 40.

Tabela 40. *Frequência de acidentes e atropelamentos por praça.*

Frequência acidentes/atropelamentos	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Sempre	0	0	0	0	0
Frequentemente	2	0	0	0	2(8,3%)
Às vezes	2	2	0	2	6(25%)
Raramente	0	4	1	1	6(25%)
Nunca	2	2	1	2	7(29,2%)
Não respondeu	0	2	1	0	3(12,5%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

Os resultados corroboram os apresentados sobre os atributos do lugar. A categoria segurança, como atributo do lugar, foi evocada mais fortemente pela P2, P3 e P4 e com menor frequência pela P1. Nas tabelas acima, observa-se que a opinião sobre a segurança realmente aparece de forma menos favorável na P1. Cabe ressaltar que, na P1, P3 e P4 os entrevistados residem próximos as praças. Na P2, por ser localizada na região central, oito dos respondentes não moram no centro, mas deslocam-se de bairros da periferia do município.

### **5.3.2.3 Avaliação dos responsáveis quanto ao uso dos espaços públicos ao ar livre pelas crianças**

Os dados tratados sobre a opinião dos responsáveis sobre a praça mostram que os espaços foram classificados, em sua maioria, como razoáveis ou ruins, respectivamente, sem haver diferença significativa entre as praças, como apresenta a Tabela 41.

Tabela 41. *Opinião sobre a praça.*

Opinião pracinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Muito boa	0	0	0	0	0
Boa	2	1	1	0	4(16,7%)
Razoável	1	5	1	3	10(41,7%)
Ruim	3	3	1	2	9(37,5%)
Muito ruim	0	1	0	0	1(4,2%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>24(100%)</b>

Quando comparamos com a opinião das crianças sobre as mesmas praças os resultados indicam que as crianças tem parâmetros diferentes de avaliação que devem estar associados as oportunidades que o espaço possibilita. Na avaliação das praças, realizada no estudo exploratório, a manutenção da P2 foi classificada como razoável e a manutenção da P1, P3 e P4 como ruins, sugerindo que a opinião dos responsáveis está mais de acordo com os resultados da planilha de avaliação.

Quando indagados sobre a “importância da pracinha para as crianças”, 95,8% dos entrevistados responderam que são importantes. Apenas uma mãe da P4 teve resposta diferente a questão. Em seguida, a Tabela 42 apresenta os motivos levantados pelos entrevistados para que a praça seja importante para as crianças:

Tabela 42. *Motivos de importância da praça para o desenvolvimento das crianças.*

Importância da pracinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Habilidades físicas	0	1	2	0	3(9,7%)
Habilidades sociais	0	2	1	0	3(9,7%)
Habilidades psicológicas	0	3	0	0	3(9,7%)
Brincadeira	6	6	2	4	18(58%)
Diversidade	0	2	0	1	3(9,7%)
Não respondeu	0	1	0	0	1(3,2%)
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>31(100%)</b>

As 31 respostas dadas à questão aberta sobre a importância da praça para as crianças foram agrupadas em cinco categorias. A categoria

brincadeira foi a mais citada, com índice de 58%. As demais categorias foram citadas de forma homogênea. As respostas dadas pelos entrevistados da P2 foram mais diversificadas, podendo-se explicar pelo maior grau de escolaridade dos mesmos. Em seguida, os entrevistados foram questionados sobre os que as crianças poderiam aprender brincando na praçinha, como aponta a Tabela 43:

Tabela 43. *Habilidades que as crianças podem desenvolver na praça.*

Aprender na praçinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Habilidades físicas	4	7	3	4	18(28,6%)
Habilidades cognitivas	2	3	1	3	9(14,3%)
Habilidades psicológicas	3	6	2	3	14(22,2%)
Habilidades sociais	5	10	2	5	22(34,9%)
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>26</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>63(100%)</b>

Os itens, da questão de múltipla escolha, foram agrupados em quatro categorias de acordo com as habilidades evidenciadas na questão, por exemplo, “fazer amigos” foi classificado como habilidade social. Foram computadas 63 respostas a esta questão, sendo que a categoria mais evocada foi a das habilidades sociais, totalizando 34,9%, logo seguida pela categoria habilidades físicas, com 28,6% do total. Em todas as praças a ordem de citação das categorias foi semelhante, não havendo diferenças significativas.

A próxima Tabela (44) apresenta os dados tratados quanto à possibilidade de riscos que as crianças podem sofrer estando na praça, de acordo com a opinião de cada entrevistado. Como a questão era de múltipla escolha, os dados foram agrupados em duas categorias: riscos físicos e riscos sociais<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Riscos físicos: queda, atropelamento, briga com outra criança; riscos sociais: assalto, drogas, contato com pessoas estranhas/mal intencionadas.

Tabela 44. *Riscos na praça*

Riscos na pracinha	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Riscos físicos	4	2	2	5	13(39,3%)
Riscos sociais	4	5	1	4	14(42,4%)
Não respondeu	0	5	1	0	6(18,2%)
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>33(100%)</b>

Como observado, não há diferenças significativas entre as categorias de modo geral. Os entrevistados da P2 citaram mais a categoria de riscos sociais, o que demonstra uma preocupação maior em relação à segurança contra assaltos e contato com pessoas estranhas. Nesta praça, cinco dos entrevistados não responderam a questão, o que não deve ser interpretado como falta de resposta, mas pelo fato de pensarem que estando acompanhadas as crianças não correm nenhum risco.

Os dados referentes à opinião dos entrevistados sobre as possíveis melhorias de que necessita a praça foram analisados a partir de quatro categorias, de acordo com a Tabela 45.

Tabela 45. *Opinião quanto a mudanças na praça*

Pracinha precisa	Praça				Total
	P1	P2	P3	P4	
Ampliar estrutura	6	8	2	5	21(42,9%)
Manter estrutura	5	7	2	3	17(34,7%)
Elementos naturais	3	1	2	0	6(12,2%)
Segurança	2	1	0	2	5(10,2%)
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>49(100%)</b>

A categoria ampliar a estrutura da praça foi a mais citada pelos entrevistados de uma forma geral (42,9%) e em cada praça especificamente. Englobam esta categoria quesitos como: equipamentos novos, construção de quadra esportiva, etc. Em seguida, a categoria mais evocada foi a de manter a estrutura (34,7%), referente à preocupação com a manutenção do local. Ambas as categorias se referem a aspectos de planejamento do espaço, aos seus atributos construídos. Quando comparamos a opinião dos adultos com a opinião das crianças, sobre a questão melhorias na praça, observamos algumas diferenças. Para as crianças a ampliação da estrutura também foi a mais

citada, com índice de 49,4%. Esta categoria, contudo, foi seguida pela categoria elementos naturais, demonstrando que, em comparação com os adultos, as crianças preocupam-se mais com os atributos físicos do espaço. A categoria segurança foi citada por ambas as populações entrevistadas de forma semelhante, sendo 10,2% pelos adultos e 10,4% pelas crianças.



## **6. DISCUSSÃO**

De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996) cada ambiente atua de forma direta ou indireta sobre o desenvolvimento humano. Como cada ambiente possui características distintas pode-se dizer que cada um exerce uma função específica e, desta forma, complementar sobre o desenvolvimento humano. Os espaços públicos ao ar livre, neste caso “as pracinhas”, são compreendidos como ambientes de socialização e convívio coletivo que, a partir de características próprias, oferecem o treino de habilidades específicas, além de estimular o bem estar e a qualidade de vida de seus usuários.

A influência exercida pelo ambiente depende de suas características e da forma como essas interagem com as características das pessoas envolvidas, uma vez que o processo de interação não é estático, mas dinâmico. Neste sentido, as características das crianças e as características dos espaços ao ar livre interagem de forma complexa, uma exercendo influência sobre a outra.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar tal relação a fim de identificar que características sociofísicas dos espaços públicos ao ar livre que intervêm no comportamento de uso das crianças. Neste sentido, na discussão a seguir, serão relacionados os resultados obtidos nesse estudo com a finalidade de compreender os aspectos envolvidos e de que forma interagem tendo importância para o desenvolvimento psicológico. Outro ponto a ser discutido será a relação dos resultados encontrados com os de outras pesquisas que envolvam crianças e espaços. Cabe ressaltar que, principalmente na literatura nacional as pesquisas relacionam a importância dos espaços fechados, sobretudo o ambiente escolar, para o desenvolvimento infantil. Nas pesquisas internacionais que investigam os ambientes ao ar livre não escolares, nem sempre o foco de estudo é o uso e sim o acesso aos espaços.

### **6.1 O uso dos espaços públicos ao ar livre a partir das características das pessoas**

Características como idade e gênero das crianças apareceram como variáveis que interferem no seu comportamento de uso dos espaços como a escolha por certas atividades. A atividade preferida

pelos meninos foi o brincar com bola – futebol, sendo que as meninas preferem brincar nos equipamentos do parque infantil. Além disso, a atividade brincar com bola não apareceu entre as meninas, por outro lado, atividades em grupo e conversar estiveram presentes apenas entre as meninas, caracterizando escolhas de acordo com o gênero.

A preferência das crianças ao utilizarem as praças são os equipamentos e a estrutura disponíveis, sendo que na P1, P2 e P4 é pelos equipamentos do parque e na P3 pela quadra. O equipamento mais preferido foi o balanço, seguido da ponte. Em projetos tradicionais (balanço, escorregador, gangorra) o balanço costuma ser o mais preferido, contudo na P2 que possui projeto mais diversificado a preferência foi pela ponte. Em relação à preferência negativa, os equipamentos também foram os mais citados pelas crianças, sendo o escorregador o menos preferido. Os equipamentos apontados como preferidos foram os que propiciam maior oportunidade de brincadeira e/ou mobilidade as crianças.

O resultado já era esperado, uma vez que outras pesquisas apontam que equipamentos mais versáteis são preferidos em relação aos tradicionais. Em estudo sobre a utilização de um pátio escolar por crianças de 3 a 6 anos, Fernandes (2006) sugere que os equipamentos do *playground* são os mais atrativos às crianças, principalmente os multifuncionais (ponte), pois promovem diferentes tipos de atividades em comparação com os que possuem apenas uma função. Castonguay e Jutras (2008), em estudo sobre os lugares favoritos de crianças de 7 a 12 anos, encontraram que as crianças identificam parques e *playgrounds* como os lugares que mais e que menos gostam, sendo que a distinção se relaciona ao número de características positivas de cada local e atividades que eles oferecem.

Outro quesito citado como menos preferido foi a falta de manutenção, principalmente na P1 e P3. Na P1 os dados refletem as condições de manutenção ruim apontadas pela avaliação da planilha e opinião de crianças e responsáveis. Na P3 além do estado de manutenção ser ruim à razoável na avaliação da planilha e dos usuários, respectivamente, a quadra é a parte mais afetada pela falta de conservação. Percebe-se que, por ser a quadra a preferência positiva dos usuários e devido ao uso freqüente pelos mesmos, a falta de manutenção preocupe mais as crianças desta praça.

O motivo mais freqüentemente referido pelas crianças para o uso

das praças é a oportunidade de brincadeira. Este quesito vem seguido da socialização, indicando que a praça também é vista como um espaço de encontrar/fazer amigos, conversar. Houve diferenças em termos de citação das categorias pelas crianças de uma praça a outra, que se atribui à estrutura e à opinião sobre a vizinhança.

Na P2 a praça é vista pelas crianças como local predominante de brincadeira. Percebe-se que a distância da residência das crianças até o local e a diversidade de equipamentos influencia no resultado. A praça, principalmente o parque, é compreendida como espaço de lazer no final de semana, no qual os pais e filhos se distraem. Na P1, P3 e P4 as crianças, além de citaram a brincadeira como motivo para uso, também referem a socialização, indicando que o espaço é também compreendido como local onde a vizinhança/amigos se encontram.

Min e Lee (2006), em estudo com 91 crianças de 7 a 12 anos, sugerem resultados semelhantes. Os autores acreditam que crianças encontram a maioria de seus valores psicológicos em espaços ao ar livre da vizinhança como as áreas designadas para brincadeira e parques urbanos. Eles elegem os lugares porque cada lugar oferece algum atributo ambiental – espacial, físico, e social – que dá suporte ao comportamento que crianças querem para se engajar. Os cenários que as crianças mencionam ser importantes são usados mais frequentemente do que seus correspondentes, apresentando uma variedade de comportamentos, incorporando mais atividades intencionais, encorajam comportamentos em grupo, e proporcionam um senso de seu próprio território como área de brincadeira.

Na P1 as crianças ainda citam a praça como sendo um local atrativo. Essa atratividade está relacionada aos demais locais onde a criança costuma brincar (geralmente a casa) ou a falta de outros locais. As crianças desta vizinhança possuem baixo poder aquisitivo e residem geralmente em casas com terrenos pequenos, sem quintal e tendo a casa muito próxima a do vizinho. O espaço para brincadeira torna-se restrito, sendo a praça um dos poucos locais que propicie desenvolver esta atividade. A falta de outros espaços de lazer pode explicar o porquê do uso, apesar das condições adversas de manutenção e segurança deste local. Além disso, as pessoas entrevistadas pareciam ter um bom senso de comunidade, apesar de algumas residirem pouco tempo na vizinhança. Outro dado a ser discutido refere-se ao item sentimentos positivos, citado como um dos motivos para uso da praça. A P1 foi a

única em que as crianças não citaram este item, podendo indicar que o sentimento de insegurança no local faz com que os sentimentos positivos de bem estar, alegria, não sejam mencionados pelas crianças desta praça. No estudo de Castonguay e Jutras (2008), percebeu-se também que crianças percebem negativamente os lugares que são centros de risco a segurança.

Os responsáveis avaliaram a praça como local importante para as crianças, principalmente por oportunizar a atividade de brincadeira. Na P3 a categoria habilidades físicas também foi citada pelos responsáveis. Em relação ao que as crianças podem aprender na praça, a opinião dos responsáveis foi bem dividida. A habilidade social foi a mais citada na P1, P2 e P4 e a habilidade física foi a mais citada na P3. O fato de na P3 a atividade mais desenvolvida ser o futebol e os usuários serem do sexo masculino pode ter contribuído na opinião dos responsáveis. Pode-se refletir que os responsáveis percebem a praça como espaço importante para o bem estar das crianças, porém não compreendem o seu real potencial enquanto oportunidade de promoção e manutenção de habilidades específicas do desenvolvimento infantil.

Prezza et al. (2005), ao entrevistarem 377 mães de crianças de 8 a 10 anos da Itália, sugerem que a percepção do potencial positivo de espaços ao ar livre para o desenvolvimento de crianças teve índice alto entre mães que moram em áreas verdes e que tem um grande senso comunitário e boa relação com a vizinhança. Nos resultados da dissertação em questão, a opinião dos responsáveis sobre o potencial dos espaços ao ar livre para o desenvolvimento das crianças, parece positiva apenas quando relacionado ao maior grau de escolaridade dos entrevistados.

Em relação aos riscos que as crianças podem sofrer estando no espaço da praça, a opinião dos responsáveis também foi bem dividida. Na P1 e P4 os entrevistados citaram tanto riscos físicos quanto sociais. O resultado parece estar relacionado às condições de manutenção e segurança dos equipamentos que foram avaliadas como negativas pela planilha de avaliação e pelos usuários. A falta de segurança da vizinhança da P1 também deve ser considerada no resultado. Os entrevistados da P2 tenderam mais aos riscos sociais, pois a boa condição de manutenção do parque parece não apresentar riscos físicos. Além disso, como residem distante da praça tem pouco contato com a vizinhança que a circunda, podendo ficar inseguros. Nesta mesma praça

metade dos entrevistados não responderam a questão por acharem que, estando acompanhadas, as crianças não correm riscos. As respostas dos entrevistados da P3 tenderam aos riscos físicos, o que deve estar relacionado à atividade desenvolvida no local e às condições de manutenção da mesma. Por outro lado, os respondentes também percebem a vizinhança como segura, tanto que a maioria das crianças vai sozinha ao local.

No estudo de Prezza et al. (2005), a percepção de risco social foi maior em mães residentes em grandes contextos urbanos e que tem baixo senso comunitário. O resultado corrobora os dados da pesquisa apenas quando comparado a P2, sendo que a preocupação com o risco social foi maior apenas nesta praça. Os entrevistados possuem baixo senso comunitário quando comparados ao local em questão, uma vez que são provenientes de outros bairros. Na P3 e P4 os entrevistados apresentaram respostas que evidenciam uma boa relação com a vizinhança, contudo nestes contextos a preocupação com os riscos sociais é equivalente a com os riscos físicos.

Holt et al. (2008), ao examinarem a percepção de lugares para brincar e se exercitar de 168 crianças de 6 a 12 anos, sugerem que crianças de vizinhanças pobres têm mais acesso aos espaços ao ar livre que crianças de vizinhança rica da mesma idade. Resultado semelhante pode ser observado na atual pesquisa, sendo que, a P1 e P4 ficam localizadas em vizinhanças pobres da cidade (principalmente P1). A P3 localiza-se em vizinhança de classe média e a P2 no centro da cidade, numa vizinhança de alto poder aquisitivo. Na P1 e P4 observa-se a presença de crianças de 6 a 12 anos, sendo que na P4 o predomínio é de crianças na faixa etária de 6 a 9 anos. Na P3 a faixa etária mais freqüente é de 10 a 12 anos. Na P2 torna-se difícil fazer a comparação uma vez que as crianças vêm de locais distintos da cidade. Percebe-se, porém que poucas crianças da vizinhança da praça utilizam o espaço, pelo menos da faixa etária estudada.

Crianças e seus responsáveis concordam que em termos de melhorias as praças precisam ser ampliadas em termos de equipamentos novos e receber quadra esportiva, por exemplo. Contudo, enquanto os responsáveis se preocupam mais com a manutenção de tal estrutura, as crianças querem mais elementos naturais. A necessidade quanto à melhoria na segurança do espaço aparece nas respostas de ambos os usuários, principalmente da P1 e P4. Os dados indicam que, assim como

os adultos, as crianças são capazes de avaliar e propor melhorias para os espaços que utilizam. Sodré (2005) analisou a qualidade do ambiente de uma escola de educação infantil de crianças de 4 a 6 anos e constatou que as mesmas são capazes de discriminar aspectos relevantes para o seu processo de desenvolvimento e sentem a necessidade de: ambiente externo que propicie contato com animais, brinquedos e brincadeiras. Os resultados corroboram com os da pesquisa nas praças, sendo que, além de avaliar o espaço de uso, as crianças propõem melhorias de acordo com suas demandas para tal espaço.

Elali (2003), ao analisar aspectos relacionados à presença da natureza em estabelecimentos de educação infantil, percebeu que em termos de avaliação do ambiente há diferença entre pontos de vista de crianças e adultos. No presente estudo, com os usuários das praças, também se percebe diferenças no ponto de vista de crianças e seus responsáveis, sendo que as crianças priorizam mais a presença de elementos naturais que os adultos.

Ainda sobre a opinião e expectativas dos adultos, os resultados apontam que a distância percorrida até a praça influencia na frequência de uso e no tipo de companhia até os espaços. As crianças que frequentam a P2 percorrem trajetos até quatro vezes maiores que as crianças das demais praças e, com isso, precisam ir acompanhadas de um adulto. Outro fator a ser considerado foi a faixa etária das crianças que, nesta praça, foi predominantemente de 6 a 9 anos. As crianças da P1 percorrem trajetos curtos, contudo costumam ir acompanhadas de um adulto. O dado aponta que, além da distância, outros fatores podem estar relacionados como a segurança do local e da vizinhança que circunda a praça.

A P1 foi considerada a que possui piores condições de manutenção e segurança em relação às outras praças pesquisadas. A vizinhança foi considerada boa pelos entrevistados, contudo a segurança da vizinhança foi avaliada como muito ruim, pois a incidência de assaltos e acidentes de trânsito é frequente. A estrutura da praça também foi avaliada como ruim pelos responsáveis. Pode-se concluir que há uma insegurança em relação ao uso do espaço pelos responsáveis e também pelas crianças, sendo que os usuários desta praça foram os únicos a indicar a segurança como fator que precisa ser melhorado na *pracinha*.

Na P3 e P4 as crianças costumam ir sozinhas ou na companhia de outra criança/adolescente. A P3 foi considerada segura em relação aos

equipamentos disponíveis e ao tráfego de veículos e segura em relação à vizinhança, na opinião dos responsáveis. Na P4 a segurança dos equipamentos foi considerada razoável, contudo a intensa presença de vegetação parece amenizar este fator. Esta praça é a que possui pior condição de manutenção e segurança dos equipamentos entre as pesquisadas. É pobre em diversidade de equipamentos (quatro), e a maioria está danificada (dois). Contudo crianças e responsáveis consideram as condições da *pracinha* como razoáveis. A segurança da vizinhança e o senso comunitário podem ser aspectos que contribuam para a avaliação. A maioria dos entrevistados reside a mais de 10 anos no local e considerada a vizinhança boa, além disso, a presença de assaltos e acidentes não é freqüente.

Os dados encontrados no estudo endossam a pesquisa de Valentine e Mckendrick (1997). Ao explorar a opinião dos pais acerca das oportunidades de brincadeira na vizinhança para suas crianças, os autores concluíram que a maioria dos pais estava insatisfeita com a estrutura pública fornecida. Esta insatisfação gerava ansiedade parental sobre a segurança das crianças podendo inibir o acesso das mesmas aos espaços públicos ao ar livre. Nas praças pesquisadas, as crianças têm acesso aos espaços, contudo a insegurança dos pais pode estar restringindo o uso, uma vez que, mesmo em trajetos curtos, como na P1, as crianças precisam ir acompanhadas. Além disso, os pais se preocupam com os riscos físicos e sociais aos quais os filhos estão expostos, devido à estrutura precária de manutenção e segurança.

## **6.2 O uso dos espaços públicos ao ar livre a partir das características do ambiente**

### **6.2.1 Qualidade do projeto**

A qualidade do projeto das praças pesquisadas se apresentou de forma distinta, sendo que a P1, P2 e P4 possuíam apenas parque infantil como área de lazer e a P3 apresenta uma estrutura multiatrativa com parque, quadra poliesportiva e pista de *skate*. Além disso, os parques da P1 e P4 podem ser considerados tradicionais pelos tipos de equipamentos disponibilizados, enquanto que a P2 possui equipamentos diversificados. As diferenças quanto à estrutura e à diversidade de equipamentos gera também diferenças na utilização do espaço e tipos de

atividades desenvolvidas pelas crianças.

Na P2 e P3 as crianças se concentraram mais no espaço do parque e da quadra, respectivamente, enquanto que na P1 e P4 o comportamento de exploração foi mais freqüente. A atividade mais presente na P1, P2 e P4 foi o brincar nos equipamentos do parque, contudo na P2 o índice foi superior às demais. Na P3 a principal atividade foi o brincar com bola (futebol). A estrutura mais diversificada de equipamentos na P2 pode estar relacionada à utilização de forma mais concentrada do espaço do parque, assim como à preferência das crianças pela atividade de brincar nos equipamentos (90%). Por outro lado, a estrutura menos diversificada da P1 e P4 se relaciona a maior exploração do espaço e menor índice de preferência pelo brincar nos equipamentos (50%).

Pode-se concluir que nos parques estudados os de estrutura mais diversificada e em bom estado de manutenção há mais concentração e menos interação entre as crianças. Os resultados encontrados são similares ao estudo de Carvalho e Begnis (2006) em estudo numa brinquedoteca hospitalar com crianças de 2 a 10 anos. Os autores concluíram que melhora na estrutura, em termos de organização do espaço e diversidade de brinquedos, resulta em maior concentração das crianças nas atividades e em menor interação entre elas. Ridgers et al. (2007), em estudo sobre o replanejamento de *playgrounds*, observaram que uma estrutura mais atrativa possibilita aumento na atividade física de crianças. Este resultado também pode ser comparado à essa pesquisa, uma vez que as atividades predominantes desenvolvidas na P2 e P3 envolvem mais atividade física que nas demais praças.

Barbou (1999), ao comparar o impacto de diferentes tipos de parques no comportamento de brincadeira e relação entre pares, com crianças da 2ª série, aponta que o projeto do parque influencia no desenvolvimento de habilidades físicas e sociais por facilitarem ou não a relação entre pares. Os resultados encontrados pelo autor podem ser comparados aos da presente pesquisa, uma vez que, diferentes estruturas geram distintas oportunidades de brincadeira para as crianças.

Na P1, seguindo a atividade de brincar nos equipamentos esteve o brincar com brinquedo próprio e conversar. Como a estrutura desta praça é tradicional e a quantidade de equipamentos nem sempre é suficiente à demanda dos usuários, esses parecem sentir necessidade de levar brinquedos de casa para o local como bicicletas, carrinhos, além de

terem tempo para sentar e conversar enquanto aguardam (sendo que os bancos se localizam próximos a área do parque).

Na P4, seguindo o brincar com equipamentos, estão as atividades de brincar em grupo e com elementos naturais. Nesta praça a estrutura é pobre em equipamento e está bastante danificada, o que pode ter levado as crianças a criarem novas alternativas de brincadeira. O espaço ao redor do parque é utilizado como uma extensão do mesmo, sendo onde ocorrem os jogos em grupo e o brincar com elementos naturais. As crianças costumam utilizar uma figueira como equipamento de brincar, no qual podem se pendurar e balançar.

Na P2, onde a atividade principal quase que exclusiva foi o brincar nos equipamentos, as atividades foram realizadas de forma mais individualizada e, conseqüentemente, com menor interação. Na P1 a atividade de conversar exige interação, ao contrário do brincar com equipamentos e com brinquedo próprio. Na P4 a atividade de jogos em grupo também exige a interação entre as crianças, ao contrário do brincar nos equipamentos e com elementos naturais. Na P3 a atividade principal, o brincar com bola, ou melhor, o jogo de futebol, exige a interação com outras crianças. No caso da P3 a estrutura mais utilizada foi planejada para que haja interação, pois favorece os jogos com bola em equipes (futebol, vôlei e basquete). Assim, pode-se dizer que, além de influenciar no tipo de brincadeira e nível de interação, diferentes estruturas desencadeiam o desenvolvimento/treino de diferentes habilidades.

Em relação à área disponibilizada nas praças, a P2 é a única que pode ser considerada grande, pois a área de lazer equivale a área total das demais. Observou-se, contudo, que esta praça foi a que obteve menor índice de atividades que necessitam de interação entre os pares, devido, possivelmente, a sua estrutura diversificada. O resultado se mostrou contrário ao encontrado por Sager et al. (2003) em estudo sobre comparação de pátios escolares, com crianças de 5 a 6 anos. A pesquisa dos autores indicou que em pátios grandes as crianças tendem a interagir mais que em pátios pequenos. Além disso, também apontam que uma melhor estrutura possibilita maior interação em grupo. Esse último resultado somente foi pertinente com o encontrado na P3, em que a estrutura mais utilizada (quadra) foi planejada para a interação.

Outro fator a ser considerado foi o número de setores utilizado em cada praça. A P4 foi a que apresentou o maior número de áreas

utilizadas, o que de um lado pode representar maior mobilidade/exploração durante a permanência das crianças nos espaços pesquisados, mas também um menor engajamento nas atividades. O maior uso das áreas pode estar relacionado, ainda, a estrutura planejada disponibilizada nesta praça que, como já mencionado, é pouco diversificada e conservada. A P3, ao contrário, foi a que obteve um menor número de áreas utilizadas, reforçando os resultados dos trajetos das crianças nesta praça, na qual se passa a maior parte do tempo na quadra e, conseqüentemente, na atividade principal, futebol.

### **6.2.2 A presença de áreas verdes**

A condição física das praças se apresentou de forma diferenciada, uma vez que cada praça apresenta elementos naturais de forma distinta em sua estrutura. A P2 e P4 apresentam vegetação abundante e piso de areia sob o parque. Na P1 e P3 há pouca vegetação e o piso dos parques é coberto por grama. Acredita-se que diferenças nas condições físicas das praças intervenham no modo como as crianças utilizam o espaço e desenvolvem suas atividades. O contato com elementos naturais (brincar com areia, subir em árvores, correr atrás de pássaros) somente foi observado nas praças em que a presença de vegetação e elementos naturais é abundante. Na P4, o brincar com elementos naturais foi superior a P2. Na P2 a atividade de brincar com elementos naturais ocorreu, porém apenas na P4 ela foi considerada atividade principal para duas crianças observadas. A P2 tem um espaço mais amplo e diversificado em termos de oportunidade de contato com elementos naturais, contudo na P4 estes elementos vêm compensar a pouca estrutura do parque infantil e estão localizados próximos ao mesmo.

Herrington e Studtmann (1998), ao estudarem a relação da presença de elementos naturais em *playgrounds* de pátios escolares e seu impacto no desenvolvimento de crianças, constataram que o aumento de elementos naturais proporciona desenvolvimento adicional às crianças, pois aumenta o nível de interação e tipos de brincadeira. Os resultados dos autores confirmam em parte os encontrados nessa pesquisa. Na P4 as atividades de interação foram superiores as encontradas na P1 e P2, proporcionando estímulos não apenas motores, mas sociais, afetivos e cognitivos. A vegetação da P2, contudo é mais abundante que na P4 e as atividades foram mais físicas. A partir do resultado da pesquisa pode-se

pensar que a condição física influencia no comportamento de uso das crianças, contudo só é relevante quando a estrutura planejada é pouco atrativa.

Os autores Fjørtoft e Sageie (2000), em estudo num pátio escolar com crianças de 5 a 7 anos, investigaram o impacto de ambientes naturais no aprendizado e desenvolvimento de crianças e constataram que a paisagem natural proporciona oportunidades variadas de brincadeira, estimulando o aparato motor das crianças. Resultado semelhante foi encontrado por Bell et al. (2008), em estudo com crianças de 3 a 16 anos. Esses autores constataram que a presença de verde está associada à diminuição nos índices de massa corporal (IMC), pois auxilia no contato com o ambiente aumentando o nível de atividade física das crianças.

Os resultados encontrados pelos autores podem ser comparados aos da presente pesquisa em termos de setores/áreas utilizados. As crianças da P2 e P4 utilizaram mais áreas da praça que as crianças da P1 e P3. Na P2, mesmo as crianças tendo se concentrado no espaço do parque, houve mobilidade e uso de outros setores da praça como a área verde e área livre. Na P4 houve tanto concentração como exploração dos espaços, sendo que esta praça foi a que obteve um maior número de setores utilizados, demonstrando maior mobilidade/atividade das crianças. Acredita-se que os elementos naturais, sobretudo a vegetação, podem aumentar a atividade física das crianças, contudo a condição física não pode ser analisada separadamente de outros fatores como a estrutura e manutenção dos espaços e a área total do mesmo, como no caso da P2, por exemplo.

### **6.3 Contribuições do estudo do ambiente ao desenvolvimento infantil**

A partir da análise dos resultados da presente pesquisa pode-se perceber que muitos endossam os resultados da bibliografia estudada, principalmente quando relacionados às condições de planejamento, como equipamentos disponíveis em *playgrounds* e organização dos espaços ao ar livre. A maioria dos estudos pontua que uma maior organização e disponibilidade de equipamentos/brinquedos aumentam a atividade física e a variedade de brincadeiras. Nos espaços públicos ao

ar livre a atividade física também se acentua em relação à estrutura planejada, contudo os tipos de atividade diferem dos espaços privados, mesmo que ao ar livre. As brincadeiras de faz-de-conta, por exemplo, comuns em ambientes escolares, não foram reconhecidas em espaços públicos ao ar livre. Por ser um ambiente aberto, este último suscita mais atividades e brincadeiras voltadas à atividade física e exploração do ambiente, principalmente quando o mesmo apresenta vegetação abundante.

Em relação à presença de vegetação os resultados desta pesquisa confirmam em parte os da bibliografia estudada. Pode-se perceber que a presença de vegetação aumenta a atividade física e o nível de interação entre as crianças, contudo este resultado foi relevante somente quando a estrutura do parque não era adequada. Questões metodológicas podem estar influenciando nos resultados, apresentando-se diferentemente nos estudos pesquisados. A presença de vegetação geralmente é analisada em termos de antes e depois, ou seja, são realizadas observações antes e depois da colocação de elementos naturais para que se possa fazer a comparação. No caso da presente pesquisa, foi comparada a relação de presença de vegetação e tipo de atividade em diferentes contextos. Percebe-se ainda que a presença de vegetação não pode ser analisada apenas em termos de quantidade, pois isso parece não garantir diferença no nível de atividade das crianças. Os elementos naturais suscitam interesse e contato das crianças entre si, o que parece se relacionar com a faixa etária dos usuários, a localização e a diversidade da vegetação.

Os aspectos psicossociais foram investigados de forma diferente das que são pesquisados em outros estudos. O foco de alguns é sobre a relação com a vizinhança, outros sobre a segurança do local e alguns sobre o tamanho e tipo do contexto (bairro, cidade, interior, subúrbio). Estes estudos, contudo, são os que mais investigam os espaços públicos, sendo que o foco é sobre a vizinhança onde residem as crianças. Os estudos apontam que praças e *playgrounds* são os locais preferidos pelas crianças, uma vez que possibilitam se engajar em atividades. A preferência pelos equipamentos do parque esteve presente entre as crianças pesquisadas. Além disso, percebe-se que estes espaços são importantes para as mesmas uma vez que seu uso ocorre mesmo em condições de manutenção e segurança ruins. A importância de tais espaços deve-se a oportunidade de brincadeira e socialização e também a falta de outros locais/oportunidades de lazer.

A bibliografia estudada é pouco conclusiva quando trata da percepção dos pais sobre os riscos físicos e sociais e sua relação com a vizinhança. Acredita-se que a falta de mais estudos, somada às múltiplas e complexas variáveis relacionadas, culminem em dados pouco conclusivos. Na presente pesquisa percebeu-se que o sentimento de insegurança dos entrevistados (adultos) está relacionado à falta de manutenção da praça e, principalmente a segurança da vizinhança – frequência de assaltos/roubos e acidentes/atropelamentos. A boa relação com a vizinhança parece amenizar a sensação de insegurança, desde que as crianças estejam acompanhadas. A presença de vegetação parece diminuir a sensação de insegurança, na verdade ela parece amenizar os riscos físicos e sociais sentidos/percebidos.

A relação entre o potencial positivo dos espaços públicos ao ar livre e senso comunitário ou presença de áreas verdes, não pode ser confirmada a partir da opinião dos entrevistados. O que se percebeu no estudo foi que os adultos que levam as crianças aos espaços públicos ao ar livre o fazem por entender que é um bom espaço para a criança brincar, se exercitar e fazer amigos ou, simplesmente, por que a criança gosta e pede. Eles não parecem compreender todo o potencial que tal espaço pode oportunizar ao desenvolvimento infantil. A relação entre a percepção positiva dos pais, sobre os espaços ao ar livre, e o senso comunitário e/ou presença de áreas verdes é levantada por alguns autores da bibliografia, porém sem confirmação.

Os espaços públicos ao ar livre são importantes tanto para crianças como para os adultos, mesmo que por motivos distintos. As crianças vêm em tais espaços oportunidades nem sempre encontradas em outros ambientes, como o brincar livremente e o fazer amigos. A importância de tais espaços para as pessoas que os frequentam está comprovada na regularidade de uso, mesmo em condições adversas como a falta de manutenção e segurança do entorno. Os possíveis riscos que os usuários podem sentir tendem a diminuir a frequência de uso, mas não alteram significativamente a opinião dos mesmos sobre a importância dos espaços. Além disso, as crianças se mostraram aptas a avaliarem os espaços, em termos de projeto e segurança, e proporem melhorias de acordo com suas demandas. Elas percebem os riscos que podem sofrer, contudo as oportunidades que os espaços oferecem parecem prevalecer nos casos estudados.

O comportamento de uso dos espaços está relacionado às

características dos contextos e das pessoas que lá estão. Percebe-se que a forma como o espaço é planejado e mantido interfere no tipo de atividade e interação entre as crianças. As mesmas preferem estruturas mais diversificadas e equipamentos que possibilitem maior oportunidade de atividades, assim as brincadeiras que envolvem atividade física são as mais frequentes nestes espaços. Observa-se que além dos aspectos físicos as características das crianças interferem no seu comportamento de uso, como o gênero e a faixa etária.

Por fim, ao planejar um espaço público ao ar livre é necessário avaliar uma série de aspectos (área existente, equipamentos disponíveis, presença de área verde, tráfego de veículos no entorno, faixa etária que o utiliza, estado de manutenção, relações entre a vizinhança, entre outros) essenciais para a elaboração de ambientes que contribuam efetivamente para o desenvolvimento das crianças e sua qualidade de vida. Tais aspectos envolvem as características das pessoas e dos contextos e, sobretudo, as relações/trocas entre ambos. Acredita-se que uma das contribuições da Psicologia Ambiental ao Desenvolvimento Infantil – e humano, é apontar que os espaços estão intrinsecamente relacionados aos comportamentos/atividades que as crianças realizam. As características físicas e simbólicas do espaço, ao interagirem com as características das crianças, podem facilitar ou não a maturação de habilidades necessárias ao desenvolvimento saudável. Pesquisadores, educadores, pais e governantes precisam refletir sobre que tipo de crianças almejam e se os espaços oferecidos servem a tal finalidade. Acredita-se que ao explorar os espaços se passa a conhecer um pouco mais as pessoas, sendo que suas marcas ficam ali inscritas; ao mesmo passo que, ao investigar as pessoas se compreende um pouco mais sobre a função do espaço em seu processo de desenvolvimento. Faz-se importante unir esforços no estudo e compreensão da relação pessoas e contextos, no sentido de oferecer ambientes potencialmente saudáveis ao desenvolvimento humano.

## **7. RECOMENDAÇÕES**

A partir dos resultados encontrados na pesquisa e literatura estudada, serão feitas recomendações às condições de planejamento, físicas e psicossociais das praças avaliadas, com o intuito de potencializar cada espaço em termos de oportunidades oferecidas aos seus usuários. Entende-se que os espaços públicos ao ar livre devem oferecer oportunidade das pessoas desenvolverem atividades físicas e sociais, mas também sentimentos de bem estar, relaxamento e segurança. As recomendações foram pensadas a partir das observações e anotações do diário de campo e, principalmente, das falas dos usuários durante as entrevistas. Entende-se, contudo, que não deixam de ser sugestões, uma vez que as mudanças em tais espaços devem ser realizadas com a participação da comunidade.

### **7.1 Recomendações à Praça Antônio Assis Gonçalves**

#### **A) Qualidade do projeto**

A qualidade do projeto da praça precisa ser melhorada, principalmente a manutenção e ampliação da estrutura de lazer. O parque deve ser ampliado e equipado com um brinquedo multifuncional. Além disso, o piso de grama, geralmente desgastado e com lama, após dias de chuva, deve ser trocado por areia, mais limpa e segura em possíveis quedas e com melhor absorção da água. Percebeu-se que a pintura do parque era recente, contudo os equipamentos se apresentavam seriamente danificados, talvez não apenas pelo uso, mas por atos de vandalismo.

O público adolescente/jovem que utiliza o local, nos finais de semana e a noite, não tem um espaço planejado para eles. A iluminação artificial é precária e os bancos estão quebrados por serem deslocados de seus locais habituais. Os bancos desta praça foram colocados distantes um do outro, o que para sentar sozinho e apreciar o ambiente é adequado, mas para conversar em grupo impossível. Por não ter um espaço para se sentar em grupo e conversar, os adolescentes e jovens sentam-se na grama, nos equipamentos do parque ou deslocam os bancos de forma a agrupá-los. Também os pais não podem sentar próximo ao parque para observarem suas crianças, às vezes bebês, pois

os bancos ficam distantes. Alguns sentam na grama e outros ficam de pé. Recomenda-se que seja construída uma estrutura de quiosque, na área central, onde adolescentes e jovens possa se reunir e que se coloquem bancos próximos ao parque para os pais. Além disso, é necessário melhorar a iluminação artificial.

Ao lado da praça está localizado um terreno baldio que poderia ser transformado em quadra poliesportiva, lembrando da necessidade de uma alta grade devido ao tráfego de veículos. O brincar com bola não apareceu dentre as atividades desenvolvidas nesta praça, contudo, do outro lado de uma das ruas que circunda a praça, um grupo de meninos e meninas, de 6 a 10 anos, costumam jogar bola num terreno pequeno (20 a 25m<sup>2</sup>), as margens da avenida. Diversas vezes a bola invade as ruas podendo ocasionar um acidente. A quadra também poderia ser utilizada para adolescentes e jovens, principalmente se for bem iluminado.

Alguns pais costumam levar seus filhos de bicicleta e colocá-las no mesmo espaço do parque. Alguns ficam em dúvida se observam os filhos ou a bicicleta. Um suporte metálico poderia ser colocado para alojá-las, deixando o espaço mais amplo e os pais mais tranquilos. O local não dispõe de lixeiras, ocasionando lixo ao longo da praça. Por último, indica-se a colocação de faixa de pedestres nas vias que circundam a praça, devido ao intenso tráfego de veículos.

## B) Condições físicas

O local apresenta ainda pouca segurança e privacidade aos usuários. Cercas/grades poderiam garantir maior privacidade e segurança em relação aos veículos, contudo diminuiriam o acesso e talvez a sensação de segurança, visto que a praça é também um local de passagem de transeuntes. Recomenda-se cercar a praça com uma pequena mureta, a qual poderia servir também como canteiro de flores. A praça possui pouca vegetação, alguns arbustos, pequenas palmeiras (que não fazem sombra) e canteiros mal cuidados.

Sugere-se fazer nova arborização, por exemplo, retirando as palmeiras e colocando árvores maiores e retirando os canteiros localizados em meio ao gramado. Os canteiros em torno da praça dariam um aspecto mais acolhedor, além de estético aos usuários.

### C) Condições psicossociais

Acredita-se que mudanças nas condições de planejamento e físicas da praça refletiriam nas condições psicossociais, uma vez que, promovem a atividade física, a socialização, o conforto, a privacidade e a segurança dos usuários. A questão da manutenção do espaço, dever do município e também dos usuários, deve ser realizada regularmente, até mesmo para garantir a segurança e conforto das pessoas. Neste sentido, uma parceria entre as secretarias de obras e meio ambiente com a comunidade poderia ser realizada. Na Avenida Centenário (principal avenida da cidade e que corta todo o município), por exemplo, é realizada o projeto: “Adote um Canteiro”. São dispostos inúmeros canteiros ao longo da avenida, sendo que cada um é de responsabilidade de um comércio local, em parceria com a secretaria do meio ambiente do município. Projeto semelhante poderia ser utilizado para manutenção da arborização da praça e do parque infantil.

A planta baixa da praça, com algumas das recomendações sugeridas, pode ser visualizada na Figura 16:

Praça Antônio Assis Gonçalves  
Bairro Pinheirinho - regional Boa Vista,  
Área 2.768,50m<sup>2</sup>.

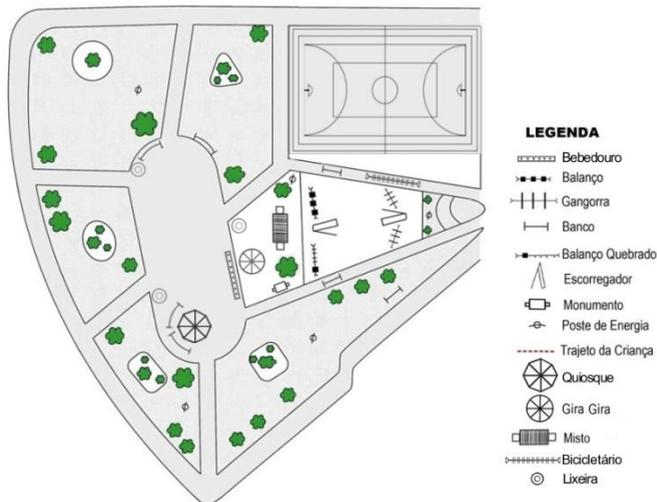


Figura 16. Planta baixa da praça modificada.

## 7.2 Recomendações à Praça do Congresso

### A) Qualidade do projeto

A demanda de usuários desta praça é superior na faixa etária de 2 a 5 anos e, talvez por isso, o balanço disponibilizada seja de cadeirinha. Estas crianças costumam levar brinquedos de casa para brincar na areia, o que não seria o ideal, visto que há cachorros que passeiam no local com os donos. Recomenda-se que para esta faixa etária seja construída uma caixa de areia própria ao uso das crianças. As crianças maiores, principalmente de 10 a 12 anos não conseguem ou sentem-se envergonhadas em usar o balanço de cadeirinha. Sugere-se que seja colocado um equipamento de balanço para uma faixa etária maior.

Os adolescentes e jovens também freqüentam o local e, por não terem um espaço apropriado para sentarem e conversar utilizam os equipamentos do parque para tal fim, principalmente as gangorras e o

vai-e-vem. Além de não terem privacidade, os adolescentes e jovens privam as crianças de brincar nesses equipamentos. Recomenda-se a construção de um quiosque ou local adequado para que os adolescentes e jovens possam sentar e conversar.

Outra recomendação seria a reestruturação da academia que estava abandonada. Um projeto de implantação de academias ao ar livre, redigido por um vereador do município e apoiado financeiramente pelo ministério do meio ambiente e governo municipal, já foi concluído no local, além de realizada toda a manutenção do parque infantil.

Uma última demanda dos usuários está relacionada as suas necessidades básicas, quais sejam, a colocação de bebedouros e banheiros na praça, uma vez que a maioria dos freqüentadores vem de outros bairros. Recomenda-se ainda a colocação de lixeiras.

#### B) Condições físicas

O projeto de arborização do local é bom, não necessitando de melhorias. O lago que fica localizado na praça, porém teve problemas no sistema de drenagem da água e está abandonado. Há anos o lago era a principal atração da praça, principalmente pela presença de animais como: tartarugas, patos, peixes, porquinho da índia, sagüi (que ficavam na faixa de terra em meio ao lago). Os animais aos poucos foram diminuindo até o abandono total do espaço. Não apenas crianças, mas adultos reclamam pela falta do lago e seus animais. Entende-se que o espaço deveria ser reformado.

#### C) Condições psicossociais

Além de já possuir uma estrutura que facilita a atividade física, de crianças e adultos; e a segurança dos usuários, entende-se que as mudanças sugeridas promoveriam maior conforto e socialização das pessoas. Em relação a conservação e cuidado com o espaço, compreende-se que também poderia ocorrer a parceria da prefeitura municipal com a comunidade, uma vez que, estando em melhores condições o local é mais utilizado e, assim, mais seguro a todos.

A planta baixa da praça com as sugestões pode ser observada na Figura 17:

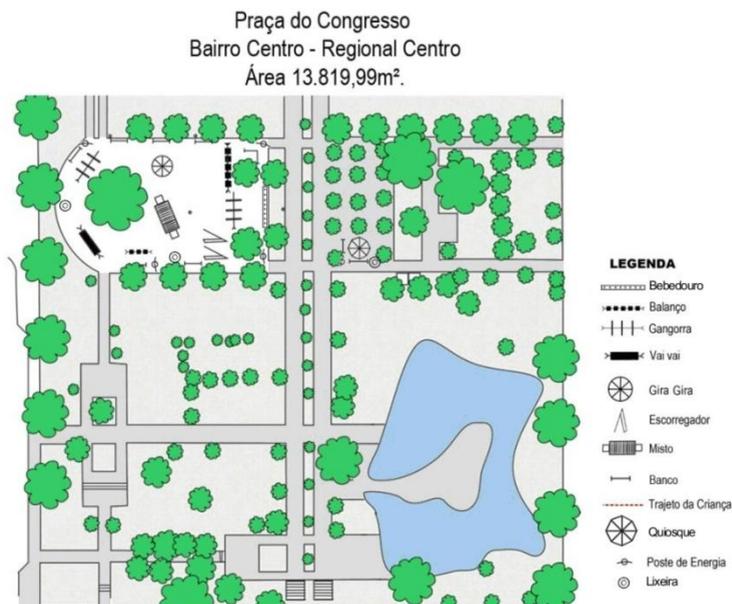


Figura 17. *Planta baixa da praça modificada.*

### 7.3 Recomendações à Praça Florentina de Oliveira Costa

#### A) Qualidade do projeto

A quadra precisa ser reformada: a pintura, as tabelas, as redes e a grade de segurança. Quanto ao parque a sugestão é de que o escorregador seja retirado e substituído por um equipamento multifuncional (que geralmente vem com escorregador acoplado). Devido a área do parque equipamentos não podem ser colocados sem que ocorra a retirada de outros. Recomenda-se, ainda, que o piso do parque seja substituído por areia para evitar o acúmulo de água da chuva e não necessite de corte de grama.

O local não possui bebedouros, nem lixeira, necessitando da colocação destes equipamentos. A iluminação artificial precisa ser consertada, assim como um único banco que está quebrado. A grande

reivindicação dos usuários, porém, é em relação a um esgoto que corre a céu aberto. A praça parece ser passagem de um escoamento de água da chuva que se aloja no local e, como vem com lixo, parece um esgoto.

#### B) Condições físicas

A praça não possui árvores, apenas poucos arbustos que não geram sombra. Recomenda-se a arborização do local.

#### C) Condições psicossociais

A praça é utilizada, sobretudo por meninos, dificultando a socialização entre gêneros e podendo ocasionar a inibição das meninas. As poucas meninas que freqüentam a praça vem acompanhadas de um responsável, mesmo morando próximo e com idade superior a 9 anos. Algumas meninas foram observadas jogando bola e andando de *roller* em meio a rua, próximo a praça. Acredita-se que a praça tem sido pouco atrativa as meninas e/ou o espaço seja pequeno para uso de todos, principalmente a quadra. Em uma das visitas, um grupo de meninos (8 a 10 anos) foi observado num terreno baldio e de propriedade privada, localizado em frente a praça. Eles haviam pulado a cerca e estavam construindo um campinho na terra, pois a quadra já estava ocupada por meninos maiores (10 a 16 anos). Sendo a quadra disputada entre os meninos, talvez as meninas não tenham seu espaço garantido. Pode também estar ocorrendo que meninos de outros bairros, não tendo espaços ao ar livre para brincar, jogar futebol, venham até a praça e disputem o espaço com os meninos da vizinhança. Neste espaço, em específico, as entrevistas com os usuários e observações deveriam ser aprofundadas para maiores esclarecimentos quanto a utilização e possíveis recomendações que facilitem a socialização/interação entre os usuários.

A planta baixa da praça, com algumas das recomendações, é apresentada na Figura 18:

Praça Florentina de Oliveira Costa  
Bairro Ceará - Regional Próspera  
Área 1.629,88m<sup>2</sup>

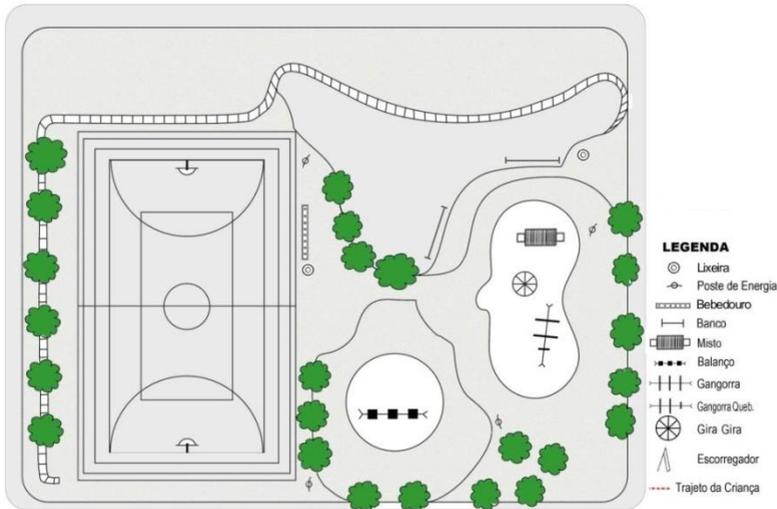


Figura 18. *Planta baixa da praça modificada.*

## 7.4 Recomendações à Praça Pedro Bratti

### A) Qualidade do projeto

A estrutura do parque infantil deve ser reformada e ampliada, pois é insuficiente para a demanda de usuários. Sugere-se que o escorregador seja substituído por um equipamento multifuncional e que os demais equipamentos danificados sejam repostos. Recomenda-se colocar uma caixa de areia para que as crianças possam manusear este material, uma vez que o local também recebe a visita de pessoas acompanhadas por cães que ali depositam seus dejetos. Uma placa proibindo esta situação também deveria ser colocada, além de lixeiras e um bebedouro. A pequena área do parque não permite que sejam colocados muitos equipamentos, devido ao risco de colisão entre as crianças.

Do lado contrário ao parque, na outra extremidade da praça, existe um espaço subutilizado que poderia ser utilizado com duas finalidades distintas:

- 1) Academia ao ar livre, ou
- 2) Parque infantil para faixa etária de 2 a 6 anos.

#### Projeto 1:

Além do público infantil, a praça é freqüentada por jovens e adultos que ali se encontram, conversam, admiram, descansam, namoram. O local poderia proporcionar que também se exercitassem, através de uma academia ao ar livre.

#### Projeto 2:

Devido a pequena área do parque e a utilização por diversas faixas etárias, o espaço subutilizado poderia ser transformado em outro parque infantil para crianças menores.

#### A) Condições físicas

A área central da praça possui bastante vegetação, contudo o parque e o espaço subutilizado não dispõem de sombra. Recomenda-se que árvores sejam plantadas nas extremidades da praça.

#### B) Condições psicossociais

Acredita-se que mudanças nas condições de planejamento e físicas da praça refletiriam nas condições psicossociais, uma vez que, promovem a atividade física, a socialização, o conforto a segurança dos usuários. Para definir sobre a escolha entre o projeto 1 ou 2 seria necessário aprofundar as entrevistas e observações no local, a fim de saber a opinião das pessoas. Caberia também a comunidade uma parceria com a prefeitura quanto a conservação do local. Ao lado da praça está localizada uma escola municipal que possui um *playground* para uso dos alunos. Não foi observada a atividade em tal espaço, mas compreende-se que a escola também poderia ser parceira da comunidade no uso e cuidado da praça.

Na Figura 19, pode-se visualizar a planta baixa da praça com o projeto 2:

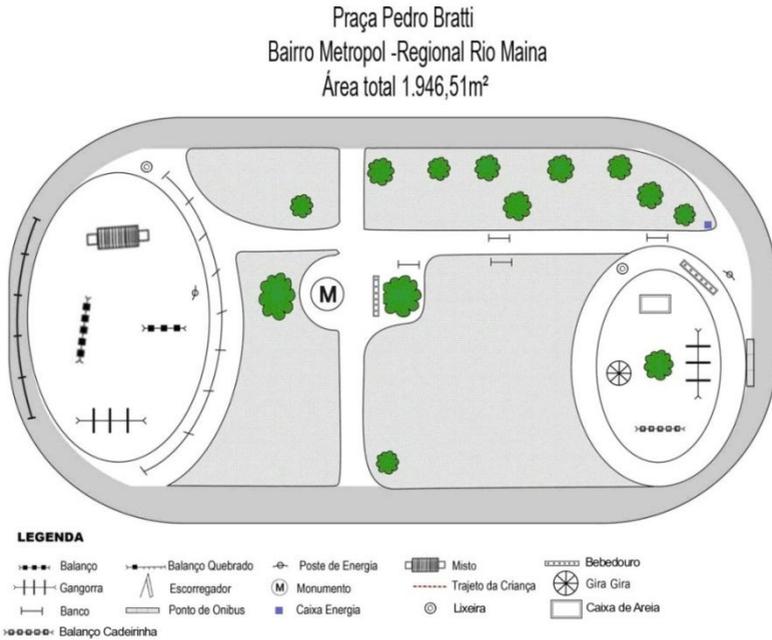


Figura 19. *Planta baixa da praça modificada a partir do projeto 2.*

## 7.5 Finalizando

Objetivando dar continuidade a pesquisa, foi enviado ao Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde, a partir da portaria nº 139, de 11 de agosto de 2009, o projeto: “O acesso e a mobilidade no espaço público ao ar livre como forma de promover a prática corporal de crianças e adolescentes do município de Criciúma”. O objetivo da portaria, entre outros, era de potencializar a atividade física de crianças e adolescentes, como estratégia de promoção de saúde e prevenção de agravos e doenças não transmissíveis como: a obesidade, dependência química, violência e acidentes.

Objetivo geral do projeto enviado foi o de implantar ações que

estimulem o acesso e a mobilidade das crianças aos espaços públicos ao ar livre do município de Criciúma, através da adequação das condições de planejamento, físicas, de manutenção e promoção de ações de segurança em parceria com a comunidade. O resultado quanto à aprovação do projeto e, conseqüente financiamento, não foi ainda divulgado, mas espera-se que a pesquisa possa ter continuidade no sentido de qualificar os espaços públicos como ambientes saudáveis ao desenvolvimento integral das crianças.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a pergunta de pesquisa, observa-se que o trajeto percorrido até aqui aponta algumas reflexões que ficaram: descobertas, impressões, idéias, caminhos e indagações sobre o comportamento de uso das crianças nos espaços públicos ao ar livre, além de acrescentar o que este estudo tem a contribuir com a Psicologia, a partir da mútua ajuda entre a Psicologia Ambiental e do Desenvolvimento.

As condições em que as praças se encontram já eram esperadas, uma vez que o abandono do poder público é visto em artigos científicos, manchetes de jornal e no cotidiano de todos. Os ambientes projetados não consideram o contexto e as características dos possíveis usuários, não levam em consideração a distância das residências, o tráfego de veículos, à faixa etária a que se destinam. Além disso, não há uma periodicidade em termos de manutenção e reposição de equipamentos danificados. Os equipamentos, na maioria das vezes, são planejados dentro de uma padronização, sem considerar faixa etária, gênero e habilidades que possam ser desenvolvidas nas crianças. A falta de segurança dos locais e seu entorno também era esperada, pois, devido ao abandono, muitos espaços se tornam alvo de atividades ilícitas.

O que não era esperado é a quantidade de praças e áreas ao ar livre existentes no município, assim como a presença das pessoas usando tais locais devidamente. Durante o estudo exploratório pode-se concluir que 66% dos espaços ao ar livre estavam em uso no momento da visita, mesmo quando em situações precárias de conservação. Este fato é positivo, pois representa que tais espaços são importantes para a comunidade e que, mesmo sendo abandonados pelo poder público, continuam promovendo lazer e convívio social. Por outro lado, a situação é preocupante, pois, devido às condições em que se encontram, tornam-se centros de risco físico e social aos usuários, principalmente as crianças. Entende-se que o uso dos espaços em tais circunstâncias ocorre mais freqüentemente em vizinhanças de baixo poder aquisitivo, pelo fato destas crianças terem poucas opções de lazer.

Cabe refletir, em termos de desenvolvimento infantil, que o uso dos espaços públicos ao ar livre torna-se mais uma privação pela qual as crianças precisam passar, sobretudo as mais pobres e fragilizadas por outras condições. O processo de maturação ocorre à medida que a criança disponibiliza de um espaço seguro para realizar suas atividades.

Ambientes hostis e pouco atrativos podem vir a trazer prejuízo ao processo de desenvolvimento das crianças por não se engajarem nas atividades em que desejam e necessitam, ou por ocasionarem disfunções em seu comportamento.

Nos espaços públicos pesquisados, as atividades desenvolvidas pelas crianças se diferenciam de um contexto ao outro, além de serem diferentes das geralmente encontradas em espaços privados. Em ambientes ao ar livre a liberdade e o poder de escolha das crianças, em relação às atividades que querem se engajar, se ampliam na mesma proporção em que as características físicas, sociais e espaciais do espaço são ampliadas. Quando o espaço não possibilita à criança desenvolver as atividades de sua preferência, a mesma, através da exploração e criatividade, consegue adaptá-lo de acordo com suas necessidades, como foi visto na utilização de uma das praças. Contudo, esta adaptação nem sempre ocorre de forma segura e produtiva ao processo de desenvolvimento humano. Assim, as condições de planejamento, físicas e psicossociais de tais ambientes devem ser pensadas de forma a serem mais atrativas, seguras e úteis ao processo de desenvolvimento psicológico, podendo ampliar as oportunidades de brincadeira e interação a partir das escolhas das próprias crianças.

Ao tentar compreender as diferenças quanto ao comportamento de uso nos diferentes contextos, tornou-se evidente que as características do espaço têm função importante nas atividades escolhidas e áreas utilizadas pelas crianças. Os espaços mais equipados e conservados tendem a fazer com que as crianças se concentrem mais numa mesma atividade. Um parque que possui brinquedos mais diversificados, por exemplo, possibilita maior número de atividades a serem realizadas pelas crianças, maior número de brinquedos a ser explorado, maior permanência na mesma atividade e local, maior interação entre os pares. Além disso, o motivo mais freqüente que leva a criança a se deslocar até uma praça é a oportunidade de brincar nos equipamentos lá disponíveis. Um local que esteja mais favorável ao desenvolvimento desta atividade, pode fazer com que ela se concentre e crie brincadeiras variadas. Ao contrário, em espaços menos equipados a criança precisa criar outros meios de satisfazer sua necessidade e expectativa quanto ao brincar e, assim, explora o ambiente à procura de outras possibilidades, nem sempre saudáveis.

Neste sentido, torna-se evidente a importância de equipamentos

mais diversificados nos espaços públicos ao ar livre, assim como áreas para esportes coletivos e presença de vegetação. Criar várias possibilidades de uso é tornar o ambiente mais flexível, de forma que a escolha da criança esteja de acordo com suas necessidades específicas de faixa etária, gênero, limitações e vivências pessoais. Um ambiente mais flexível também pode favorecer as atividades em grupo, uma vez que promove a elaboração de diversos tipos de brincadeira e a participação de vários usuários, como a quadra esportiva.

Além da diversidade de equipamentos, a presença de vegetação mostrou-se importante nas atividades realizadas pelas crianças. O contato com elementos naturais favoreceu a atividade física e a curiosidade, além de suscitar sentimento de bem-estar e tranquilidade, não apenas às crianças, mas também aos pais. Pode-se afirmar que a diversidade e conservação dos espaços públicos ao ar livre, assim como a presença de vegetação, favorecem a socialização de forma saudável ao processo de maturação infantil.

A partir do estudo foi possível também detectar limitações quando à estrutura física e social dos espaços e propor recomendações para cada contexto em específico. A Praça Antônio Assis Gonçalves, por exemplo, possui espaço pequeno e mal aproveitado, sendo a área do parque insuficiente para a demanda de usuários e podendo ocasionar colisões. Além disso, o local não possui área projetada para adolescentes e jovens e possibilita pouco conforto aos usuários adultos. A Praça do Congresso, por outro lado, possui área ampla, porém subutilizada. Também não há local para uso específico de adolescentes e jovens. A Praça Florentina de Oliveira Costa parece não possibilitar o engajamento de meninas em seu espaço, devendo ter a área do parque mais diversificada. A Praça Pedro Bratti também possui área subutilizada e em péssimas condições de manutenção, devendo ter o parque ampliado.

Com base no estudo, pode-se apontar que as crianças percebem os espaços públicos ao ar livre como locais que oportunizam brincadeiras e contato social com outras crianças. Além disso, os resultados demonstram que elas têm capacidade de avaliar e propor melhorias quanto à forma como tais espaços estão organizados e conservados. Entende-se que os ambientes projetados para as crianças devem partir de necessidades, características e percepções das próprias crianças, uma vez que possuem características e demandas específicas.

Além de garantir a adequação dos espaços às suas necessidades, a participação das crianças no processo de (re) organização permite desenvolver o senso de responsabilidade social e sentimento de cidadania. A opinião de crianças e pais deve ser uma das etapas que antecedem o planejamento de novos espaços ou a qualificação de espaços já existentes. É preciso propor áreas que atendam as demandas de uso de todos os usuários, favorecendo a realização de suas atividades. Percebe-se que não apenas a estrutura urbana, mas a questão da segurança deve ser levada em consideração uma vez que a percepção dos pais quanto ao risco social e de tráfego interfere no acesso e uso e, conseqüentemente, no processo de autonomia dos filhos.

Esse estudo não possibilitou generalizações efetivas para outros contextos de pesquisa, o que exigiria uma investigação mais profunda, contudo proporciona uma visão ampla das condições em que as praças se encontram e das atividades realizadas pelas crianças nos espaços. Na observação em ambiente público ao ar livre as variáveis nem sempre podem ser controladas e as situações ocorrem de forma imprevisível, dificultando a investigação e tornando o processo, por muitas vezes, mais longo. O pesquisador não sabe se o espaço estará ocupado no momento da visita, além disso, as condições climáticas interferem, principalmente quando ocorrem nos finais de semana. Primeiro o pesquisador observa para depois se certificar de que o observado possui as características necessárias ao estudo e, principalmente, se concorda em participar. A abordagem do observado é por vezes delicada e necessita de treino por parte do pesquisador. Torna-se improdutivo categorizar as atividades observadas previamente, posto que diferem muito de um contexto ao outro. Há que se ressaltar o aspecto relacionado à segurança do pesquisador que, muitas vezes, fica exposto a riscos, principalmente sociais, como locais utilizados como ponto de tráfico de drogas. Acredita-se que estes aspectos dificultam a observação em ambientes públicos ao ar livre, quando comparados aos ambientes privados, e que este seja um fator que reduz o interesse em se estudar tais ambientes.

Ainda em relação às questões metodológicas, realizar um estudo exploratório torna-se não apenas recomendado, mas fundamental. O pesquisador precisa conhecer em detalhes os contextos de análise e seu entorno e se as pessoas que o utilizam possuem as características que deseja observar. Este estudo possibilita conhecer o todo e, assim, o

pesquisador pode fazer os recortes metodológicos com um pouco mais de segurança, evitando caminhos desnecessários e desperdício de tempo.

Outra questão indispensável foi o uso de multi-métodos. O uso de multi-métodos traz segurança ao pesquisador em fazer afirmações e levantar questões/relativizar, uma vez que são vários enfoques sobre um mesmo fenômeno, e, conseqüentemente várias facetas de um mesmo objeto. O uso de multi-métodos pode nem sempre trazer profundas conclusões de causa e efeito, mas permite ampliar a visão do pesquisador. Acredita-se que esta é uma das contribuições da Psicologia Ambiental a Psicologia do Desenvolvimento, no sentido de unir esforços na compreensão do fenômeno estudado. É necessário, contudo, saber fazer uso dos multi-métodos, pois eles precisam dialogar.

## **8.1 Conclusões**

Em resumo, um ambiente seguro, diversificado e flexível possibilita não apenas a atividade física e a socialização, mas favorece habilidades cognitivas e psicológicas. Ao explorar o espaço a criança tem a oportunidade de criar seus mapas mentais, fazer descobertas, vivenciar situações novas e criar senso de independência. A cidade tem função educadora no desenvolvimento infantil, sendo que seus espaços devem ser receptivos, atrativos, seguros e possibilitar que as crianças, durante o seu tempo livre, possam vivenciar suas experiências cotidianas. Faz-se importante que essas alternativas sejam realizadas a partir da opinião e participação da população envolvida, suas preferências, demandas e especificidades do contexto. Neste sentido, o contato com o espaço urbano destinado à criança precisa ser ampliado para além dos domínios da residência e da escola. Iniciativas precisam ser realizadas no Brasil no sentido de qualificar os espaços públicos como ambientes saudáveis ao desenvolvimento integral das crianças.

O intuito de realizar esta pesquisa não foi o de criar um modelo ideal de planejamento dos espaços públicos ao ar livre, mas de conhecer os espaços que estão sendo disponibilizados, as atividades que são realizadas e os fatores que têm interferido no uso dos mesmos. Compreende-se que para investigar tais fatores é necessário conhecer os componentes e as trocas que ocorrem entre as pessoas e os contextos. O estudo, apesar de não apresentar resultados que possam ser generalizados, possibilitou ampliar a visão sobre a relação crianças e

espaços públicos ao ar livre, além de possibilitar a reflexão sobre as melhorias a serem realizadas em tais espaços para que favoreçam o desenvolvimento psicológico. Os dados permitem concluir que a investigação mais aprofundada da percepção de pais e crianças se faz necessária quando se almeja facilitar o uso das crianças nos espaços. Além disso, percebe-se que os espaços públicos ao ar livre precisam ser repensados, uma vez que o convívio em comunidade e com áreas verdes parece trazer benefícios à melhoria da qualidade de vida de crianças e adultos.

A revisão bibliográfica deixou claro que há um consenso entre os autores da Psicologia Ambiental e da Psicologia do Desenvolvimento sobre o potencial dos espaços ao ar livre para o desenvolvimento infantil. Percebe-se, contudo, que pouco se tem dado atenção ao estudo destes espaços, sobretudo aos públicos. O ambiente escolar tem sido o contexto de pesquisa mais freqüente. É fato que o ambiente escolar é indispensável para o desenvolvimento infantil, mas este talvez não seja o único motivo que leva os pesquisadores a optarem pelo estudo em tal local. Em termos metodológicos o espaço da escola, mesmo que ao ar livre como os pátios, oferece algumas facilidades em relação ao estudo do espaço público. O contrato com diretores e pais, por exemplo, é realizado previamente; as características das turmas como sexo, idade, renda, número de alunos são conhecidos; o tempo que vão permanecer no recreio é fixo e determinado; até mesmo as atividades que serão desenvolvidas costumam seguir uma regularidade de acordo com a faixa etária e a estrutura disponibilizada.

## 9. REFERÊNCIAS

- Alves, S. M., & Betrabet-Gulwadi, G. (2008) Interação humana com ambientes naturais: uma revisão no periódico Environment and Behavior. In: J. Q. Pinheiro, & H. Günther, *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (343-368). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Araújo, B. C., Vasconcelos, L. C., Nunes, M. F., & Valdetaroutor, U. B. (1998). *Comparação do Local de Lazer de Crianças que Moram em Condomínio Fechado das que Moram em Outros Tipos de Residência*. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Acesso em janeiro de 2009, disponível no URL: [www.unb.br/ip/lpa/pdf/tapa2001Lazer.pdf](http://www.unb.br/ip/lpa/pdf/tapa2001Lazer.pdf)
- Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. (1999). *Coletânea de normas de segurança de brinquedos de playground*. Rio de Janeiro: ABNT.
- Barbou, A. C. (1999). The Impact of Playground Design on the Play Behaviors of Children with Differing Levels of Physical Competence. *Early Childhood Research Quarterly*, 14(1), 75-98.
- Barker, R. G. (1968). *Ecological psychology: Concepts and methods for studying the environments of human behavior*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press.
- Bell, J. F., Wilson, J. S., & Liu, G. C. (2008). Neighborhood Greenness and 2-Year Changes in Body Mass Index of Children and Youth. *American Journal of Preventive Medicine*, 35(6), 547-553.
- Bernardo, F., & Palmas, J. M. (2005) Place Change and Identity Processes. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*. 6(1), 71-87.
- Bonaiuto, M., & Bonnes, M. (1996). Multiplace analysis of the urban environment: a comparison between a large and a small Italian city. *Environment and Behavior*, 28, 699–747.
- Borges, M. M. F. d. C. (2008). Diretrizes para projetos de parques infantis públicos. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In: T. Husten, & T. N. Postlethwaite (Orgs.), *International encyclopedia of education*, 3(2), 1643-1647. New York: Elsevier Science.

- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In: W. Damon, R. M. Lerner (Orgs.), *Handbook of child psychology*, 1, 993-1028. New York: John Wiley.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In: S. L. Friedman, & T. D. Wachs (Orgs.), *Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.
- Campos-de-Carvalho, M. (2003) Pesquisas contextuais e seus desafios: uma contribuição a partir de investigações sobre arranjos espaciais em creches. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 289-297.
- Campos-de-Carvalho, M., & Meneghini, R. (2003). Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 367-378.
- Carvalho, A. M., & Begnis, J. G. (2006) Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(1), 109-117.
- Carver, A., Timperio, A, & Crawford, D. (2008). Playing it safe: The influence of neighborhood safety on children's physical activity: A review. *Health & Place*, 14(2), 217-227.
- Castonguay, G. & Jutras, S. (2008). Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. *Journal of Environmental Psychology*, 1-9, doi:10.1016/j.jenvp.2008.05.002
- Castro, L. R. (1998). *Infância e Adolescência na Cultura de Consumo*. Rio de Janeiro: Nau.
- Chawla, L. (1997). Growing up in cities: a report on research under way. *Environment and Urbanization*, 9(2), 247-521.
- Copetti, F., & Krebs, R. J. (2004). As Propriedades da Pessoa na Perspectiva do Paradigma Bioecológico. In: S. Koller (Orgs.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 67-90). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Correa, M. L. T. (2006). *Psicologia Ambiental em um Hospital Infantil: uma análise comportamental enfatizando qualidade de vida e bem-estar*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontfíia Universidade Católica, São Paulo.
- Elali, G. A. (2003). O ambiente da escola: o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. *Estudos de psicologia*, 8(2), 309-319.
- Ellaway, A., Kirk, A., Macintyre, S., & Mutrie, N. (2007). Nowhere to play? The relationship between the location of outdoor play areas and deprivation in Glasgow. *Health & Place*, 13, 557–561.
- Fernandes, O. S. (2006). *Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Filho, H. G., Rigon, A. P., & Tabarelli, G. (s/d). *A percepção urbana na ótica infantil. Núcleo disciplinar de desenvolvimento regional*. Universidade Federal do Santa Maria, Santa Maria.
- Fjørtoft, I., & Sageie, J. (2000). The natural environment as a playground for children Landscape description and analyses of a natural playscape. *Landscape and Urban Planning*, 48, 83-97.
- Fusari, A. (2001, outubro). *As crianças e os direitos de cidadania: A cidade como comunidade educadora*. Fórum Mundial de Educação. Porto Alegre, RS. Acesso em janeiro de 2009, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>, S0101-3302002000200014
- Galvão, I. (1996). A questão do movimento no cotidiano de uma pré-escola. *Cadernos de Pesquisa*, 98, 37-49.
- Guareschi, N. M., Oliveira, F. P., Giannchini, L. G., Comunello, L. N., Nardini, M. L. (2002). A Rua, a Casa e a Escola: a construção de identidade de meninos e meninas. *Estudos de Pesquisa em Psicologia*, 2(2), 91-107.
- Günther, H. (2003). Mobilidade e affordance como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 273-280.
- Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características Definições e Implicações. In: J. Q. Pinheiro, & H. Günther (Orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 369-396). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Günther, I. A., & Cunha, L. F. (2004). Onde encontrar os jovens na psicologia ambiental? In: H. Günther, J. Q. Pinheiro, & R. S. Guzzo, *Psicologia Ambiental* (pp. 147-166). Campinas, SP: Alínea.
- Harada, M. J., Pedreira, M. L., & Andreotti, J. T. (2003). Segurança com brinquedos de parques infantis: uma introdução ao problema. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 11(3), 383-386.
- Hart, R. (1979). *Children's experience of place*. New York: Irvington.
- Herrington, S., & Studtmann, K. (1998). Landscape interventions: new directions for the design of children's outdoor play environments. *Landscape and Urban Planning*, 42, 191-205.
- Higuchi, M. I. (1999). *House, Street, Bairro and Mata: Ideas of Place and Space in Urban Location in Brazil*. Tese de Doutorado. Inglaterra: Brunel University.
- Higuchi, M. I. (2004). Memória, História e Meio Ambiente Natural. *Revista (In)Visível. Manaus: NPGU/CAU- CEULM/ULBRA*. 1(1).
- Holt, N. L., Spence, J. C., Sehn, Z. L., & Cutumisu, N. (2008). Neighborhood and developmental differences in children's perceptions of opportunities for play and physical activity. *Health & Place*, 14(1), 2-14.
- Hume, C., Jorna, M., Arundell, L., Saunders, J., Crawford, D., & Salmon, J. (2008). Are children's perceptions of neighborhood social environments associated with their walking and physical activity? *Journal of Science and Medicine in Sport*.
- Jutras, S. (2003). Allez jouer dehors! Contributions de l'environnement urbain au developpment et au bien- être des enfants. *Canadian Psychology Association/Société Psychologie Canadienne*. 44(3), 256-266.
- Keller, H. (1998). Exploratory behavior, place attachment, genius loci, and childhood concepts: Elements of understanding children's interactions with their environments. In: D. Görlitz, H. J. Harloff, G. Mey, & J. Valsiner (Orgs.), *Children, Cities, and Psychological Theories: Developing relationships* (pp. 455-468). Berlin/New York: de Gruyter.
- Kude, V. M. (1997). Como se faz um projeto de pesquisa qualitativa em Psicologia. *Revista de Psicologia*, 28(1), 9-34.
- Kuhnen, A. (2001). Sociedade e Meio Ambiente: Criação de sentido na interação entre a pessoa e seus espaços de vida. *Olam Ciência e Tecnologia*, 1(2), 62-76.

- Kuhnen, A. (2002). Lagoa da Conceição: Meio ambiente e modos de vida em transformação. Florianópolis: Cidade Futura.
- Kuhnen, A. (2008). O ambiente do sujeito e o sujeito do ambiente: os antecedentes de uma Psicologia Ambiental. (manuscrito)
- Kuhnen, A. (2009). Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: A. Kuhnen, R. M. Cruz, & E. Takase (Orgs.), Interações Pessoa-Ambiente e Saúde. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kuhnen, A, Luz, G. M., & Drews, A. (2004). Aspectos psicológicos das interações humano-ambientais: relação sócio-espacial e desenvolvimento da identidade de lugar na comunidade Chico Mendes – bairro Monte Cristo, Florianópolis, SC. Revista Extension, 1.
- Kuhnen, A., & Silveira, S. M. (2008). Como crianças percebem, idealizam e realizam o lugar onde moram. Psicologia USP, 19, 295-316.
- Legendre, A. (1997). Sensibilité à des contraintes environnementales et relations interpersonnelles chez des jeunes/enfants en groupes. Psychologie Française. 42(2), 157-168.
- Legendre, A. (1999). Interindividual Relationships in Groups of Young Children and Susceptibility to an Environmental Constraint. Environment and Behavior, 31(4), 463-486.
- Malho, M. J., & Neto, C. (2004). Espaço urbano e a independência de mobilidade na infância. Boletim do IAC, Lisboa, 73(11), 1-4.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 4(1), 63-77.
- Mekideche, T. (2004). Espaços para crianças na cidade de Argel: um estudo comparativo da apropriação lúdica dos espaços públicos. In: E. T. Tassara, & E. P. Rabinovich (Orgs.), Psicologia e Ambiente (pp. 143-167). São Paulo: Educ.
- Mendonça, E. M., (2007). Apropriações do espaço público: alguns conceitos. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 7(2), 122-132.
- Min, B., & Lee, J. (2006). Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain. Journal of Environmental Psychology, 26, 51-71.
- Moore, R. C. (1986). Childhood's domain: Play and place in child development. Croom Helm, London: Republished MIG Communications, Berkeley.

- Morin, E. (1982). *Ciência com consciência*. Lisboa: Public. Europa-América.
- Narvaz, M.G., & Koller, S. H. (2004). O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: S. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-66). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Neto, O. C., Moreira, M. R., & Sucena, L. F. (2002, novembro). Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, MG.
- Oliveira, C. (2004). *O ambiente urbano e a formação da criança*. São Paulo: Aleph.
- Pinheiro, J. Q. (2003). Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI: sustentável? In: O. H. Yamamoto, & V. V. Gouveia (Orgs.), *Construindo a Psicologia Brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 279-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinheiro, J. Q., Elali, G. A. & Fernandes, O. S. (2008). Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental. In: J. Q. Pinheiro, & H. Günther (Orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pires, E. K., & Mejias, N. P. (1998). Avaliação do ambiente e o comportamento de crianças de uma creche. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 50(3), 71-86.
- Pol, E. (1993). *Environmental Psychology in Europe: from Architectural Psychology to Green Psychology*. Aldershot, Reino Unido: Avebury.
- Polonia, A. C., Dessen, M. A., & Silva, N. L. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: M. A. Dessen, & A. L. Junior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano-tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed.
- Prezza, M., Alparone, F. R., Crisallo, C., & Luigi, S. (2005) Parental perception of social risk and of positive potentiality of outdoor autonomy for children: The development of two instruments. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 437-453.
- Proshansky, H. M. (1978). The city and self-identity. *Environment and Behavior*, 10(2), 147-169.

- Proshansky, H. M., Fabian, A., Karminoff, R. (1983). Place identity: physical world, socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, (3), 53-83.
- Rabinovich, E. P. (2004). Barra Funda, São Paulo: as transformações na vida das crianças e na cidade- um caso de estudo. In: H. Günther, J. Q. Pinheiro, & R. S. Guzzo (Orgs.), *Psicologia Ambiental* (pp. 55-100). Campinas, SP: Alínea.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3), 46-59.
- Ridgers, N. D., Stratton, G., Fairclough, S. J., & Twisk, J. W. (2007). Long-term effects of a playground markings and physical structures on children's recess physical activity levels. *Preventive Medicine*, 44(5), 393-397.
- Sager, F., Sperb, T. M., Roazzi, A., & Martins, M. F. (2003). Avaliação da Interação de Crianças em Pátios de Escolas Infantis: Uma abordagem da Psicologia Ambiental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 203-215.
- Sodré, L. G. (2005). As indicações das crianças sobre uma edificação adaptada para a educação infantil. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 5(1), 73-91.
- Spencer, C., & Woodley, H. (2000). Children and city: summary of recent environmental psychology research. *Child: Care, Health and Development*, 26(3), 181-198.
- Tiriba, L., & Barradas, M. S. (1993). Criança, meio ambiente e cidadania. *Revista Brasileira de Estudos em Pedagogia*, 176(74), 35-50.
- Tsoukala, K. (1995) La ville en tant qu'evironnant d'expériences por l'enfant. *Architecture & Comportement*, 11(1), 63-68.
- Tuan, Y. (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. (L. Oliveira, Trad.). São Paulo: DIFEL.
- Valentine, G., & Mckendrick, J. (1997). Children's Outdoor Play: Exploring parental concerns about children's safety and the changing nature of childhood. *Geoforum*, 28(2), 219-235.
- Valera, S. (1996). Psicologia ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In: L. Iñiguez, & E. Pol (Orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 1-14). Barcelona: Publicacions Universidad de Barcelona.

- Weir, L. A., Etelson, D., & Brand, D. A. (2006). Parents' perceptions of neighborhood safety and children's physical activity. *Preventive Medicine*, 43, 212-217.
- Wells, N. M. (2000). At home with nature: Effects of “greenness” on children’s cognitive functioning. *Environment & Behavior*, 32, 775-795.
- Zannon, C. M. (1991). Desenvolvimento psicológico da criança: questões básicas relevantes a intervenção comportamental no ambiente hospitalar. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 7(2), 119-136.

## 10. ANEXOS

### 1. Relação de Praças Públicas do Município de Criciúma disponibilizada pela Secretaria de Divisão Física e Territorial

Nº	Praça	Localidade (Bairro)	Lei	Data de inauguração
01	Abelle Colle	Comerciário	L2826	21/12/92
02	Afonso Milanese	Mina União	L2442	04/03/90
03	Antônio Assis Gonçalves	Pinheirinho	L4000	12/05/00
04	Bento Santiago Felipe	Santo Antonio	L1475	28/06/79
05	Calçada Paulo Marcus	Centro	L3521	23/12/97
06	Da Chaminé Sezostriz de Rezende Correa	Próspera	L2337	26/09/88
07	Da Democrática Resistência	Santa Luzia	L3147	29/09/95
08	Do Congresso	Centro	L92	27/04/53
09	Do Mineiro	Centro	L898	08/06/72
10	Do Trabalhador	Próspera	L1738	05/03/82
11	Domênico Sônego	Centro	L901	15/06/72
12	Dr. José Pimenteli	Santa Augusta	L3122	24/08/95
13	Engenheiro Sebastião Toldo dos Santos	Pinheirinho	L872	20/03/72
14	Esperandino Daminani	Pio Correa	L1282	13/09/76
15	Fernandes Henrique Lochs	Boa Vista	L1562	24/06/80
16	Florentina de Oliveira Costa – Dona Flor	Ceará	L4392	02/10/02
17	Gabriel Milanez	Pinheirinho	L1469	28/06/79
18	Gustavo Pedro de Freitas	Boa Vista	L3411	04/04/97
19	Hector Zanette	Morro Estevão	L1706	13/11/81
20	Ilda Biz Biff – Dona Ilda	São Marcos	L4479	25/04/03
21	Jerusalém	Pinheirinho	L2391	12/09/89
22	João Constante Milioli	Santa Luzia	L3962	21/03/00
23	João da Silva Ramos	Santos Dumont	L2264	11/12/87
25	José Felix Ribeiro	Boa Vista	L1806	29/10/82
26	Lucas Osvaldo Cruz	Próspera	L1877	21/12/82
27	Lucília Correa Hulse	Centro	L771	18/06/70
28	Maria de Assis Góes	Pio Correa	L3169	13/11/95
29	Maria Silva Rodrigues	Centro	L1566	07/07/80
30	Mário Diomário da Rosa	Cidade dos	L1657	18/05/81

		Mineiros		
31	Naspolini Cincinato	Próspera	L3121	24/08/95
32	Olavo Bilac	Pio Correa	L3169	13/11/95
33	Pascoal Borsatto	Sangão	L1181	12/05/75
34	Pavei Olivo	Vila São Domingos	L3505	16/12/97
35	Pedro Beneton	Rio Maina	L1005	10/10/73
36	Pedro Bratti	Metropolitana	L1557	24/06/80
37	Rita Dal Bó Benedet	Comerciário	L2939	22/04/94
38	Santa Augusta	Santa Augusta	L2263	11/12/87
39	Santa Bárbara	Santa Bárbara	L1831	25/11/82
40	Santos Salvador	Quarta Linha	L1680	01/07/81
41	São Luiz	Argentina	L857	02/12/71
43	Vereador Aloysius Back	Brasília	L1424	19/10/78
44	Walter de Bona Castelan	Santa Bárbara	L1607	03/12/80
45	XV de Novembro	Rio Maina	L1528	03/12/79

## 11. APÊNDICES

### 1. Planilha de avaliação dos espaços públicos ao ar livre

Parque/Praça			
Bairro			
Usos	Residencial		
	Comercial		
	Institucional		
Padrão sócio-econômico	Alto		
	Médio		
	Baixo		
Relação com a praça/área	Grande		
	Média		
	Pequena		
Mobiliário	Sim		
	Não		
Materiais	Madeira		
	Corrente		
	Ferro		
	Pneus		
	Corda		
	Fibra		
	Concreto		
Equipamentos	Balço de madeira		
	Balço de pneu		
	Balço de metal		
	Balço cadeirinha		
	Gangorra		
	Escorregador		
	Barras		
	Tanque de areia		
	Gira-gira		
	Vai-e-vem		
	Misto grande		
	Misto pequeno		
	Quadra		
Manutenção	Boa		

1.Pintura desgastada 2.Peças quebradas 3.Peças ausentes 4.Piso desgastado 5.Má integridade cercas 6.Vegetação alta 7. Local sujo				
	Razoável			
	Ruim			
Segurança dos equipamentos	Boa			
1.Pontas quebradas 2.Muito próximos 3.Terreno irregular	Razoável			
	Ruim			
Trânsito	Muito Intenso			
	Intenso			
	Pouco Intenso			
Segurança em relação à proximidade dos carros	Muito próximo			
	Próximo			
	Pouco próximo			
Iluminação	Sim			
	Não			
Vegetação	Muita			
	Média			
	Pouca			
Piso	Gramado			
	Areia			
	Terra			
	Concreto			
Sombra	Muita			
	Média			
	Pouca			
Sons (ruídos)	Muito			
	Médio			
	Pouco			
Em uso no momento da visita	Sim			
	Não			
Uso	Misto			
	Infantil			

## 2. Roteiro de entrevista responsáveis

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Turno: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo você mora neste bairro? \_\_\_\_\_
2. Você gosta de morar aqui? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
3. Você aconselharia algum amigo a vir morar neste bairro?  
( ) Sim ( ) Não
4. Em sua opinião, a vizinhança deste bairro é:

Muito ruim	Ruim	Razoável	Boa	Muito boa

5. E a segurança do bairro é:

Muito ruim	Ruim	Razoável	Boa	Muito boa

6. Com que frequência há assaltos/roubos neste bairro:

Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

7. E acidentes/atropelamentos:

Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

8. Quanto à pracinha que vocês têm aqui no bairro. Com que frequência seus filhos vão brincar lá:

Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

9. Seus filhos costumam ir à pracinha sozinhos?

Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

10. Em sua opinião, a pracinha é:

Muito ruim	Ruim	Razoável	Boa	Muito boa

11. Você acha que a pracinha é importante para as crianças? Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

12. Em sua opinião, o que seus filhos podem aprender brincando na pracinha:

- a) Fazer amigos ( )
- b) Ser mais responsáveis ( )
- c) Ser mais independentes ( )
- d) Defender-se sozinhos ( )
- e) Ser mais ativos fisicamente ( )
- f) Conhecer melhor o bairro ( )

13. Você acha que brincando na pracinha seus filhos podem:

- a) Ser atropelados ( )
- b) Ser assaltados ( )
- c) Brigar com outras crianças ( )
- d) Ter contato com pessoas mal intencionadas ( )

14. Em sua opinião, a pracinha precisa:

- a) Ser ampliada ( )
- b) Ser reformada ( )
- c) Ser mais segura ( )
- d) Ter mais vegetação ( )

- e) Ser mais atrativa ( )
- f) Ter mais brinquedos/quadras ( )
15. Qual a sua idade: \_\_\_\_\_
16. Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
17. Até que série você estudou?  
\_\_\_\_\_
18. Você trabalha fora de casa? ( ) Sim ( ) Não ( ) Do lar
19. Qual a renda familiar: \_\_\_\_\_
20. Você mora em casa ou apartamento? ( ) Casa ( ) Apto
21. Qual a distância da sua casa à pracinha? \_\_\_\_\_

### 3. Roteiro de entrevista crianças

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Turno: \_\_\_\_\_ Bairro residência: \_\_\_\_\_

1. Com que frequência você vem à pracinha:

Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre

2. Com quem costuma vir?

- a) sozinho ( )
- b) amigo (s) ( )
- c) irmão ( )
- d) pai/mãe ( )
- e) outro adulto ( )

3. Por que você vem à pracinha?

- a) Para brincar/jogar ( )
- b) Para andar de bicicleta/skate ( )
- c) Para conversar ( )
- d) Para fazer nada/ficar olhando ( )
- e) Para encontrar os amigos ( )
- f) Porque é próximo de casa ( )
- g) Por que o espaço é amplo ( )
- h) Por que é um espaço só das crianças/adolescentes ( )
- i) Outros. \_\_\_\_\_

4. O que você mais gosta na pracinha? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. O que você menos gosta? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Em sua opinião, a pracinha é:

Muito ruim	Ruim	Razoável	Boa	Muito boa

7. Tem algo que falta na pracinha e você gostaria que tivesse?

a) Brinquedos novos ( )

b) Quadra esportiva ( )

c) Mais espaço ( )

d) Vegetação ( )

e) Sombra ( )

f) Iluminação artificial ( )

g) Grades/cercas ( )

h) Bancos ( )

i) Outros. \_\_\_\_\_

8. Além da pracinha onde você costuma brincar? \_\_\_\_\_

9. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

10. Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

11. Você mora em casa ou apartamento? ( ) Casa ( ) Apto

12. Qual a distância da sua casa à pracinha? \_\_\_\_\_

13. Locomoção: \_\_\_\_\_

#### 4. Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezada Senhora:

Vimos, através deste, pedir a sua participação e de seu filho em uma pesquisa que está sendo realizada em Criciúma e que tem como título “Fatores intervenientes no uso dos espaços públicos ao ar livre por crianças”. Essa pesquisa tem como objetivo caracterizar os fatores que facilitam e dificultam o acesso e a mobilidade das crianças em espaços públicos ao ar livre.

**A participação é voluntária.** Caso aceite que seu filho e você participem, solicitamos a permissão para que possamos utilizar o questionário e a gravação que faremos. Apenas a pesquisadora terá acesso direto às informações neles relatadas. Estes procedimentos a princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que abordam tema referente a experiências e informações sobre as atividades de brincadeira de seus filhos. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelos telefones 99595341 ou 34458770. Eu, Sra: \_\_\_\_\_.

Considero-me informada sobre a pesquisa “Fatores intervenientes no uso dos espaços públicos ao ar livre por crianças”, e aceito que meu filho \_\_\_\_\_ participe da mesma, consentindo que os questionários e a filmagem sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

Criciúma, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## 5. Relação de Praças Públicas do Município de Criciúma atualizada

Nº	Praça	Localidade	Lei	Data
01	Abelle Colle	Comerciario	L2826	21/12/92
02	Afonso Milaneze	Mina União	L2442	04/03/90
03	Antônio Assis Gonçalves	Pinheirinho	L4000	12/05/00
04	Aristides Manoel Cardoso	Cruzeiro do Sul	L2764	01/09/92
05	Ascendino Eufrásio Lopes	Rio Maina	L4415	19/11/02
06	Bento Felipe Santiago	Santo Antonio	L1475	28/06/79
07	Calçadão Marcus Paulo	Centro	L3521	23/12/97
08	Calixto Scotti	Rio Maina	L4183	29/08/01
09	Da Chaminé Sezostriz de Rezende Correa	Próspera	L2337	26/09/88
10	Da Resistência Democrática	Santa Luzia	L3147	29/09/95
11	Do Congresso	Centro	L92	27/04/53
12	Do Mineiro	Centro	L898	08/06/72
13	Do Trabalhador	Próspera	L1738	05/03/82
14	Domênico Sônego	Centro	L901	15/06/72
15	Dr. José Pimenteli	Santa Augusta	L3122	24/08/95
16	Emílio Vital de Souza	Mina Brasil	L2798	23/11/98
17	Engenheiro Sebastião Toledo dos Santos	Pinheirinho	L872	20/03/72
18	Olavo Bilac	Pio Correa	L3169	13/11/95
19	Estanislau João dos Santos	Nossa Senhora da Salete	L2770	17/09/92
20	Fernandes Henrique Lochs	Boa Vista	L1562	24/06/80
21	Florentina de Oliveira Costa	Ceará	L4392	02/10/02

	– Dona Flor			
22	Gabriel Milanez	Pinheirinho	L1469	28/06/79
23	Gustavo Pedro de Freitas	Boa Vista	L3411	04/04/97
24	Hector Zanette	Morro Estevão	L1706	13/11/81
25	Hercílio Minato	Mãe Luzia	L4323	21/05/02
26	Ilda Biz Biff – Dona Ilda	São Marcos	L4479	25/04/03
27	Jerusalém	Pinheirinho	L2391	12/09/89
28	João Constante Milioli	Santa Luzia	L3962	21/03/00
29	João da Silva Ramos	Santos Dumond	L2264	11/12/87
30	José Felix Ribeiro (Centro Social Urbano)	Boa Vista	L1806	29/10/82
31	Lucas Osvaldo Cruz (rev. L3947/99)	Próspera	L1877	21/12/82
32	Lucilia Correa Hulse	Centro	L771	18/06/70
33	Luiz Darós	São Luiz	L2272	
34	Maria de Assis Góes	Pio Correa	L3169	13/11/95
35	Maria Silva Rodrigues	Centro	L1566	07/07/80
36	Mário Diomário da Rosa	Cidade dos Mineiros	L1657	18/05/81
37	Naspolini Cincinato	Próspera	L3121	24/08/95
38	Nelson de Bona Portão	Mineira Nova	L4162	01/06/01
39	Olivio Pavei	Vila São Domingos	L3505	16/12/97
40	Othilia Suppi Ronchi	Laranjinha	L3034	15/12/94
41	Pascoal Borsatto	Sangão	L1181	12/05/75
42	Pedro Beneton	Rio Maina	L1005	10/10/73
43	Pedro Bratti	Metropol	L1557	24/06/80

44	Rita Dal Bó Benedet	Comerciário	L2939	22/04/94
45	Santa Augusta	Santa Augusta	L2263	11/12/87
46	Santa Bárbara	Santa Bárbara	L1831	25/11/82
47	Santos Salvador	Quarta Linha	L1680	01/07/81
48	São Luiz	Argentina	L857	02/12/71
49	Vereador Aloysius Back	Brasília	L1424	19/10/78
50	Vereador Antonio de Jesus Costa	São Francisco	L4678	07/07/04
51	Walter de Bona Castelan	Santa Bárbara	L1607	03/12/80



## 7. Cronograma de coleta de dados na P1, P2, P3 e P4

Praça	Datas							
	03/05	10/05	22/05	23/05	26/05	28/05	29/05	31/05
1	V	M	---	---	---	---	---	V
2	---	M	V	M/V	---	M/V	V	---
3	---	M	V	---	---	V	---	---
4	M	V	---	---	M	---	---	V
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

Praça	Datas						
	04/06	05/06	06/06	20/06	28/06	05/07	12/07
1	---	---	M	---	V	V	---
2	V	V	---	---	---	---	---
3	V	---	V	V	---	---	---
4	---	---	---	---	---	---	V
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Praça	Datas			Total
	18/07	19/07	31/07	
1	V	---	---	7
2	---	---	---	9
3	---	V	V	8
4	---	V	---	6
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>30</b>

## 8. Teste de concordância Nº 1

LOCAL: contexto 3

DATA: 06/06/09

S T QUA QUI SEX SAB  
D

Ordem	Horário	Ativ.	Obs.
1	01:34	10	
2	00:09	4	
3	01:31	10	
4	00:08	4	
5	02:10	10	
6	00:03	4	
7	0:22	10	
8	00:04	4	
9	02:26	10	
10	00:04	4	
Total	09:31		

SESSÃO:

Início:10h05 Final: 10h15

Sexo: (X ) Fem ( ) Masc

Idade: 10 anos

LOCAL: contexto 3

DATA: 06/06/09

S T QUA QUI SEX  
SAB D

Ordem	Horário	Ativ.	Obs.
1	01:31	10	
2	00:13	2	
3	01:28	10	
4	00:03	2	
5	00:08	4	
6	02:07	10	
7	00:05	4	
8	01:18	10	
9	00:07	2	
10	02:29	10	
11	00:07	4	
Total	09:36		

**9. Teste de concordância nº 2**

LOCAL: contexto 1

DATA: 06/06/09

S T QUA QUI SEX SAB  
D

Ordem	Horário	Ativ.	Obs.
1	04:35	2	
2	00:02	4	
3	00:21	2	
4	01:45	9	
5	00:10	4	
6	01:10	9	
7	01:50	2	
8	00:04	4	
9	01:07	9	
10	00:13	4	
Total	11:17		

Sessão:

Início:15h39 Final: 15h50

Sexo: ( ) Fem (X) Masc

Idade: 9 anos

LOCAL: contexto 1

DATA: 06/06/09

S T QUA QUI SEX  
SAB D

Ordem	Horário	Ativ.	Obs.
1	04:32	2	
2	00:05	4	
3	00:18	2	
4	01:48	9	
5	00:13	4	
6	00:05	2	
7	01:02	9	
8	01:46	2	
9	00:08	4	
10	01:03	9	
11	00:14	4	
Total	11:14		

## 10. Relação de praças com áreas de recreação infantil de Criciúma

Nº	NOME	BAIRRO	M²
1	José Félix Ribeiro	Boa Vista	8.310,92
2	Praça Abelle Colle	Comerciário	1.545,16
3	Praça Antônio Assis Gonçalves	Pinheirinho	2.768,50
4	Praça Calixto Scotti	Rio Maina	2.240,16
5	Praça Bento Felipe Santiago	Santo Antônio	1.532,86
6	Praça Da Chaminé	Próspera	10.178,03
7	Praça Do Congresso	Centro	13.819,99
8	Praça Do Trabalhador	Próspera	8.687,42
9	Praça Domênico Sônego	Centro	2.547,08
10	Praça Emílio Vital De Souza	Mina Brasil	3.190,86
11	Praça Florentina De Oliveira Costa	Ceará	1.629,88
12	Praça Gabriel Milanez	Pinheirinho	1.924,15
13	Praça Ida Biz Biff - Dona Ilda	São Marcos	1.068,77
14	Praça Lucas Osvaldo Cruz	Próspera	932,55
15	Praça Maria De Assis Góes	Pio Correa	4.691,92
16	Praça Pascal Borsato	Sangão	1.625,47
17	Praça Pedro Benetton	Rio Maina	6.660,53
18	Praça Pedro Bratti	Metropolitana	1.946,51
19	Praça Santa Bárbara	Santa Bárbara	12.677,84
20	Praça São Luiz	Brasília	7.516,23
21	Praça Ver. Alousius Back	Brasília	5.589,36
22	Parque Centenário	Pinheirinho	200.158,93
<b>TOTAL</b>			<b>301.243,12</b>

## 11. Cronograma de visita às praças avaliadas

Nº	Praça	Data	Turno
01	Antônio Assis Gonçalves	01/03/09	10h00
02	José Félix Ribeiro	01/03/09	11h00
03	Da Chaminé	01/03/09	15h30
04	Parque Centenário	01/03/09	17h00
05	Gabriel Milaneze	08/03/09	16h00
06	Vereador Aloysius Back	08/03/09	17h00
07	Do Trabalhador	08/03/09	17h30
08	Pascoal Borsatto	14/03/09	9h00
09	Pedro Benetton	14/03/09	9h30
10	Pedro Bratti	14/03/09	9h50
11	Ilda Biz Biff	14/03/09	10h15
12	Domênico Sônego	14/03/09	11h00
13	Dona Flor	14/03/09	16h30
14	São Luiz	14/03/09	17h00
15	Mª Assis Góes	14/03/09	17h30
16	Abelle Colle	15/03/09	16h15
17	Santa Bárbara	15/03/09	17h00
18	Do Congresso	19/04/09	10h00
19	Bento Felipe Santiago	19/04/09	11h00
20	Calixto Scotti	19/04/09	15h00
21	Lucas Osvaldo Cruz	19/04/09	16h00
22	Emílio Vidal De Souza	19/04/09	17h00

## 12. Planilha com os resultados das praças avaliadas

Praça/Parque		Antônio Assis Gonçalves	José Felix Ribeiro (quadra)	Parque Centenário
Usos	Residencial		X	
	Comercial	X		
	Institucional			X
Padrão sócio-econômico	Alto			
	Médio	X		X
	Baixo		X	
Relação com a praça	Grande		X	
	Média	X		
	Pequena			X
Materiais	Madeira	X	X	X
	Ferro	X	X	
	Pneus			
	Fibra			
	Concreto		X	
Equipamentos	Balanço de madeira	X	NA	X
	Balanço de pneu		NA	
	Balanço de metal		NA	
	Balanço		NA	

	cadeirinha			
	Gangorra	X	NA	
	Escorregador	X	NA	X
	Barras		NA	
	Tanque de areia		NA	
	Gira-gira		NA	
	Vai-e-vem		NA	
	Misto grande		NA	
	Misto pequeno		NA	
	Casinha		NA	
Manutenção	Pintura descascada		X	X
	Peças quebradas	X	X	X
	Peças ausentes	X	X	X
	Piso desgastado	X	X	X
	Má integridade dos cercamentos			
	Vegetação Alta		X	
	Local sujo		X	

Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas	X	X	
	Muito próximos			
	Terreno irregular		X	
Trânsito	Muito Intenso	X		
	Intenso			
	Pouco Intenso		X	X
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo	X		X
	Próximo		X	
	Pouco próximo			
Iluminação	Natural		X	
	Artificial	X		X
Vegetação	Muita			
	Média			X
	Pouca	X	X	
Piso	Gramado	X	X	X
	Areia			
	Terra			
	Concreto		X	
Sons (ruídos)	Muito intenso			

	Intenso	X		
	Pouco intenso		X	X
Sombra	Muita			
	Média			
	Pouca			X
Em uso na visita	Sim	X	X	
	Não			X

Praça/Parque		Parque Centenário (pista/quadras)	Da Chaminé	Do Traba
Usos	Residencial			X
	Comercial			
	Institucional	X	X	X
Padrão sócio-econômico	Alto			X
	Médio	X	X	
	Baixo			
Relação com a praça	Grande			
	Média			
	Pequena	X	X	X
Materiais	Madeira	X	X	X
	Ferro	X	X	X
	Pneus			
	Fibra			

	Concreto	X		
Equipamentos	Balanço de madeira	NA	X	X
	Balanço de pneu	NA		
	Balanço de metal	NA		
	Balanço cadeirinha	NA		
	Gangorra	NA	X	X
	Escorregador	NA		X
	Barras	NA		
	Tanque de areia	NA		
	Gira-gira	NA	X	
	Vai-e-vem	NA		
	Misto grande	NA		
	Misto pequeno	NA		
Casinha	NA			
Manutenção	Pintura descascada		X	X
	Peças quebradas		X	
	Peças ausentes			X
	Piso			X

	desgastado			
	Má integridade dos cercamentos			
	Vegetação Alta	X		X
	Local sujo			
Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas		X	
	Muito próximos		X	X
	Terreno irregular			
Trânsito	Muito Intenso	X		
	Intenso		X	X
	Pouco Intenso			
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo	X		
	Próximo		X	X
	Pouco próximo			
Iluminação	Natural			
	Artificial	X	X	X
Vegetação	Muita		X	

	Média	X		X
	Pouca			
Piso	Gramado			X
	Areia		X	
	Terra			
	Concreto	X		X
Sons (ruídos)	Muito intenso			
	Intenso	X		
	Pouco intenso		X	
Sombra	Muita		X	
	Média			X
	Pouca			
Em uso na visita	Sim	X	X	X
	Não			

Praça/Parque		Do Traba (quadra)	Vereador Aloysius Back	Vereador Aloysius Back (quadra)
Usos	Residencial	X	X	X
	Comercial			
	Institucional	X		
Padrão sócio-	Alto	X		

econômico	Médio		X	X
	Baixo			
Relação com a praça	Grande			
	Média			
	Pequena	X	X	X
Materiais	Madeira	X	X	
	Ferro	X	X	X
	Pneus			
	Fibra			
	Concreto	X		
Equipamentos	Balanço de madeira	NA		NA
	Balanço de pneu	NA		NA
	Balanço de metal	NA		NA
	Balanço cadeirinha	NA		NA
	Gangorra	NA	X	NA
	Escorregador	NA		NA
	Barras	NA	X	NA
	Tanque de areia	NA		NA
	Gira-gira	NA	X	NA
	Vai-e-vem	NA		NA
	Misto grande	NA		NA

	Misto pequeno	NA		NA
	Casinha	NA		NA
Manutenção	Pintura descascada	X	X	
	Peças quebradas	X	X	
	Peças ausentes			
	Piso desgastado	X	X	
	Má integridade dos cercamentos	X		
	Vegetação Alta	X	X	X
	Local sujo		X	
Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas	X	X	
	Muito próximos			
	Terreno irregular			
Trânsito	Muito Intenso			
	Intenso	X	X	

	Pouco Intenso			X
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo	X	X	
	Próximo			X
	Pouco próximo			
Iluminação	Natural		X	X
	Artificial	X		
Vegetação	Muita			
	Média	X	X	X
	Pouca			
Piso	Gramado		X	
	Areia		X	X
	Terra			
	Concreto	X	X	
Sons (ruídos)	Muito intenso			
	Intenso			
	Pouco intenso			
Sombra	Muita		X	
	Média			
	Pouca	X		X
Em uso na visita	Sim	X	X	X
	Não			

Praça/Parque		Gabriel Milanez (quadra)	Abelle Colle	Domênico Sônego	Domênico Quadra
Usos	Residencial	X	X		
	Comercial	X		X	X
	Institucional	X	X	X	X
Padrão sócio-econômico	Alto		X		
	Médio	X			
	Baixo			X	X
Relação com a praça	Grande				
	Média	X	X		
	Pequena				X
Materiais	Madeira	NA	X		
	Ferro	NA	X	X	
	Pneus	NA		X	X
	Fibra	NA		X	
	Concreto	NA			
Equipamentos	Balanço de madeira	NA	X		X
	Balanço de pneu	NA	X		
	Balanço de metal	NA			X
	Balanço cadeirinha	NA		X	NA
	Gangorra	NA			NA

	Escorregador	NA	X		NA
	Barras	NA			NA
	Tanque de areia	NA		X	NA
	Gira-gira	NA	X	X	NA
	Vai-e-vem	NA			NA
	Misto grande	NA			NA
	Misto pequeno	NA			NA
	Casinha	NA			NA
Manutenção	Pintura descascada		X		NA
	Peças quebradas		X		NA
	Peças ausentes				NA
	Piso desgastado	X		X	
	Má integridade dos cercamentos	X			
	Vegetação Alta	X		X	
	Local sujo				
Segurança dos	Pontas Quebradas		X	X	

equipamentos	Muito próximos				X
	Terreno irregular				
Trânsito	Muito Intenso			X	
	Intenso	X	X	X	
	Pouco Intenso				
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo	X	X		X
	Próximo				
	Pouco próximo			X	
Iluminação	Natural	X	X	X	X
	Artificial				
Vegetação	Muita				
	Média				
	Pouca			X	X
Piso	Gramado	X	X		
	Areia				
	Terra		X	X	X
	Concreto				
Sons (ruídos)	Muito intenso			X	
	Intenso				
	Pouco	X			X

	intenso				
Sombra	Muita		X		
	Média				
	Pouca	X		X	X
Em uso na visita	Sim	X	X		
	Não				

Praça/Parque		Dona Flor	Dona Flor Quadra	M <sup>a</sup> de Assis Góes	São Luiz
Usos	Residencial				
	Comercial	X	X	X	X
	Institucional				X
Padrão sócio-econômico	Alto	X	X		
	Médio			X	
	Baixo	X	X		
Relação com a praça	Grande				X
	Média				X
	Pequena	X	X	X	
Materiais	Madeira				
	Ferro	X	X	X	X
	Pneus	X	X	X	X
	Fibra			X	
	Concreto				
Equipamentos	Balço de madeira				

	Balço de pneu				
	Balço de metal	X	NA	X	X
	Balço cadeirinha		NA		
	Gangorra		NA		
	Escorregador		NA		
	Barras	X	NA	X	X
	Tanque de areia	X	NA	X	X
	Gira-gira		NA		
	Vai-e-vem		NA		
	Misto grande	X	NA	X	
	Misto pequeno		NA		
	Casinha		NA	X	
Manutenção	Pintura descascada		NA	X	
	Peças quebradas		NA		
	Peças ausentes	X	X		X
	Piso desgastado	X	X	X	X
	Má integridade		X		X

	dos cercamentos				
	Vegetação Alta				X
	Local sujo		X		
Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas	X	X		X
	Muito próximos				X
	Terreno irregular	X	X	X	X
Trânsito	Muito Intenso	X			X
	Intenso				
	Pouco Intenso				
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo				
	Próximo				X
	Pouco próximo				X
Iluminação	Natural	X	X		
	Artificial			X	
Vegetação	Muita				X
	Média	X	X	X	
	Pouca				
Piso	Gramado				

	Areia	X	X	X	X
	Terra	X		X	X
	Concreto			X	
Sons (ruídos)	Muito intenso				
	Intenso		X		
	Pouco intenso				
Sombra	Muita				
	Média				X
	Pouca				
Em uso na visita	Sim				
	Não	X	X	X	
			X	X	
		X			X

Praça/Parque		Dona Ilda	Pascoal Borsatto	Pedro Beneton	Pedro Bratti
Usos	Residencial				
	Comercial	X		X	X
	Institucional			X	X
Padrão sócio-econômico	Alto		X	X	X
	Médio				
	Baixo		X	X	X
Relação com	Grande	X			

a praça	Média	X			
	Pequena				
Materiais	Madeira		X	X	X
	Ferro	X	X	X	X
	Pneus	X	X		X
	Fibra				
	Concreto				
Equipamentos	Balanço de madeira				
	Balanço de pneu				
	Balanço de metal	X		X	X
	Balanço cadeirinha				
	Gangorra				
	Escorregador				
	Barras	X	X	X	X
	Tanque de areia	X	X		X
	Gira-gira				
	Vai-e-vem				
	Misto grande				
	Misto pequeno				
	Casinha				
Manutenção	Pintura				

	descascada				
	Peças quebradas				
	Peças ausentes	X	X		X
	Piso desgastado	X	X	X	
	Má integridade dos cercamentos	X	X	X	X
	Vegetação Alta	X			X
	Local sujo				
Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas	X			X
	Muito próximos	X			
	Terreno irregular	X	X		
Trânsito	Muito Intenso	X		X	
	Intenso				
	Pouco Intenso		X	X	
Segurança em relação a	Muito próximo				

proximidade dos carros	Próximo	X			X
	Pouco próximo	X		X	X
Iluminação	Natural		X		
	Artificial				
Vegetação	Muita	X			
	Média		X	X	X
	Pouca				X
Piso	Gramado			X	
	Areia	X	X		
	Terra	X	X	X	X
	Concreto				X
Sons (ruídos)	Muito intenso	X			
	Intenso				
	Pouco intenso				
Sombra	Muita				
	Média		X	X	
	Pouca	X			
Em uso na visita	Sim			X	X
	Não		X		
		X			X
			X	X	

Praça/Parque		Lucas Osvaldo Cruz	Emílio V. Souza	Congresso
Usos	Residencial			
	Comercial	X	X	X
	Institucional			X
Padrão sócio-econômico	Alto		X	X
	Médio		X	X
	Baixo	X		
Relação com a praça	Grande			
	Média			
	Pequena	X		
Materiais	Madeira		X	X
	Ferro	X	X	X
	Pneus	X	X	X
	Fibra	X	X	X
	Concreto			
Equipamentos	Balanço de madeira			X
	Balanço de pneu			
	Balanço de metal			
	Balanço cadeirinha	X	X	
	Gangorra			

	Escorregador			
	Barras			X
	Tanque de areia	X	X	X
	Gira-gira	X		X
	Vai-e-vem			
	Misto grande			
	Misto pequeno	X	X	X
	Casinha			X
Manutenção	Pintura descascada			X
	Peças quebradas			
	Peças ausentes			
	Piso desgastado		X	X
	Má integridade dos cercamentos		X	X
	Vegetação Alta	X	X	X
	Local sujo	X	X	
Segurança dos	Pontas Quebradas			

equipamentos	Muito próximos		X	
	Terreno irregular		X	X
Trânsito	Muito Intenso		X	X
	Intenso		X	
	Pouco Intenso			
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo			
	Próximo			
	Pouco próximo	X	X	X
Iluminação	Natural			
	Artificial	X	X	X
Vegetação	Muita			
	Média			
	Pouca	X	X	X
Piso	Gramado		X	X
	Areia	X		
	Terra			
	Concreto	X	X	
Sons (ruídos)	Muito intenso			X
	Intenso			
	Pouco			

	intenso			
Sombra	Muita	X		X
	Média		X	
	Pouca			
Em uso na visita	Sim			X
	Não	X	X	

Praça/Parque		Santa Bárbara	Santa Bárbara (quadra)	Calixto Scotti	Bento Felipe
Usos	Residencial				
	Comercial	X	X	X	
	Institucional			X	X
Padrão sócio-econômico	Alto	X	X	X	X
	Médio				
	Baixo	X	X	X	
Relação com a praça	Grande				X
	Média				
	Pequena	X	X	X	
Materiais	Madeira				X
	Ferro	X		X	X
	Pneus	X			
	Fibra			X	X
	Concreto				
Equipamentos	Balço de madeira				

	Balço de pneu				
	Balço de metal	X	NA		X
	Balço cadeirinha	X	NA	X	NA
	Gangorra		NA		NA
	Escorregador		NA		NA
	Barras	X	NA		NA
	Tanque de areia		NA	X	NA
	Gira-gira	X	NA		NA
	Vai-e-vem		NA		NA
	Misto grande	X	NA		NA
	Misto pequeno		NA		NA
	Casinha		NA		NA
Manutenção	Pintura descascada		NA		NA
	Peças quebradas		NA		NA
	Peças ausentes	X			NA
	Piso desgastado	X		X	X
	Má integridade	X		X	X

	dos cercamentos				
	Vegetação Alta	X		X	X
	Local sujo			X	X
Segurança dos equipamentos	Pontas Quebradas				X
	Muito próximos				
	Terreno irregular	X		X	
Trânsito	Muito Intenso				X
	Intenso				
	Pouco Intenso				
Segurança em relação a proximidade dos carros	Muito próximo				
	Próximo				X
	Pouco próximo			X	
Iluminação	Natural	X			
	Artificial		X	X	X
Vegetação	Muita				
	Média	X	X		
	Pouca			X	X
Piso	Gramado	X	X		

	Areia			X	X
	Terra	X	X		
	Concreto	X	X	X	
Sons (ruídos)	Muito intenso				
	Intenso				
	Pouco intenso				X
Sombra	Muita				
	Média			X	
	Pouca				X
Em uso na visita	Sim	X	X		
	Não			X	X

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)